

Paul Auster

ROMANCE

timbuktu



ASA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Paul Auster

ROMANCE

timbuktu

ASA



Ficha Técnica

Título: Timbuktu
Título original: Timbuktu
Autor: Paul Auster
Tradução: José Vieira de Lima
Revisão: Carolina Matias
Desenho de capa e ilustração do autor: Rui Garrido
ISBN: 9789892351414

Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdova, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

© Paul Auster
c/o Schavelzon Graham Agência Literaria
www.schavelzongraham.com
© 2000, Edições ASA II, S.A.

Publicado originalmente nos EUA em 1999.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.asa.leya.com
www.leya.pt

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Índice

Capa

Ficha Técnica

1

2

3

4

5

PAUL AUSTER

TIMBUKTU

Para Robert McCrum

Mr. Bones sabia que Willy já não ia andar muito tempo neste mundo. A tosse não o largava havia mais de seis meses e agora é que ele já não tinha nem a mais remota hipótese de se ver livre dela. Lenta e inexoravelmente, sem nunca dar mostras de abrandar, a coisa ganhara uma vida própria, avançando de uma vaga farfalheira nos pulmões, cheia de muco, no dia 3 de fevereiro, para as convulsões escarrentas e os arquejantes terremotos de monco e pus, no pino do verão. Tudo isso já era suficientemente mau, mas, nas duas últimas semanas, infiltrara-se na música brônquica uma nova tonalidade – uma coisa tensa, silicosa, percussiva – e os ataques sucediam-se agora com tal frequência que eram quase constantes. Sempre que um desses ataques começava, Mr. Bones ficava quase à espera que o corpo de Willy explodisse à mercê daqueles paus de dinamite que rebentavam na sua caixa torácica. Imaginava que o sangue seria o próximo passo. Quando esse momento fatal finalmente chegou, na tarde de sábado, foi como se todos os anjos do céu tivessem aberto a boca e desatassem a cantar. Mr. Bones viu a coisa acontecer com os seus próprios olhos. Estava parado na berma da estrada entre Washington e Baltimore quando Willy escarrou dois ou três miseráveis coágulos de matéria vermelha para o seu lenço e, nesse preciso momento, nessa mesma berma, Mr. Bones ficou a saber que toda e qualquer réstia de esperança se havia esfumado. O cheiro da morte cravara-se em Willy G. Christmas e, tão certo como o sol ser uma lâmpada nas nuvens que se apagava e acendia todos os dias, também o seu fim ali estava, mesmo ao virar da esquina.

Que havia de fazer um pobre cão? Mr. Bones estava com Willy desde os seus tempos de cachorrinho, e agora era-lhe praticamente impossível imaginar um mundo em que o dono não estivesse presente. Todos os pensamentos, todas as memórias, todas as partículas da terra e do ar estavam impregnados da presença de Willy. Os hábitos custam a morrer, e sem dúvida que há alguma verdade no adágio que fala de cães velhos e novas habilidades¹, mas era mais do que mera afeição ou devoção aquilo que o levava a temer o que aí vinha. Era puro terror ontológico. Tirassem Willy do mundo e o mais provável era que o próprio mundo deixasse de existir.

Tal era o dilema com que Mr. Bones se debatia naquela manhã de agosto enquanto se arrastava pelas ruas de Baltimore com o dono doente. Um cão sozinho não valia mais do que um cão morto e, mal Willy desse o último suspiro, Mr. Bones não teria outra coisa a esperar da vida senão o seu próprio fim. Há muitos dias que Willy o vinha advertindo para uma tal contingência e Mr. Bones já conhecia de cor todas as manhas: como evitar os guardas e os tipos que andavam à caça dos cães sem licença,

as carrinhas das patrulhas e os carros da polícia sem identificação, os hipócritas das sociedades ditas humanas. Mesmo que nos falassem com toda a meiguice do mundo, a palavra «abrigo» tinha um só significado: uma grande enrascada. Aquilo começava com redes e espingardas com tranquilizantes, degenerava num pesadelo de jaulas e lâmpadas fluorescentes e acabava com uma injeção letal ou com uma dose de gás venenoso. Se pelo menos fosse um cão de raça, até era possível que tivesse algumas hipóteses de encontrar um novo dono nos concursos de beleza diários, mas a verdade é que o inseparável companheiro de Willy era uma completa embrulhada de traços genéticos – um bocado de *collie*, outro de *labrador*, outro de *spaniel*, outro ainda de *puzzle* canino – e, para piorar ainda mais as coisas, tinha umas rebarbas de porcária espichando do pelo andrajoso, fedores vários emanando da boca e uma perpétua tristeza injetada de sangue espreitando nos olhos. Ninguém ia querer salvá-lo. Como o bardo sem abrigo gostava de dizer, o desfecho estava gravado no mármore. A menos que encontrasse rapidamente outro dono, o vira-lata estava condenado ao esquecimento.

– E se as espingardas com tranquilizantes não te apanharem – prosseguiu Willy, colado a um poste de iluminação naquela nevoenta manhã em Baltimore, única maneira de não se estatelar ao comprido –, há montes de outras coisas que te vão apanhar. Estou a avisar-te, *kemo sabez*. Ou arranjas outro otário que fique contigo, ou podes crer que tens os dias contados. Repara-me bem no desconsolo desta cidade. Há um restaurante chinês em todos os quarteirões, e se pensas que os tipos não vão ficar com água na boca quando passares por eles na rua, então é porque não sabes peva de cozinha oriental. Eles pelam-se por carne de cão, amigo. Os cozinheiros apanham os cães vadios e abatem-nos no beco escuro que dá para a cozinha: dez, vinte, trinta cães por semana. Podem vendê-los por pato ou por porco, mas os conhecedores sabem distinguir muito bem, os *gourmets* não se deixam endrominar. Se não queres acabar numa travessa de *moo goo gai pan*³, vais ter de pensar duas vezes antes de desatares a dar ao rabo diante de uma daquelas tascas chinas. Estás a ver aonde eu quero chegar, Mr. Bones? Conhece o teu inimigo, e mantém-te ao largo.

Mr. Bones compreendia. Compreendia tudo o que Willy lhe dizia. Sempre fora assim desde que se lembrava, e agora o seu entendimento do *ingloosh*⁴ era tão bom como o de qualquer outro imigrante ao fim de sete anos em solo americano. Era a sua segunda língua, é claro, e completamente diferente daquela que a mãe lhe ensinara; e embora a sua pronúncia deixasse algo a desejar, dominava na perfeição todas as peculiaridades da sintaxe e da gramática. Nada disto deveria ser considerado estranho ou invulgar para um animal com a inteligência dele. A maior parte dos cães adquire um bom conhecimento prático da linguagem dos duas patas, mas, no caso de Mr. Bones, havia a vantagem de lhe ter calhado em sorte um dono que não o tratava como uma criatura inferior. Eram bons camaradas desde o primeiro momento. Para isto contribuiu o facto de Mr. Bones ser não só o melhor amigo de Willy, mas também o seu único amigo. Se considerarmos ainda que Willy era um homem apaixonado pelo som da sua própria voz, um genuíno e ferrenho logomaníaco que não conseguia parar de falar desde o instante em que abria os olhos de manhã até que caía de bêbedo à noite, ninguém estranhará que Mr. Bones tivesse acabado por se sentir tão à vontade no linguajar nativo. Tudo considerado, a única surpresa residirá por certo no facto de

Mr. Bones não ter aprendido a falar melhor. Não que ele não se tivesse esforçado seriamente por isso, mas a verdade é que a biologia estava contra ele. Com aquela configuração de focinho, dentes e língua que o destino lhe impingira, não era de admirar que não conseguisse fazer melhor do que emitir uma série de latidos, bocejos e uivos, enfim, um tipo de discurso desgarrado e atabalhado. Estava dolorosamente consciente da imensa distância que separava esses ruídos da linguagem humana, mas Willy deixava-o sempre botar palavra e, no fundo, o que realmente contava era isso. Mr. Bones tinha toda a liberdade para exprimir a sua opinião e, sempre que o fazia, o dono prestava-lhe toda a atenção, de tal forma que se alguém atentasse por um momento na expressão de Willy enquanto observava o amigo a debater-se para imitar os membros da tribo humana, por certo juraria que ele não perdia uma única palavra.

Contudo, naquele sombrio domingo em Baltimore, Mr. Bones não abriu boca. Não lhes restavam mais do que uns quantos dias juntos, talvez mesmo não mais que umas horas, e aquele não era o momento indicado para se dedicar a longos discursos ou contorções malucas, nem tão-pouco para se entregar às velhas momices. Certas situações exigiam tato e disciplina e, tendo em conta o transe por que estavam a passar, seria sem dúvida preferível ficar de bico calado e comportar-se como um cão atinado e leal. Sem um protesto, deixou que Willy lhe enfiasse a trela na coleira. Não ganiu uma única vez por não ter comido nada nas últimas trinta e seis horas; não farejou o ar à procura de odores de fêmea; não parou para mijar em todos os candeeiros de iluminação e bocas de incêndio. Limitou-se a caminhar ao lado de Willy, acompanhando o dono ao longo das avenidas vazias, em busca do número 316 de Calvert Street.

Mr. Bones não tinha nada contra Baltimore em si mesma. Não cheirava pior do que qualquer outra cidade em que tinham acampado ao longo dos anos, mas, ainda que compreendesse o objetivo da viagem, afligia-o pensar que um homem pudesse resolver passar os seus últimos momentos num sítio onde nunca havia estado. Um cão nunca cometeria esse disparate. Faria as pazes com o mundo e depois trataria de ir desta para melhor num local conhecido, familiar. Mas Willy ainda tinha duas coisas para fazer antes de morrer e, com a sua típica obstinação, metera na cabeça que, em todo o mundo, só havia uma pessoa capaz de o ajudar. O nome dessa pessoa era Bea Swanson e, como o último paradeiro conhecido da dita Bea Swanson era Baltimore, para Baltimore tinham seguido na esperança de a encontrarem. Tudo isso estava muito bem, sim senhor, nada a opor, mas imaginemos que o plano de Willy falhava. Mr. Bones ficaria só e desamparado naquela cidade de pastéis de caranguejos e degraus de mármore e, assim sendo, o que é que ia ser dele depois? Um telefonema teria resolvido o caso em meio minuto, mas Willy tinha um horror filosófico ao telefone quando precisava de tratar de assuntos importantes. Preferia caminhar dias a fio a pegar numa dessas engenhocas e falar com alguém que não podia ver. De maneira que ali estavam eles, a mais de trezentos quilómetros de casa, deambulando sem mapa pelas ruas de Baltimore, à procura de uma morada que podia ou não existir.

Quanto às duas coisas que Willy esperava ainda realizar antes de morrer, não se pode dizer que uma fosse mais importante do que a outra. Para ele, ambas tinham exatamente a mesma fundamental importância; e como o tempo estava a tornar-se demasiado escasso para tratar delas separadamente, congeminara aquilo a que

chamava o *Plano Chesapeake*: uma manobra de última hora para matar dois coelhos de uma cajadada. O primeiro coelho foi já discutido nos parágrafos anteriores: encontrar um novo poiso para o seu lanzudo companheiro. O segundo consistia em dar um destino seguro às suas próprias coisas e certificar-se de que os manuscritos ficavam em boas mãos. Naquele momento, a obra da sua vida estava enfiada num cacifo que alugara no terminal dos autocarros *Greyhound*, em Fayette Street, dois quarteirões e meio a norte do local onde ele e Mr. Bones se encontravam. A chave estava no seu bolso e, caso não descobrisse uma criatura verdadeiramente digna de ficar com ela, todas as palavras que escrevera seriam destruídas, condenadas ao arbítrio alheio como qualquer bagagem não reclamada.

Ao longo de vinte e três anos, desde que atribuíra a si próprio o apelido de «Christmas», Willy enchera as páginas de setenta e quatro cadernos com os seus escritos: poemas, histórias, ensaios, notas de diário, epigramas, meditações autobiográficas e os primeiros mil e oitocentos versos de uma epopeia em progressão, intitulada *Dias Vagabundos*. A maior parte desta extensa obra fora escrita na mesa da cozinha do apartamento da mãe, em Brooklyn, mas, após a sua morte, há cerca de quatro anos, Willy vira-se obrigado a escrever ao ar livre, travando constantes batalhas contra os elementos em parques públicos e becos poeirentos, para além da batalha que era pôr os pensamentos no papel. No mais recôndito do seu ser, Willy não tinha a mínima ilusão a respeito de si mesmo. Sabia que era uma alma perturbada e que chumbara no exame de aptidão a este mundo, mas também sabia que havia muita coisa boa enterrada naqueles cadernos – e, nesse particular, pelo menos tinha todas as razões para andar de cabeça bem erguida. Se tivesse sido mais escrupuloso com a sua medicação, ou se o seu corpo tivesse saído um bocadinho mais forte, ou se não tivesse gostado tanto de cerveja e de bebidas espirituosas e do rebuliço dos bares, quem sabe se não teria produzido ainda mais coisas boas? Isso era perfeitamente possível, mas, enfim, agora já era demasiado tarde para repisar lamentações e erros. Escrevera a última e derradeira frase e o tiquetaque do relógio estava prestes a calar-se. As palavras que guardara no cacifo eram tudo o que tinha para deixar de si. Se as palavras desaparecessem, seria como se ele nunca tivesse existido.

E era precisamente aqui que Bea Swanson entrava em cena. Willy sabia que era quase como procurar agulha em palheiro, mas estava convencido de que – se e quando conseguisse encontrá-la – ela moveria céu e terra para o ajudar. Há muito, muito tempo, era o mundo ainda jovem, Mrs. Swanson fora a sua professora de Inglês na escola secundária e, se não fosse ela, dificilmente Willy teria achado em si a coragem de se imaginar escritor. Por essa altura, era ele ainda William Gurevitch, um escanzelado rapaz de dezasseis anos com uma paixão por livros e *bebop*, Mrs. Swanson acolhera-o sob as suas asas, cumulando os primeiros escritos do aluno com louvores tão excessivos, tão desproporcionados em relação ao seu verdadeiro mérito, que ao fim de algum tempo ele já se via como a próxima grande esperança da literatura americana. Não está em causa se ela estava certa ou errada em fazer o que fez, pois, nessa fase, os resultados são menos importantes do que as promessas, e Mrs. Swanson reconhecera o talento dele, enxergara a centelha que ardia naquela alma tenra, e nenhuma criatura consegue ser alguma coisa nesta vida se não houver alguém que acredite nela – é um facto provado. Enquanto o resto da turma da Midwood High

School via Mrs. Swanson como uma atarracada quarentona com uns braços tão gordos que pulavam e saracoteavam sempre que ela se punha a escrever no quadro, Willy por seu lado considerava-a bela, um anjo que descera do céu e vestira uma forma humana.

No outono, contudo, quando a escola recomeçou, Mrs. Swanson já lá não estava. O marido tinha um emprego novo, em Baltimore, e como Mrs. Swanson, para além de ser professora, também era esposa, que escolha tinha ela senão deixar Brooklyn e ir atrás de Mr. Swanson? Foi um rude golpe para Willy, mas podia ter sido pior, pois a sua mentora, apesar de estar muito longe, não o esquecera. Nos anos que se seguiram, Mrs. Swanson manteve uma animada correspondência com o seu jovem amigo, continuando a ler e a comentar os manuscritos que ele lhe enviava, lembrando-se dos seus aniversários e oferecendo-lhe velhos discos de Charlie Parker, e sugerindo-lhe pequenas revistas para onde poderia começar a enviar os seus escritos. A arrebatada e entusiástica carta de recomendação que escreveu para Willy no último ano do secundário, ajudou-o a conquistar uma bolsa para ingressar na Universidade de Columbia. Mrs. Swanson era a sua musa, a sua protetora e o seu amuleto da sorte, uma espécie de tudo em um e, nessa fase da vida de Willy, o céu era indiscutivelmente o limite. Até que veio o flipaço esquizoide de 1968, o desvairado fandango da verdade e suas consequências num fio de alta tensão. Encerraram-no num hospital e, depois de seis meses de eletrochoques e terapia psicofarmacológica, Willy nunca mais voltou a ser o mesmo. Tinha ingressado no exército dos destroços andantes; e embora continuasse a produzir poemas e histórias em grande quantidade, a escrever tanto na doença como na saúde, raramente lhe dava para responder às cartas de Mrs. Swanson. As razões eram irrelevantes. É possível que se sentisse demasiado constrangido para se manter em contacto com ela. É possível que andasse distraído, preocupado com outras coisas. É possível que tivesse perdido a confiança nos correios americanos e que tivesse começado a suspeitar que os carteiros espionavam as cartas. Fosse como fosse, o certo é que a sua correspondência com Mrs. Swanson, outrora volumosa, minguou de forma drástica. Durante um ou dois anos, limitou-se ao esporádico e inconsequente postal, depois ao cartão de Natal comprado em loja, até que, em 1976, parou definitivamente. Desde então, entre os dois não houve tão-pouco a troca de uma sílaba.

Mr. Bones estava a par de tudo isto, e daí que tivesse boas razões para se sentir preocupado. É que já tinham passado dezassete anos! Gerald Ford era o presidente americano por essa altura e, por amor de Deus, ele próprio teria de esperar ainda uma década para ver a luz do dia! Quem é que Willy estava a tentar enganar? Bastava pensar na quantidade de coisas que podem acontecer em dezassete anos. Bastava pensar nas mudanças que podem ocorrer em dezassete horas ou dezassete minutos – quanto mais em dezassete anos! No mínimo, era provável que Mrs. Swanson tivesse mudado de casa. A velhota estaria agora à beira dos setenta e, caso não estivesse senil ou a viver num parque de caravanas na Florida, eram mais que muitas as hipóteses de que estivesse morta. Willy admitira isso mesmo quando se fizeram às ruas de Baltimore nessa manhã, mas, porra!, dissera ele, a verdade é que não tinham alternativa, e se a vida não passava de um jogo afinal, por que raio é que ele não havia de apostar tudo naquele número?

Ah, Willy! Contara tantas histórias, falara com tantas vozes diferentes, falara de tantas e tão diversas maneiras ao mesmo tempo, que Mr. Bones já não sabia em que

acreditar. Onde estava a verdade, onde estava a mentira? Era difícil de saber quando se lidava com uma personalidade tão complexa e fantasiosa como a de Willy G. Christmas. Mr. Bones podia ter certezas quanto às coisas que vira com os seus próprios olhos, quanto aos acontecimentos que sentira na própria pele, mas ele e Willy estavam juntos apenas há sete anos e, no que tocava aos factos relativos aos trinta e oito anos anteriores, dependia muito do que tinha conseguido apanhar. Se não tivesse passado a sua cachorrice debaixo do mesmo teto que a mãe de Willy, toda a história teria ficado envolta na mais absoluta escuridão; mas, depois de ter ouvido Mrs. Gurevitch e de ter confrontado as suas afirmações com as do filho, Mr. Bones conseguira alinhar uma imagem razoavelmente coerente daquilo que fora o mundo de Willy antes de ter entrado nele. Faltavam mil e um pormenores. Mil e um pormenores emergiam confusos, mas Mr. Bones tinha uma ideia geral do quadro, uma noção dos elementos que o integravam e que dele se excluía.

E o quadro geral, num apartamento cuja atmosfera fora tantas vezes poluída pela amargura e pelo desespero, não era rico nem alegre. Para começar, e considerando tudo aquilo por que a família tinha passado antes de desembarcar na América, era provavelmente um milagre que David Gurevitch e Ida Perlmutter tivessem conseguido pôr um filho neste mundo. Dos sete filhos nascidos aos avós de Willy em Varsóvia e Lodz, entre 1910 e 1921, David e Ida foram os únicos que sobreviveram à guerra. Só eles não tiveram números tatuados nos antebraços, só a eles foi concedida a ventura da fuga. Mas isso não significava que tivessem passado um bom bocado, bem pelo contrário, e Mr. Bones ouvira uma quantidade de histórias capazes de deixarem arrepiado o mais empedernido dos cães: havia os dez dias que tinham passado escondidos nas condutas do sótão em Varsóvia; havia a caminhada de um mês desde Paris até à Zona Livre no Sul, dormindo em palheiros e roubando ovos para não morrerem à fome; havia o campo de refugiados em Mende, o dinheiro gasto em subornos para obterem salvos-condutos, os quatro meses de inferno burocrático em Marselha enquanto esperavam pelos vistos espanhóis. E depois veio o longo coma de imobilidade em Lisboa, o filho nado-morto que Ida teve em 1944, os dois anos a olharem para o Atlântico enquanto a guerra se arrastava e o dinheiro deles se esfumava. Quando os pais de Willy chegaram a Brooklyn, em 1946, aquilo que então começava para eles não era uma nova vida, mas antes uma vida póstuma, um intervalo entre duas mortes. O pai de Willy, outrora um jovem e brilhante advogado na Polónia, lá acabou por arranjar emprego depois de muito mendigar junto de um longínquo primo, tendo passado os treze anos seguintes em viagens de metro desde a Seventh Avenue até a uma fábrica de botões na West 28th Street. No primeiro ano, a mãe de Willy ainda conseguiu equilibrar o orçamento, dando lições de piano no apartamento a putos judeus, mas isso acabou numa manhã de novembro de 1947 quando Willy, com a sua carita de boneco, assomou entre as pernas da mãe e, inesperadamente, se recusou a parar de respirar.

Cresceu americano, um rapaz de Brooklyn que jogava *stickball* nas ruas, que lia a revista *Mad* à noite, debaixo dos cobertores, e que ouvia Buddy Holly e *The Big Bopper*. Nenhum dos seus progenitores seria capaz de compreender tais coisas, mas tanto melhor para Willy, visto que, nessa fase, o seu grande objetivo na vida consistia em convencer-se a si próprio de que aqueles não eram os seus pais verdadeiros.

Achava-os umas criaturas estrambóticas, uns completos atrasos de vida, um par de panhonhas com aquele sotaque polaco e aquelas maneiras afetadas de estrangeiros; e, sem que precisasse de pensar muito no caso, compreendeu que a sua única esperança de sobrevivência consistia em resistir-lhes em toda e qualquer circunstância. Quando o pai bateu a bota aos quarenta e nove anos com um ataque cardíaco, o desgosto de Willy foi mitigado por um secreto sentimento de alívio. Tinha apenas doze anos, estava ainda com um pé na infância e outro na adolescência, mas já tinha elaborado uma filosofia para toda a vida, a qual consistia em afazer-se à desgrça onde quer que ela estivesse. Quanto mais miserável era a nossa vida, mais perto estávamos da verdade, do fragoso cerne da existência – e haveria algo de mais terrível do que perdermos o nosso velho seis semanas depois de termos feito doze anos? Era uma coisa que nos marcava como uma figura trágica, que nos punha à margem do círculo vicioso das vãs esperanças e das ilusões sentimentais, que nos dava uma aura de genuíno sofrimento. Mas a verdade é que Willy não sofreu por aí além. O pai sempre fora um enigma para ele, um homem propenso a silêncios capazes de durarem uma semana e a súbitas explosões de raiva e, mais do que uma vez, dera-lhe valentes sovas por infrações mínimas e perfeitamente insignificantes. Não, não era difícil um tipo conformar-se com uma vida sem aquele saco de explosivos. Não custava mesmo nada.

Ou, pelo menos, era o que considerava o bom Herr Doktor Bones. Podemos ignorar a opinião dele, somos livres de o fazer, claro que somos, mas haverá mais alguém em quem possamos confiar? Depois de ter ouvido todas estas histórias durante sete anos a fio, não teria ele ganho o direito de ser considerado a maior autoridade mundial na matéria?

De maneira que Willy ficou sozinho com a mãe. Mrs. Gurevitch não era propriamente uma pessoa divertida, mas pelo menos, só usava as mãos para as suas próprias necessidades, para além de o presentear com consideráveis quantidades de afeição, com uma quentura de coração que chegava para contrabalançar os períodos em que lhe ralhava e lhe pregava sermões, deixando-o completamente exasperado. De um modo geral, Willy procurava ser um bom filho. Naqueles raros momentos em que conseguia parar de pensar em si mesmo, até era capaz de fazer um esforço para ser simpático com ela. Se tinham as suas disputas, isso devia-se menos a uma animosidade pessoal do que ao facto de possuírem visões do mundo rigidamente opostas. Pela experiência duramente adquirida, Mrs. Gurevitch sabia que o mundo existia para lhe tramar a vida, pelo que vivia de acordo com esse conhecimento, fazendo tudo o que estava ao seu alcance para estar sempre a milhas de toda e qualquer possibilidade de perigo. Willy também sabia que o mundo existia para lhe tramar a vida, mas, ao contrário da mãe, não se coíbia de ripostar. A diferença não residia no facto de um ser pessimista e o outro otimista, mas sim no facto de o pessimismo de um ter conduzido a um etos de medo, ao passo que o pessimismo do outro produzia um ruidoso e refratário desdém por Tudo Aquilo Que Existia. Um encolhia-se, o outro esbravejava. Um nunca passava a linha, o outro estava sempre do lado contrário. Andavam muitas vezes de candeias às avessas; e como para Willy era facilímo chocar a mãe, raramente perdia uma oportunidade para provocar uma discussão. Se ao menos ela tivesse a argúcia de recuar um pouco, Willy provavelmente nunca se teria mostrado tão pertinaz na defesa dos seus pontos de vista. O antagonismo dela inspirava-o, empurrava-o para

posições cada vez mais extremas; e quando chegou a altura de deixar o apartamento materno e partir para a universidade, Willy atribuíra-se já, de forma indelével, o seu papel preferido: o contestatário, o rebelde, o poeta proscrito rondando as sarjetas de um mundo em ruínas.

Só Deus sabe quantas drogas o rapaz ingeriu nos dois anos e meio que passou em Morningside Heights⁸. Digam o nome de uma substância ilegal e creiam que Willy ou a fumou, ou a inalou, ou a meteu nas veias. Uma coisa é andar para aí armado em segundo advento de François Villon, mas experimente-se administrar a um jovem instável uma quantidade de preparados tóxicos suficiente para encher uma lixeira nas Jersey Meadowlands e é certo e sabido que a química do corpo do dito jovem estará condenada a sofrer grandes abalos. É natural que mais tarde ou mais cedo Willy acabasse por passar-se dos carretos, mas haverá alguém capaz de defender que o psicadélico tudo ao molho e fé em Deus dos seus tempos de estudante não acelerou o processo? Quando, certa tarde a meio do terceiro ano de faculdade, o seu colega entrou no quarto que partilhavam e deu com Willy nuzinho em pelo no chão entoando nomes da lista telefónica de Manhattan e comendo de uma tigela cheia com os seus próprios excrementos, a carreira académica do futuro dono de Mr. Bones chegou abrupta e definitivamente ao fim.

Seguiu-se o manicómio e, posteriormente, o regresso de Willy ao apartamento da mãe, na Glenwood Avenue. Não era por certo o sítio ideal para se viver, talvez não o fosse de facto, mas para onde é que um tipo esgotado e gasto como o pobre Willy havia de ir senão para a casa da mãe? Nos primeiros seis meses, o arranjo não deu em nada de bom. Tirando o facto de Willy ter trocado as drogas pelo álcool, as coisas voltaram basicamente ao mesmo. As mesmas tensões, os mesmos conflitos, os mesmos desentendimentos. Então, sem mais nem menos, em fins de dezembro de 1969, Willy teve uma visão que mudou tudo, o encontro místico com a beatitude o que o pôs completamente virado do avesso e deu à sua vida um rumo inteiramente novo.

Eram duas e meia da manhã. A mãe deitara-se já há bastante tempo e Willy estava acampado no sofá da sala de estar com um maço de *Luckies* e uma garrafa de *bourbon*, a ver televisão pelo canto do olho. A televisão era para ele um novo hábito, um subproduto da sua recente estada no hospital. Não se interessava especialmente pelas imagens que passavam no ecrã, mas gostava de ter o zumbido e o brilho da TV como pano de fundo; as sombras azuis-acinzentadas que o aparelho projetava nas paredes deixavam-no mais confortado. Estava a passar um filme daqueles que costumam ser exibidos às tantas da madrugada (qualquer coisa relacionada com gafanhotos gigantes que andavam a devorar os habitantes de Sacramento, na Califórnia), mas a maior parte da emissão fora dedicada a ruidosas exortações encomendadas por milagrosos produtos de ponta: facas que nunca ficavam rombas, lâmpadas que nunca se fundiam, loções à base de uma fórmula secreta que acabavam com a maldição da calvície. Treta, tudo treta, murmurou Willy para si mesmo, é sempre a mesma conversa de chacha. Contudo, no preciso momento em que se preparava para se levantar e desligar a televisão, apareceu um novo anúncio e, de repente, lá estava o Pai Natal a sair disparado de uma lareira qualquer numa sala de estar que tinha tudo para ser uma moradia suburbana em Massapequa⁹, Long Island. Como o Natal estava à porta, Willy já tinha apanhado com uma quantidade de anúncios com tipos vestidos à Pai Natal.

Mas aquele era melhor do que a grande maioria: um sujeito rechonchudo, com umas faces muito rosadas e uma barba branca que era mesmo dele e tudo. Willy parou para ver que tal é que era a lábia daquele, convicto de que ia ouvir qualquer coisa sobre champôs para tapetes ou alarmes contra ladrões, quando, de súbito, o Pai Natal proferiu as palavras que iriam mudar o seu destino.

– William Gurevitch – disse o Pai Natal. – Sim, William Gurevitch, de Brooklyn, Nova Iorque, é contigo que estou a falar.

Willy bebera apenas meia garrafa nessa noite e fazia oito meses que tivera a sua última grande alucinação. Não, não! Não ia permitir que o aldrabassem e que o convencessem a engolir aquele lixo. Sabia muito bem distinguir entre a realidade e as histórias da carochinha, e se o Pai Natal estava a falar com ele na televisão da mãe, então isso só podia ter um significado: estava muito mais bêbedo do que supunha.

– Vai-te foder, pá! – disse Willy, e, sem pensar mais no assunto, desligou o televisor.

Infelizmente, não conseguiu deixar as coisas nesse pé. Ou por mera curiosidade, ou porque queria certificar-se de que não estava a passar-se de novo para o outro lado, decidiu que não fazia mal nenhum se voltasse a ligar a televisão – só para uma espreitadela, uma última espreitadelazinha. Sim, de facto, que mal é que fazia? Antes ficar a saber a verdade do que andar com aquela merdosa embalagem natalícia a consumir-lhe a cabeça nos próximos quarenta anos.

E, imagine-se, lá estava ele outra vez! Lá estava o raio do Pai Natal apontando o dedo a Willy e abanando a cabeça com uma expressão triste e desapontada. Quando abriu a boca e começou a falar (retomando o seu discurso precisamente no sítio onde o deixara dez segundos antes), Willy ficou sem saber se havia de desatar à gargalhada ou atirar-se da janela. Aquilo estava mesmo a acontecer, pessoal! Aquilo que não podia acontecer, estava a acontecer; e naquele preciso instante e naquela precisa sala, Willy soube que, para ele, nada no mundo voltaria a ter o mesmo aspeto.

– Não estás certo o que tu me fizeste, William – disse o Pai Natal. – Eu estou aqui para te ajudar, mas, se não me deres uma oportunidade para falar, então é que não chegamos a lado nenhum. Estás a perceber, meu filho?

A pergunta parecia pedir resposta, mas Willy hesitou. Escutar aquele palhaço já era mau que chegasse. Seria possível que ele quisesse piorar as coisas respondendo-lhe?

– William! – exclamou o Pai Natal. A voz, severa e reprovadora, revelava o poder de uma personalidade que não estava para brincadeiras. Se Willy queria escapulir-se daquele pesadelo, a sua única esperança seria entrar no jogo.

– O.K., patrão – murmurou –, estou a perceber-te perfeitamente.

O homem gordo sorriu. Então, muito lentamente, a câmara abeirou-se dele para um *close-up*. Durante alguns segundos o Pai Natal ficou calado, a afagar a barba, visivelmente perdido na teia dos seus pensamentos.

– Sabes quem eu sou? – perguntou ele por fim.

– Sei com quem é que tu te pareces – disse Willy –, mas isso não quer dizer que saiba quem tu és. A princípio, pensei que fosses um desses atores idiotas. Depois pensei que se calhar eras aquele génio da garrafa. Agora estou completamente às escuras.

– Aquilo que eu pareço, é aquilo que sou.
– Fixe, pá, fixe! E eu cá sou o cunhado do Hailé Selassié!
– O Pai Natal, William. Também conhecido por Santa Claus. Também conhecido por São Nicolau. O Pai Natal em carne e osso. A única força do Bem que resta neste mundo.

– O Pai Natal, hã? São Nicolau? *Santa Claus*? *Santa*? *S-A-N-T-A*, é assim que soletras se eu te pedir que soletores, não é?

– É, meu filho, é assim mesmo.

– Era o que eu imaginava. Agora dá um novo arranjo às letras, *O.K.*? Com que é que ficas? *S-A-T-A-N*; é com *Satan*¹⁰ que ficas. É isso que tu és, avozinho, o filho da mãe do diabo, e o único sítio onde tu existes é na minha cabeça!

Repare-se na audácia com que Willy lutou contra a aparição, na determinação com que resistiu aos seus encantos. Não, ele não era nenhum daqueles maluquinhos patetas que se deixavam intimidar por fantasias e espectros. Não, não, naquela cena é que ele não entrava. Foi precisamente o desagrado que sentiu, a inequívoca hostilidade que exprimia sempre que recordava os primeiros momentos daquele encontro, que convenceu Mr. Bones de que aquilo era mesmo verdade, de que Willy tivera mesmo uma visão e que não estava a inventar a história. A acreditar nas suas palavras, aquilo fora um escândalo, um insulto à sua inteligência; fervia-lhe o sangue só de pensar que tinha ficado a olhar para aquele bovino amontoado de lugares-comuns. Os outros que engolissem aquelas patranhas, ele é que não ia nessa! O Natal era uma fraude, uma época de dinheiro rápido e caixas registadoras todas a tilintar, e o Pai Natal, símbolo dessa época, essência de toda aquela merda consumista, era a maior de todas as fraudes!

Mas aquele Pai Natal não era fraude nenhuma, nem tão-pouco algum diabo disfarçado. Ele era o verdadeiro Pai Natal, o único e inimitável *Senhor dos Elfos e Duendes* e a mensagem que viera pregar exalava bondade, generosidade e abnegação. A mais improvável das ficções, aquele reverso absoluto de tudo o que Willy defendia, aquele absurdo protagonista de um melodrama barato enfiado numa casaca vermelha e com umas botas debruadas a pele – sim, o Pai Natal em todo o seu esplendor de Madison Avenue –, irrompera das profundezas da Terra da Televisão para desmascarar as certezas do ceticismo de Willy e para colar os cacos da sua escaqueirada alma. Era tão simples como isso. «Se havia alguém que era uma fraude, então só podia ser Willy», começou o Pai Natal, tratando em seguida de pôr tudo preto no branco e pregando um sermão ao assustado e aturdido rapaz, e se aquilo não durou uma hora, andou lá muito perto. Chamou-lhe impostor, fingido, escriba sem talento. Depois, subiu a parada e disse-lhe que ele era um zero à esquerda, que só tinha ar nos miolos e serradura na cabeça e, a pouco e pouco, foi derrubando a muralha defensiva de Willy, levando-o desse modo a enxergar a luz. Por essa altura, já Willy estava de rastos, chorando que nem uma madalena arrependida enquanto suplicava misericórdia e prometia emendar-se. O Natal, afinal, era mesmo a sério e na sua vida não haveria verdade nem felicidade enquanto não abrisse o coração ao espírito natalício. Essa seria a sua missão no mundo a partir daquele instante: encarnar a mensagem do Natal todos os dias do ano, não pedir nada ao mundo e dar-lhe em troca apenas amor.

Por outras palavras, Willy decidiu fazer de si mesmo um santo.

E foi assim que William Gurevitch fechou a loja neste mundo, nascendo da sua carne um novo homem – Willy G. Christmas. Na manhã seguinte, para celebrar o acontecimento, Willy deu corda aos sapatos e só parou em Manhattan para fazer uma tatuagem do Pai Natal no braço direito. Foi uma experiência dolorosa, mas Willy submeteu-se de bom grado às picadas da agulha, triunfante no conhecimento de que, a partir de agora, traria em si, para todo o sempre, um sinal visível da sua transformação.

Infelizmente, quando regressou a Brooklyn e, inchado de orgulho, mostrou à mãe o novo ornamento, Mrs. Gurevitch passou-se completamente, explodindo num ataque de lágrimas e furibunda incredulidade. Não foi apenas a ideia de que o filho mandara fazer uma tatuagem que a deixou feita num oito (se por um lado a lei judaica proibia tais práticas, por outro lado a tatuagem da pele associava-se a um período particularmente negro da sua vida), mas também o que *aquela tatuagem específica* representava. Se pensarmos que, para Mrs. Gurevitch, aquele Pai Natal a três cores no braço de Willy era um símbolo de traição e incurável loucura, talvez a sua explosão se torne perfeitamente compreensível. Até então, conseguira agarrar-se à ilusão de que o filho recuperaria inteiramente da crise. Atribuía a culpa do seu estado a todas as drogas ingeridas, acreditando que os resíduos nocivos seriam expulsos do sistema quando os glóbulos brancos e vermelhos voltassem ao normal. Seria apenas uma questão de tempo até ele desligar o televisor e regressar à universidade. Mas agora as ilusões esfumaram-se. Bastou-lhe olhar para a tatuagem para que todas as suas vãs esperanças e falsas expectativas se estilhaçassem aos seus pés como um prato de *pyrex*. O Pai Natal estava do outro lado da barricada. Pertencia aos presbiterianos e aos católicos romanos, aos adoradores de Jesus e aos inimigos dos judeus, a Hitler e aos outros todos. Os *goyim*¹¹ tinham tomado conta do cérebro do filho e, a partir do momento em que se entranhavam numa pessoa, era certo e sabido que nunca mais a largavam. O Natal era apenas o primeiro passo. Poucos meses faltavam para a Páscoa, época em que eles apareceriam com aquelas cruzes e desatariam a falar de matar; ao fim de pouco tempo, as tropas de assalto estariam a deitar-lhes a porta abaixo. Mrs. Gurevitch viu a imagem do Pai Natal gravada no braço do filho, mas, aos seus olhos, Pai Natal ou suástica era praticamente o mesmo.

Willy ficou francamente perplexo. As suas intenções tinham sido as melhores e, no bem-aventurado estado de remorso e conversão em que se encontrava, a última coisa que queria era ofender a mãe. Porém, por muito que dissesse e explicasse, a verdade é que a mãe não lhe dava ouvidos; pelo contrário, desatou a gritar-lhe e a chamar-lhe nazi. Quando ele tentou explicar-lhe que o Pai Natal era uma encarnação do Buda, um santo que trouxera a este mundo uma mensagem de piedoso amor e compaixão, a mãe ameaçou que o mandava de volta para o hospital nessa mesma tarde. Isto fê-lo lembrar-se de uma frase que ouvira a um outro paciente no Saint Luke's Hospital – «Antes ter uma garrafa à minha frente do que uma lobotomia frontal» – e, de repente, deu-se conta daquilo que o esperava caso deixasse a mãe impor a sua vontade. Por isso, em vez de continuar a chover no molhado, enfiou-se no sobretudo, deixou o apartamento e foi direito à terra do sabe-se lá onde.

Deu assim início a um estilo de vida que se prolongou por uma série de anos. Ficava com a mãe vários meses, mantinha-se ausente outros tantos, depois voltava. A primeira partida foi provavelmente a mais dramática, talvez pelo facto de Willy ter

ainda tudo para aprender sobre a vida vagabunda. Foi breve a sua ausência e, embora Mr. Bones nunca tivesse bem a certeza do que Willy queria dizer com *breve*, o que quer que tenha acontecido ao dono durante as semanas ou meses em que esteve fora foi, para ele, prova provada de que encontrara a sua verdadeira vocação. «Não me venha com essa história de que dois e dois são quatro», disse ele à mãe quando regressou a Brooklyn. «Como é que sabemos que dois são dois? Essa é que é a questão».

No dia seguinte sentou-se à mesa e começou de novo a escrever. Era a primeira vez que pegava numa caneta desde que fora parar ao hospital. As palavras saíam-lhe como água jorrando de um cano rebentado. Pelos vistos, Willy G. Christmas era muito melhor poeta, e sem dúvida bastante mais inspirado, do que William Gurevitch jamais fora, compensando a pouca originalidade dos seus primeiros esforços com um entusiasmo inabalável. *Trinta e Três Regras de Vida* era um bom exemplo. Rezavam o seguinte os seus primeiros versos:

*Lança-te nos braços do mundo
E o ar abraçar-te-á. Encolhe-te
E o mundo atacar-te-á pelas costas.
Vai até ao fim da estrada essencial.
Segue a música dos teus passos e, quando as luzes se apagarem,
Não assobies – canta.
Se estiveres sempre de pé atrás, nunca acharás o caminho.
Dá a tua camisa, dá o teu ouro,
Dá os teus sapatos ao primeiro estranho que encontrares.
Muito virá do nada
Se dançares The Jitterbug Waltz...¹²*

Mas uma coisa era a atividade literária, e outra, completamente diferente, era o modo como uma pessoa se conduzia no mundo. Lá porque o Willy poeta tinha mudado, não se podia concluir que o Willy homem também tivesse mudado. Ter-se-ia ele tornado realmente numa pessoa nova? Ou será que aquele mergulho na santidade mais não era do que um impulso passageiro? Teria ele frivolamente assumido uma posição insustentável, ou haveria algo mais a dizer sobre o seu renascimento, para além da tatuagem no bíceps direito e do ridículo apelido que lhe dava tanto gozo usar? Uma resposta sincera poderia ser sim e não, talvez – um bocado de ambas. É preciso não esquecer que Willy era uma criatura fraca, e que era frequentemente agressivo e belicoso, e que era atreito a esquecer-se das coisas. Os percalços mentais perseguiam-no, e sempre que os *flippers* da sua cabeça aceleravam e desvairavam, todas as apostas iam por água abaixo. Como podia um homem como ele propor-se envergar o manto da pureza? Para além de ser um bêbedo em princípio de carreira, para além de ser um mentiroso inato com uma forte propensão paranoica, sem ganhar nada com isso, era danado para a chalaça. Logo que começava a desfiar o seu rosário de piadas, o Pai Natal pegava fogo, reduzindo a um monte de cinzas não só toda aquela cena de

coraçõezinhos e florinhas, mas também o seu criador.

Apesar de tudo, seria errado dizer-se que Willy não fez um esforço, e nesse esforço residia uma larga parte da história. Ainda que nem sempre se mostrasse à altura das expectativas que nutria em relação a si mesmo, o certo é que pelo menos dispunha de um modelo para o comportamento que queria para si. Nos raros momentos em que conseguia coordenar os pensamentos e refrear os excessos na secção de bebidas, Willy demonstrou que não havia ato de coragem ou generosidade que não estivesse ao seu alcance. Em 1972, por exemplo, e correndo não poucos riscos, salvou uma menina de quatro anos de morrer afogada. Em 1976, correu a defender um homem de oitenta e um anos que estava a ser atacado por ladrões na West 43rd Street em Nova Iorque – e, como recompensa, levou com uma bala na perna e uma facada no ombro. Muitas vezes deu o seu último dólar a um amigo em apuros, muitas vezes deixou que os infelizes no amor e na vida lhe chorassem no ombro, e ao longo dos seus anos de vagabundagem conseguiu convencer um homem e duas mulheres a desistirem do suicídio. Havia coisas estupendas na alma de Willy, e que sempre que vinham ao de cima faziam esquecer as outras coisas que também lá estavam. Sim, ele era um chato chanfrado, imundo e esfarrapado, mas quando tudo estava bem na sua cabeça, era o mais raro dos seres, facto sobejamente conhecido por toda a gente que se cruzava com ele no trânsito da vida.

Sempre que falava com Mr. Bones desses primeiros tempos, Willy tendia a fixar-se nas memórias boas e a ignorar as más. Mas haverá alguém capaz de o censurar por sentimentalizar o passado? Todos nós, cães ou humanos, o fazemos; além disso, em 1970 Willy não conhecera outras paragens senão os cumes da juventude. A sua saúde física nunca mais voltaria a ser tão boa, os seus dentes estavam intactos e, ainda por cima, tinha dinheiro no banco, uma pequena soma que fora depositada em seu nome graças ao seguro de vida do pai. Mal fez vinte e um anos, deitou as mãos a esse dinheiro, ficando abastecido de trocos para quase uma década. Porém, sobrepondo-se ao privilégio que era ter dinheiro e ser jovem, erguia-se o momento histórico, a verdadeira época, o espírito que impregnava o mundo quando Willy se lançou na sua carreira de vagabundo. O país fervilhava de gente posta à margem e de miúdos que fugiam de casa, de neovisionários de cabelos compridos, de anarquistas disfuncionais, de inadaptados agarrados à droga. Apesar de toda a singularidade a que acedera pelos seus próprios méritos, Willy dificilmente se distinguiria no meio dessa multidão. Era apenas mais uma criatura bizarra na cena americana; e para onde quer que as suas viagens o levassem – Pittsburgh ou Plattsburgh, Pocatello ou Boca Raton –, conseguia sempre ligar-se a uma alma sintonizada com a sua, não lhe faltando, pois, companhia. Ou pelo menos era o que ele dizia... Tudo somado, Mr. Bones não via nenhuma razão para duvidar dele.

Não teria feito qualquer diferença se porventura houvesse alguma razão para duvidar do dono. O cão vivera já o tempo suficiente para saber que as boas histórias não eram necessariamente verdadeiras, e saber se ele acreditava ou não nas histórias que Willy contava acerca de si mesmo era menos importante do que o facto de que Willy fizera o que fizera e de que os anos tinham passado. Isso é que era o essencial, não era? Os anos, o número de anos que uma pessoa levava a passar de jovem a já-não-tão-jovem-como-isso, e durante todo esse tempo, ver o mundo a mudar à nossa

volta. Quando Mr. Bones deixou o útero da mãe e assomou a este mundo, os tempos de juventude de Willy não eram mais do que uma vaga memória, um monte de adubo decompondo-se num terreno baldio. Os miúdos em fuga tinham voltado para casa, para a mamã e para o papá, arrependidos e comportadinhos; o pessoal da erva trocava os colares do amor por gravatas de *paisley*¹³; a guerra tinha acabado. Mas Willy continuava a ser Willy, o verzejador de sucesso e o automeado portador da mensagem do Pai Natal, o nosso «não-pode-ser-tenha-paciência», enfarpelado nos andrajosos farrapos da mendicidade. A passagem do tempo não fora branda para o nosso poeta e ele já não se fazia ao mundo tão bem como dantes. Cheirava mal e babava-se, incomodava as pessoas, não sendo de admirar que, com as marcas deixadas por tiros e facadas e com a deterioração geral da sua condição física, tivesse perdido a vivacidade de outros tempos, a sua antiga e surpreendente habilidade para sair incólume dos sarilhos em que se metia. Era roubado e espancado por desconhecidos. Enchiam-no de pontapés enquanto dormia, queimavam-lhe os livros, aproveitavam-se das suas dores e penas. Depois de um desses recontros o ter mandado para o hospital com a vista toldada e um braço fracturado, Willy concluiu que não podia continuar naquela vida sem algum tipo de proteção. Ainda pensou num revólver, mas detestava armas, de maneira que acabou por se decidir pela coisa que os homens melhor conhecem a seguir às armas: um guarda-costas de quatro patas.

Mrs. Gurevitch não ficou propriamente excitada com tal ideia, mas Willy bateu o pé e levou a sua avante. E foi assim que o pequeno Mr. Bones se viu apartado da mãe e dos cinco irmãozinhos, no abrigo da protetora, em North Shore e se mudou para a Glenwood Avenue, em Brooklyn. Para falar com toda a franqueza, Mr. Bones pouco se lembrava desses primeiros tempos. O *Ingloosh* era para ele um território ainda virgem e não admira que, com as locuções bizarramente estraçalhadas de Mrs. Gurevitch e a queda que Willy tinha para falar com diferentes vozes (num instante era Gabby Hayes¹⁴, logo a seguir era Louis Armstrong; de manhã era Groucho Marx, à noite Maurice Chevalier), o cachorrinho tivesse precisado de vários meses para se familiarizar com a linguagem humana. Entretanto, teve de suportar as agonias da cachorrice: as lutas para controlar a bexiga e os intestinos, os jornais no chão da cozinha, as sapatadas de Mrs. Gurevitch sempre que se descuidava com o chichi. Mas que velha mais rabugenta, sempre a mandar vir com ele! Não fossem os afagos e as reconfortantes palavras de Willy e a vida naquele apartamento teria sido um pesadelo. O inverno cercava-os por todos os lados. Lá fora, as ruas cobertas de gelo e os grãos de sal espalhados eram como ferroadas nas suas patas, vendo-se obrigado a passar noventa e oito por cento do seu tempo dentro de portas, ou sentado aos pés de Willy enquanto este atacava a sua última obra-prima, ou explorando todos os recantos e frinças do seu novo lar. O apartamento tinha quatro divisões e meia. Quando chegou a primavera, já Mr. Bones conhecia todas as tábuas e tabuinhas dos móveis, todas as nódoas dos tapetes, todas as fendas do linóleo. Conhecia o cheiro dos chinelos de Mrs. Gurevitch e o cheiro das cuecas de Willy. Conhecia a diferença entre o som da campainha e o do telefone, era capaz de distinguir o tilintar de um molho de chaves do matraquear de comprimidos num frasco de plástico, e não demorou muito tempo a ficar tu cá tu lá com todas as baratas que viviam no armário sob o lava-louças. Era uma rotina insípida e confinada, mas como poderia Mr. Bones aperceber-se disso se não

passava de um cachorrinho tolo, um pascalhão de patas bambas que corria atrás da sua própria cauda e que comia a sua própria merda? Se nunca conhecera outra vida, como poderia ele saber se aquela era rica ou pobre naquelas matérias que fazem com que a vida valha a pena ser vivida?

Mal sabia o pequeno vira-lata a surpresa que o esperava! Quando o tempo finalmente aqueceu e os botões das flores resolveram desembulhar-se, ficou a saber que Willy não era apenas um escrevinhador caseiro e um profissional da punheta. Sim, porque afinal o seu dono era um homem com um coração de cão. Willy era um deambulador, um aventureiro destemido, um duas patas único que improvisava as regras à medida que ia avançando. Numa manhã de meados de abril, levantaram-se muito simplesmente e deixaram o apartamento; fizeram-se ao grande mundo para lá das quatro paredes e nunca mais viram sinal de Brooklyn até à véspera do *Halloween*. Não era mesmo o sonho de qualquer cão? Perguntassem a Mr. Bones, que ele logo diria que era a mais feliz das criaturas à superfície da Terra.

Havia as hibernações do inverno, é claro, os regressos ao lar ancestral e, com isso, os inevitáveis inconvenientes da vida entre paredes: os longos meses ao pé do aquecimento central sempre a assobiar, o infernal pandemónio dos aspiradores e das batedoras e liquidificadoras *Waring*, o tédio da comida enlatada. Contudo, a partir do momento em que se adaptava ao novo ritmo, Mr. Bones poucas razões tinha de queixa. É que, no fim de contas, estava frio lá fora e Willy também estava no apartamento. E se ele e o dono podiam estar juntos, então não havia chatices capazes de ensombrarem a vida. Até a própria Mrs. Gurevitch acabou por mudar de ideias, pelo menos aparentemente. Uma vez superado o problema da invasão da casa, Mr. Bones deu-se conta de um claro amolecimento da rispidez inicial de Mrs. Gurevitch; e embora ela continuasse a rosnar por causa dos pelos que ele ia espalhando pelos seus domínios, Mr. Bones sabia que o coração dela era traçoeiro. Às vezes até o deixava sentar-se ao lado dela no sofá da sala de estar, fazendo-lhe meigas festas na cabeça com uma mão, enquanto folheava a revista com a outra, e mais do que uma vez chegou mesmo a abrir-se com ele, descarregando todo um sortido de aflições, obviamente causadas por aquele filho instável e refratário, perdido nas mais cerradas trevas morais. Ah, que mágoa tão grande que ela sentia ao ver o filho assim, e que coisa mais triste ver um rapaz tão perfeito ficar tão chanfrado da cabeça! Mas meio-filho era melhor que filho nenhum, *farshatist*?¹⁵ E que escolha tinha ela senão continuar a amá-lo e esperar que as coisas melhorassem? Nunca lhe permitiriam que fosse enterrado num cemitério judeu – não, com aquela coisa esquisita no braço é que não havia hipótese nenhuma –, e o facto de saber que ele não seria sepultado ao lado da mãe e do pai era mais um motivo de mágoa, mais um tormento que a perseguia, mas a vida era para os vivos, não era? Graças a Deus que estavam ambos bem de saúde – o diabo seja surdo –, ou pelo menos não estavam mal de todo, quer dizer, apesar de tudo até nem estavam mal de todo, e isso por si só já era uma bênção, sim, devia dar graças a Deus por isso, era uma coisa que não se comprava por tuta e meia, pois não? Não havia anúncios para isso na TV, a cores ou a preto e branco, qualquer que fosse o tipo de aparelho que se tivesse. Porque a vida não estava à venda, uma pessoa que se visse às portas da morte saberia que nem todas as cacholas da China poderiam impedir que essa porta se abrisse.

Como Mr. Bones descobriu, as diferenças entre Mrs. Gurevitch e o seu filho eram

muito mais pequenas do que inicialmente pensara. Era verdade que as desavenças eram frequentes, como também era verdade que os seus cheiros não tinham nada em comum – ele só cheirava a porcaria e a suor macho, ela cheirava a uma mistura de sabonete de lilás, creme facial *Pond's* e pasta dentífrica com sabor a hortelã; mas quando aquela *Mom-san*¹⁶ com sessenta e oito anos em cima tocava a botar faladura, mantinha-se firme e imperturbável fosse com quem fosse e, mal rompia num dos seus intermináveis monólogos, depressa se percebia por que razão o seu rebento batera tantos recordes no atletismo de língua. Os assuntos de que falavam até podiam ser diferentes, mas os estilos eram essencialmente os mesmos: arranque súbito, descargas *nonstop* de livre associação, numerosos apartes e observações parentéticas e um repertório de efeitos extraverbais em que não faltava nada, desde estalidos com a língua a risinhos de desdém, passando por sonoros arquejos glóticos. Com Willy, Mr. Bones aprendeu o que era humor, ironia e fatura metafórica. Com a *Mom-san*, aprendeu importantes lições sobre o que significava estar vivo. Ela ensinou-lhe muita coisa sobre ansiedade e *tsuris*¹⁷, sobre carregar com todo o peso do mundo em cima dos ombros e – o mais importante de tudo – sobre os benefícios de uma boa choradeira de vez em quando.

Enquanto se arrastava ao lado do dono naquele sombrio domingo em Baltimore, Mr. Bones concluiu que era muito estranho que lhe tivesse dado para pensar naquelas coisas precisamente agora. Porquê aquele regresso ao mundo de Mrs. Gurevitch?, perguntou-se. Para quê lembrar o tédio dos invernos em Brooklyn, quando dispunha de tantas memórias mais ricas, mais felizes, mais estimulantes? Albuquerque, por exemplo, e a ditosa temporada que tinham passado naquela fábrica de camas abandonada, já lá iam dois anos. Ou Greta, a voluptuosa cadela com quem tinha andado na maior folia dez noites a fio num campo de milho à saída de Iowa City. Ou aquela tarde de loucos em Berkeley, na Telegraph Avenue quatro verãos antes, quando Willy vendera oitenta e seis fotocópias de um único poema, a um dólar a peça. Ter-lhe-ia feito imensamente bem se fosse capaz de reviver algumas dessas coisas agora, se fosse capaz de voltar algures, a um sítio qualquer, onde tivesse estado com o dono antes da tosse ter começado. Podia ser até o ano anterior, ou nove ou dez meses antes, ou mesmo, talvez, quando tinham por assim dizer morado com aquela tipa gorducha com quem Willy juntara os trapinhos por uns tempos – a Wanda, ou Wendy, ou lá como é que ela se chamava –, aquela miúda que vivia numa espécie de tenda pegada à sua carrinha em *Denver* e que gostava de lhe dar ovos cozidos. Era dinamite, aquela, aquele monte lascivo de banhas e bebida, sempre a rir-se a bandeiras despregadas, sempre a fazer-lhe cócegas na parte macia da barriga, e depois, sempre que a sua rósea picha canina disparava para fora da bainha (não que Mr. Bones se importasse, importava agora), as bandeiras ainda se despregavam mais, despregavam-se tanto que a cara dela mais parecia uma paleta de pelo menos uns quinze tons de púrpura cada vez mais carregados. Tantas vezes se repetiu esta pequena comédia durante o breve período que passaram com ela que agora bastava-lhe ouvir a palavra *Denver* para que o riso de Wanda lhe ecoasse nos ouvidos. Para ele, *Denver* era isso, tal como *Chicago* era um autocarro molhando o pessoal todo no passeio ao passar a toda a velocidade por um charco de chuva na Michigan Avenue. Tal como *Tampa* era um muro de luz erguendo-se bruxuleante do asfalto numa tarde de agosto. Tal como *Tucson* era um

vento quente soprando do deserto, trazendo consigo o perfume das folhas do zimbro e da artemísia, a irreal plenitude do ar subitamente parado.

Tentou fixar-se nessas memórias, uma a uma, habitá-las um bocadinho mais enquanto as desfolhava, mas de nada lhe valeu. A todo o momento voltava ao apartamento de Brooklyn, aos langores daquela reclusão com o inverno lá fora, à *Mom-san* e ao seu vaivém pela casa naqueles fofos chinelos brancos que ela tinha. Deu-se conta de que não tinha outra hipótese senão parar ali; e quando finalmente se rendeu à força daqueles infundáveis dias e noites, compreendeu que regressara à Glenwood Avenue porque Mrs. Gurevitch estava morta. A *Mom-san* tinha deixado este mundo, tal como o filho estava prestes a deixá-lo; e ao fixar-se nessa primeira morte, Mr. Bones estava sem dúvida a preparar-se para a morte seguinte, a morte das mortes, aquela que iria virar o mundo de pernas para o ar, e até talvez mesmo destruí-lo inteiramente.

O inverno sempre fora a estação do labor poético. Willy mantinha horários noturnos quando estava em casa, a maior parte das vezes começando o seu dia de trabalho quando a mãe se ia deitar. A vida na estrada não era propícia aos rigores da composição. O ritmo era demasiado apressado, o espírito demasiado peripatético, as distrações demasiado constantes para que se pudesse produzir mais do que uns gatafunhos ocasionais, uma nota ou uma expressão avulsas garatujadas num guardanapo de papel. Contudo, durante os meses de reclusão em Brooklyn, de um modo geral Willy passava três ou quatro horas por noite à mesa da cozinha rabiscando os seus versos em blocos 22 x 28, daqueles com espiral. Isto quando não saía para uma noite de copos, ou quando não estava demasiado em baixo, ou bloqueado por falta de inspiração. Por vezes murmurava para si mesmo enquanto escrevia, dizia as palavras à medida que as ia gravando no papel e, uma vez por outra, chegava mesmo ao ponto de se rir ou de resmungar ou de dar murros na mesa. De início, Mr. Bones pensou que fosse ele o destinatário desses ruídos, mas a partir do momento em que percebeu que tais alvoroços faziam parte do processo criativo, decidiu que o melhor era estar quietinho, enroscado debaixo da mesa, dormitando aos pés do dono, aguardando o momento em que, terminado o trabalho noturno, o dono o levasse à rua para esvaziar a bexiga.

Mesmo assim, nem tudo fora inércia e torpor, pois não? Mesmo em Brooklyn, aconteceram alguns momentos gloriosos, alguns desvios à rotineira faina literária. Bastaria recuar trinta e oito anos no calendário canino, por exemplo, e lá estava a *Sinfonia dos Cheiros*, esse capítulo único e brilhante nos anais da *Willydade*, quando, durante todo um inverno, não houve nem uma única palavra. Sim, isso é que fora um tempo e pêras, disse Mr. Bones para si mesmo, um tempo como havia poucos, um tempo de extremas maravilhas e extrema loucura e, ao recordá-lo agora, Mr. Bones sentia um fulgor quente de nostalgia percorrendo-lhe o sangue. Fosse ele capaz de sorrir e teria sorrido nesse instante. Fosse ele capaz de derramar lágrimas e tê-las-ia derramado. Se tal fosse possível, sem dúvida que teria rido e chorado ao mesmo tempo, celebrando a vida e carpindo a sorte do seu querido dono, que em breve deixaria de existir.

A *Sinfonia* remontava aos primeiros tempos da sua vida juntos. Tinham deixado Brooklyn duas vezes e por duas vezes haviam regressado a Brooklyn, e durante esse

período Willy desenvolvera a mais ardente e profunda afeição pelo seu amigo de quatro patas. Para além de agora se sentir protegido, para além de estar feliz por ter alguém com quem falar e para além de se sentir confortado por ter um corpo quente no qual se podia enroscar à noite, Willy, depois de ter vivido tão intimamente e durante tantos meses com Mr. Bones, chegara à conclusão de que aquele cão era uma criatura absoluta e incorruptivelmente boa. Não era só o facto de saber que Mr. Bones tinha uma alma. Willy sabia que aquela era uma alma rara e, quanto melhor a conhecia, tanto maior era a pureza e a nobreza de espírito que nela encontrava. Seria Mr. Bones um anjo aprisionado no corpo de um cão? Willy achava que sim. Ao fim de dezoito meses das mais íntimas e incisivas observações, estava certo e seguro disso. Haveria por acaso outra forma de interpretar o celestial trocadilho que ecoava na sua mente noite e dia? Para descodificar a mensagem, bastava pô-la diante de um espelho. Haveria algo de mais óbvio? Era só pôr as letras da palavra *dog*¹⁸ ao contrário – com que é que se ficava? Com a verdade, nem mais nem menos. Com a verdade. A mais humilde das criaturas continha, no interior do seu nome, o poder do ente supremo, do todo-poderoso artífice de todas as coisas. Teria sido por isso que o cão lhe havia sido enviado? Seria Mr. Bones, de facto, o segundo advento da força que lhe remetera o Pai Natal via televisão naquela noite de dezembro em 1969? Talvez sim. Bom, talvez sim ou talvez não. Para qualquer outra pessoa, o caso estaria aberto a debate. Para Willy – precisamente porque ele era Willy – não estava.

Ainda assim, a verdade é que Mr. Bones era um cão. Desde a ponta da cauda ao cocuruto da cabeça, era um puro exemplo do *Canis familiaris*, e qualquer que fosse a divina presença que a sua canina forma pudesse ter acolhido, ele era, em primeiro lugar e antes de mais nada, aquilo que parecia ser: Mister Bow Wow, Monsieur Uuuf-Uuuf, Sir Vira-Lata, o Senhor Béu-Béu. Como um pândego muito claramente dissera a Willy num bar de Chicago há quatro ou cinco verãos: «Ó pá, queres saber mesmo qual é a filosofia de vida de um cão? Eu vou-te dizer. Tudo se resume a isto: se não podes comê-lo ou fodê-lo, mija-lhe em cima».

Mas isto não era problema para Willy. Quem poderia saber que mistérios teológicos estariam envolvidos num caso como este? Se Deus enviara o seu filho à terra sob a forma de um homem, por que raio é que um anjo não poderia descer à terra disfarçado de cão? Mr. Bones era um cão, e a verdade é que a sua condição canina era, para Willy, motivo de um intenso prazer, a verdade é que o espetáculo dos hábitos do seu confrade canino era, para ele, motivo de um deleite sem fim. Era a primeira vez em toda a sua vida que desfrutava da companhia de um animal. Em miúdo, os pais sempre se tinham oposto a que tivesse um animal de estimação. Gatos, tartarugas, periquitos, porquinhos-da-índia, peixinhos dourados – não, nem pensar, na casa dos Gurevitch não entravam bichos. O apartamento era demasiado pequeno, diziam eles; ou: animais em casa só trazem porcaria; ou: os bichos custam dinheiro; ou: Willy não era suficientemente responsável. Por conseguinte, até ao momento em que Mr. Bones entrou na sua vida, Willy nunca tivera a oportunidade de observar de perto o comportamento de um cão, e também nunca se dera ao trabalho de pensar muito no assunto. Para ele, os cães mais não eram do que vagas presenças, figuras imprecisas pairando no limiar da consciência. Evitava aqueles que lhe ladravam, fazia umas festinhas naqueles que o lambiam. Estes eram os limites da ciência canina de Willy.

Subitamente, dois meses após o seu trigésimo oitavo aniversário, tudo isso mudou.

Havia tanta coisa a aprender, tantas informações a assimilar, a decifrar, a entender, que Willy nem sabia por onde começar. A cauda a abanar, em oposição à cauda entre as pernas. As orelhas espetadas, em oposição às orelhas flácidas. O pôr-se de barriga para o ar, as corridas em círculos, as cheiradelas aos cus dos outros cães, e as rosnadelas, os saltos género canguru e os rodopios no ar, o rastejar agachado como que à espreita de caça, os dentes arreganhados, a cabeça empinada e mais uma centena de pormenores, cada um deles a expressão de um pensamento, de um sentimento, de um plano, de um anseio. Willy achava que era como aprender a falar uma nova língua, como tropeçar numa tribo de homens primitivos há muito perdida e ter de decifrar os seus usos e costumes. Superadas as barreiras iniciais, o que mais o intrigou foi o enigma a que deu o nome de «Paradoxo Olfativo-Ocular» ou o «Censo dos Sentidos». Mr. Bones era um cão e, portanto, quase cego. A utilidade dos seus olhos resumia-se ao facto de o ajudarem a distinguir formas, a enxergar os contornos gerais das coisas, dizendo-lhe se o objeto ou o ser que se erguia diante de si era um perigo a evitar ou um aliado a cobrir de lambidelas. No que dizia respeito a um conhecimento efetivo, a um verdadeiro entendimento da realidade em todas as suas complexas configurações, Mr. Bones dependia inteiramente do nariz. Tudo aquilo que Mr. Bones sabia acerca do mundo, tudo aquilo a que acedera em matéria de intuição profunda, paixões ou ideias, devia-o única e exclusivamente ao seu sentido do olfato. De início, Willy nem queria acreditar no que os seus olhos viam. A avidez do cão pelos cheiros parecia ilimitada e, mal encontrava um odor que lhe interessava, aplicava o nariz com uma tal determinação, com um entusiasmo tão extremo, que tudo o mais deixava de existir. As suas narinas convertiam-se em tubos de sucção, dir-se-ia que chupavam os odores tal e qual como um aspirador recolhe bocadinhos de vidro, havendo alturas – muito frequentes, para dizer a verdade – em que Willy se espantava com o facto de o passeio não abrir brechas, tal era a força e a fúria com que o focinho de Mr. Bones operava. O cão, por regra a mais submissa das criaturas, tornava-se de súbito rebelde, ficava distraído, ausente, parecia esquecer-se completamente do dono, e se por acaso puxasse a trela antes de Mr. Bones estar pronto para avançar, antes de ter ingerido todo o aroma dos excrementos ou do charco de urina em análise, o cão fixava as patas no chão e, impávido e inamovível, resistia a todos os puxões, ficando-se com tal força às pedras do passeio que Willy muitas vezes se perguntava se não haveria uma bolsa oculta algures nas patas capaz de segregar cola sempre que o bicho assim o entendesse.

Como não ficar fascinado com tudo isto? Um cão tinha à volta de duzentos e vinte milhões de recetores olfativos, ao passo que um ser humano não possuía mais do que cinco milhões; e, com uma tal disparidade, seria lógico concluir que o mundo captado por um cão era completamente diferente daquele que um homem captava. A lógica nunca fora o forte de Willy, mas, neste caso, e porque era estimulado tanto pelo amor como pela curiosidade intelectual, atacou a questão com mais persistência do que era costume. O que sentia Mr. Bones quando se punha a cheirar qualquer coisa? E, tão importante como a questão anterior, porque é que ele cheirava o que cheirava? Uma observação rigorosa levou-o a concluir que para Mr. Bones havia essencialmente três categorias de interesse: comida, sexo e informações acerca de outros cães. Um homem abre o jornal de manhã para saber o que andam a tramar os seus semelhantes; um cão

faz o mesmo com o nariz: fareja árvores, postes de iluminação e alarmes de fogo para saber o que se passa com a população canina local. Rex, o *rotweiler* de dentes aguçados, deixou a sua marca naquele arbusto; Molly, a *cocker spaniel*, uma beleza de cadela, está com o cio; Roger, o vira-lata, comeu qualquer coisa que não lhe caiu bem. Para Willy, isto era mais do que evidente, uma matéria absolutamente incontroversa. As coisas começavam a complicar-se quando um tipo tentava entender aquilo que o cão estaria a sentir. Seria apenas uma questão de vigilância, não fosse o diabo tecê-las? Estaria o bicho apenas a digerir informação para ter os outros cães sempre sob controlo? Aqueles frenéticos festivais de farejadelas seriam mais do que simples táticas militares? Não haveria também naquilo tudo uma parte de prazer? Porventura um cão com a cabeça enterrada num latão do lixo não sentiria algo semelhante, digamos, ao perturbante esvaimento que se apodera de um homem quando encosta o nariz ao pescoço de uma mulher e sente a fragrância de um perfume francês, daqueles que custam quase um conto o mililitro?

Era impossível saber ao certo, mas Willy tendia a crer que era isso mesmo o que o cão sentia. Se assim não fosse, como explicar a dificuldade de arrancar Mr. Bones dos sítios onde havia determinados cheiros? O cão estava a gostar daquilo, tão simples como isso. Caía num estado de absoluta intoxicação, perdia-se num paraíso nasal que não suportava deixar. E se, como já foi referido, Willy estava convencido de que Mr. Bones tinha uma alma, não faria sentido que um cão com tais inclinações espirituais aspirasse a algo mais elevado, não necessariamente relacionados com as necessidades e as urgências do corpo, mas algo mais espiritual, mais artístico – os apetites imateriais da alma? E se, como não deixaram de assinalar todos os filósofos que abordaram o assunto, a arte é uma atividade humana que encontra nos sentidos um veículo para alcançar essa alma, não seria também lógico que os cães – pelo menos os cães da estirpe de um Mr. Bones – tivessem a capacidade de sentir um impulso estético similar? Ou, por outras palavras, não seriam também os cães capazes de apreciar a arte? Até então, tanto quanto Willy sabia, nunca ninguém dedicara um único pensamento a este assunto. Significaria isso que, em toda a história dos homens, era ele o primeiro a acreditar que uma tal coisa era possível? Tanto fazia que fosse ou não fosse. Aquela era uma ideia pertinente. Se os cães ficavam na mesma ao verem um quadro a óleo ou ao ouvirem um quarteto para cordas, quem poderia garantir que não reagiriam a uma arte baseada no sentido do olfato? Porque não uma arte olfativa? Porque não uma arte para cães que lidasse com o mundo tal qual os cães o conheciam?

Foi assim que começou o desvairado inverno de 1988. Mr. Bones nunca vira Willy tão excitado, tão calmo, tão cheio de uma inabalável energia. Durante três meses e meio, Willy trabalhou no projeto, excluindo tudo o mais da sua vida: mal se dava ao trabalho de fumar ou beber; dormia apenas quando já não se aguentava de pé, quase se esquecendo de escrever, ler ou escabichar o nariz. Elaborou planos, fez listas, experimentou com cheiros, traçou diagramas, construiu estruturas de madeira, lona, cartão, plástico. Havia tantos cálculos a fazer, tantos testes para supervisionar, tantas e tão tremendas questões a que era preciso responder: qual era a sequência de cheiros ideal? Quanto tempo deveria durar uma sinfonia e quantos cheiros deveria conter? Qual a arquitetura certa para a sala de concertos? Deveria esta ser construída como um labirinto, ou uma sequência de caixas dentro de caixas seria mais adequada à

sensibilidade canina? Deveria o cão fazer tudo sozinho, ou deveria o dono estar presente para o guiar ao longo das várias fases? Deveria cada sinfonia centrar-se em torno de um único tema – comida, por exemplo, ou odores de fêmea –, ou dever-se-ia misturar vários elementos? Willy debateu estes problemas um a um com Mr. Bones, pediu-lhe opinião, solicitou-lhe conselhos e suplicou a sua indulgência para o facto de servir de cobaia para os inúmeros ensaios que aí vinham. O cão raramente se sentira tão honrado, tão envolvido no tumulto dos humanos assuntos. Não só Willy precisava dele, como essa necessidade fora inspirada pelo próprio Mr. Bones. Ele, que tivera origens tão humildes, ele, que não passava de um vira-lata sem nenhum valor ou notoriedade particulares, via-se agora transformado no cão dos cães, num exemplar de toda a raça canina. Claro que se sentia feliz por fazer a sua parte, por cooperar em tudo o que Willy lhe pedia. Que diferença é que fazia se não entendia inteiramente o que se passava? Era um cão, não era? Por que raio é que havia de se recusar a farejar uma pilha de trapos ensopados em urina, a enfiar o corpo por um estreito alçapão, ou a rastejar ao longo de um túnel cujas paredes haviam sido besuntadas com restos de um jantar de esparguete e almôndegas? Aquilo podia não ter servido para nada, mas a verdade é que fora muito divertido.

Era isto mesmo que agora recordava: o divertimento, o gozo, aquela torrente constante que era a excitação de Willy. Que importância é que tinha a *Mom-san* mais os seus sarcásticos comentários? Importância nenhuma. Que importância é que tinha que o laboratório fosse na subcave do edifício, ao pé da fornalha e das canalizações, e que eles trabalhassem num chão frio de terra? Importância nenhuma. Eles estavam a trabalhar em qualquer coisa de essencial, submetiam-se os dois a rudes provações em nome do progresso científico. Se por vezes havia algo a lamentar, era apenas a intensidade do envolvimento de Willy naquilo que estavam a fazer. Aquilo consumia-o tanto, os mais ínfimos pormenores do projeto suscitavam-lhe um entusiasmo tão extremo, que com o passar dos dias se tornou cada vez mais difícil para Willy manter a necessária distância em relação às coisas. Certos dias punha-se a falar da sua invenção como se fosse uma descoberta capital, uma revolução tão importante como a lâmpada elétrica, o avião ou o *chip*. Graças àquela invenção, dizia ele, ganhariam num ápice montes de dinheiro, tornar-se-iam n vezes milionários e nunca mais teriam de se preocupar com o que quer que fosse. Noutros dias, porém, ficava de repente tão cheio de dúvidas e incertezas que se virava para Mr. Bones e desatava a desfiar um rosário de argumentos tão desmesuradamente esmiuçados, tão diabolicamente excessivos na sua exatidão, que o cão chegava a temer pela saúde do dono. «Seria levar as coisas demasiado longe» perguntou Willy certa noite «se incluísse cheiros de fêmea na orquestração da sinfonia? Será que esses cheiros não induziriam um forte desejo sexual no cão que os inalasse, deitando assim por terra as suas aspirações estéticas e transformando a peça em qualquer coisa de pornográfico, uma espécie de produto rasca para cães?» Imediatamente a seguir a esta interrogação, Willy desatou a fazer arabescos com palavras, coisa que acontecia sempre que a sua mente trabalhava a altas velocidades. «Purga a pornografia com a pieguice», murmurava para si mesmo enquanto cirandava pelo chão de terra da subcave, «a pura pieguice purgará a pornografia». Depois de ter desenredado os nós de tão barroco enleio, Mr. Bones compreendeu que Willy queria dizer que o sentimentalismo era preferível ao sexo,

pelo menos no que tocava às sinfonias, e que, se queriam permanecer fiéis ao desígnio de dar prazer estético aos cães, os anseios espirituais teriam de ter a primazia sobre os desejos físicos. Por isso, depois de suas semanas a fio a esfregar o nariz em toalhas e esponjas saturadas de perfumes de cadelas com cio, Mr. Bones foi contemplado com um sortido de instrumentos novinhos em folha: Willy ele mesmo, em todas as suas vaporosas manifestações. Meias, qualquer artigo de roupa que tivesse sido perfumado pelo fodor do seu dono. Mr. Bones divertia-se com estas coisas, tal como já se tinha divertido com as outras. Porque a verdade era que Mr. Bones era um cão, e os cães adoravam cheirar tudo o que lhes dessem a cheirar. Isso fazia parte da natureza dos cães; afinal, os cães tinham nascido para isso mesmo; cheirar era – como Willy corretamente observara – a grande vocação da existência canina. Por uma vez, Mr. Bones sentiu-se feliz por não lhe ter sido concedido o poder de falar como os seres humanos. Tivesse ele esse poder e teria sido obrigado a dizer a verdade a Willy; e a verdade tê-lo-ia magoado muitíssimo. Para um cão – teria ele dito –, para um cão, meu caro dono, o mundo inteiro é uma sinfonia de cheiros, essa é que é essa. Cada hora, cada minuto, cada segundo da sua vida acordada, é uma experiência simultaneamente física e espiritual. Não há nenhuma diferença entre o interior e o exterior, nada a separar o alto do baixo. É como se... como se...

No preciso momento em que se preparava para desenvolver na sua cabeça este discurso imaginário, Mr. Bones foi interrompido pela voz de Willy. *Porra!*, ouviu-o dizer. *Porra, porra, três vezes porra!* Mr. Bones ergueu num ápice a cabeça para ver qual era o problema. Uma chuva ligeira começara a cair, uma morrinha tão morrinhenta que Mr. Bones nem sequer a sentira no seu felpudo manto. Mas havia umas pequenas contas de humidade brilhando na barba de Willy e a *T-shirt* preta do dono parecia ter ganhado um padrão de minúsculas pintas por causa da humidade que absorvera. Isto não era nada bom. A última coisa de que Willy precisava era de ficar todo encharcado, mas se o céu enviasse aquilo que parecia ter prometido enviar, era isso mesmo o que iria acontecer. Mr. Bones examinou as nuvens lá no alto. A menos que houvesse uma súbita mudança de vento, em menos de uma hora aquelas frágeis gotinhas transformar-se-iam num violento e implacável aguaceiro. *Porra!*, pensou; quanto teriam ainda de andar até encontrarem a tal Calvert Street? Andavam para ali às voltas há vinte ou trinta minutos e nem sinal da casa de Bea Swanson. Se não dessem com ela rapidamente, a situação iria complicar-se pois Willy não teria a força necessária para continuar.

Tendo em conta a angustiante situação que estavam a viver, a última coisa de que Mr. Bones estava à espera era que o dono desatasse a rir. Mas ali estava ele, erguendo-se estrondoso das profundezas do estômago e explodindo violento na calmaria dominical: o seu velho e conhecido *oh! oh! oh!* Por um momento, pensou que Willy talvez estivesse a tentar desimpedir a garganta, mas quando ao primeiro *oh!* se seguiu um outro e depois outro, e outro ainda, Mr. Bones deixou de ter dúvidas quanto ao que os seus ouvidos estavam a dizer-lhe.

– Anda cá ver isto, ó amigalhaço! – disse Willy, pegando no seu melhor sotaque *cowboy*, uma voz reservada para ocasiões especiais, um sotaque a que só recorria quando se via diante das mais grandiosas e alucinantes ironias da vida. Por muito desconcertado que ficasse com o facto de estar a ouvir aquele sotaque naquele preciso

momento, Mr. Bones tentou aproveitar a súbita mudança na meteorologia emocional para ganhar um pouco de ânimo.

Willy parara e tudo indicava que dali não sairia. Toda aquela zona tresandava a pobreza e a lixo por recolher – e, no entanto, não é que estavam diante da mais bela casinha que Mr. Bones jamais vira?! Um edifício que parecia de brinquedo, construído com tijolo vermelho e adornado com persianas verdes, daquelas de tabuinhas, três degraus verdes e uma porta reluzente de branca. Havia uma placa na parede e Willy piscava e repiscava os olhos para conseguir ler o que ela dizia; a cada palavra que lia, mais se parecia com um *cowboy* acabadinho de chegar do Texas.

– Dois zero três North Amity Street – recitou ele. – Residência de Edgar Allan Poe, de mil oitocentos e trinta e dois a mil oitocentos e trinta e cinco. Aberto ao público de abril a dezembro, de quarta-feira ao sábado, doze horas traço quinze e quarenta e cinco.

Bom, aquilo a Mr. Bones não dizia rigorosamente nada, era caso para dizer que tanto se lhe dava como se lhe deu. Mas quem era ele para pôr em causa os entusiasmos do dono? Nos últimos quinze dias, era a primeira vez que o via verdadeiramente inspirado; e apesar de a recitação ter dado lugar a mais um brutal ataque de tosse (mais expetoração, mais sufocação, algeroz), Willy depressa se recompôs quando o espasmo abrandou.

– Descobrimos ouro, parceiro – disse ele, escarrando os últimos bocados de muco e tecido pulmonar. – Não, pá, isto não é a casa de Miss Bea, isso é mais que certo, mas se eu pudesse escolher, podes crer que não haveria outro sítio ao cimo da terra onde eu quisesse estar. Este camarada aqui, o Poe, foi o meu avô, o grande antepassado e papá de todos nós, escribas ianques. Sem ele, não haveria nenhum eu, nem nenhuns eles, nem ninguém. Viemos dar à Poelândia¹⁹, e, se disseses a palavra rapidamente, verás que é o mesmo país onde nasceu a minha própria mãezinha que já lá está. Um anjo guiou-nos até a este local, onde eu pretendo sentar-me por um momento a prestar a minha homenagem. E visto que de qualquer modo eu também já não consigo dar nem mais um passo, sentir-me-ia muito honrado se pudesse contar com a tua companhia, Mr. Bones. Isso mesmo, sócio, instala-te aqui ao meu lado enquanto eu dou descanso às gâmbias. Não lighes à chuva. É só molha-tolos, de maneira que para nós não há problema.

Após um longo e penoso ronco, Willy baixou-se muito lentamente até o traseiro encontrar o chão. Era uma dor ter de assistir àquela cena – tão desmedido esforço para tão curta viagem –, e o coração do cão transbordava de pena ao ver o dono em tão triste estado. Naquele momento, enquanto Willy se baixava até chegar ao passeio, encostando depois as costas à parede, Mr. Bones soube – exatamente como, não o entendeu nunca – que o dono não mais se levantaria. Era o fim da vida deles juntos. Os derradeiros momentos estavam a chegar, e agora não havia outra coisa a fazer senão sentar-se ali até que a luz se escoasse dos olhos de Willy.

Mesmo assim, a viagem nem por isso fora um fracasso. Tinham ido à procura de uma coisa e haviam encontrado outra, e, tudo somado, Mr. Bones preferia a coisa que tinham encontrado àquela que não tinham encontrado. Não estavam em Baltimore, estavam na Polónia. Por um qualquer milagre da sorte ou do destino ou da divina justiça, Willy conseguira regressar a casa. Regressara à terra dos seus antepassados, e

agora podia morrer em paz.

Mr. Bones ergueu a pata traseira esquerda e atacou uma comichão que tinha atrás da orelha. Viu ao longe um homem e uma miúda caminhando lentamente na direção oposta, mas nem lhes ligou. Viriam, passariam, desapareceriam, e não fazia diferença nenhuma quem eram ou deixavam de ser. A chuva caía agora mais forte e uma ligeira brisa começava a jogar futebol com as embalagens de chocolates e os sacos de papel que havia na rua. Farejou o ar uma, duas vezes, depois bocejou por nenhuma razão em especial. Passado um momento, enroscou-se no chão ao lado de Willy, respirou profundamente e ficou à espera do que ia acontecer a seguir, fosse lá o que fosse.

11 O adágio referido no original é *To teach an old dog new tricks*: «Ensinar novas habilidades a um cão velho»; na versão portuguesa: «Ensinar nova andadura a burro velho» ou «Burro velho não aprende línguas». (N. do T.)

2 «Amigo leal» ou «Amigo fiel». A expressão kemo sabe (de eventual origem índia) vem das aventuras de *The Lone Ranger*, que a televisão popularizou nos anos 50. (N. do T.)

3 Por mera curiosidade, note-se que, normalmente, este é um prato confeccionado com galinha. (N. do T.)

4 A língua inglesa numa versão menos «pura», produto das inúmeras influências das línguas dos imigrantes. (N. do T.)

5 *Crab cakes*, bolinhos de caranguejo muito populares em Maryland, designadamente em Baltimore. (N. do T.)

6 Do nome da baía que banha Baltimore. (N. do T.)

7 Beisebol de rua: o taco era um cabo de vassoura, a bola obviamente mais leve do que a usada no beisebol. (N. do T.)

8 Zona de Nova Iorque onde se situa a Universidade de Columbia. (N. do T.)

9 Massapequa foi já considerada a quinta-essência do subúrbio americano (obviamente, entenda-se o termo «subúrbio» no contexto americano). (N. do T.)

10 Satanás. Manteve-se o «Santa Claus» do original, precisamente para que não se perdesse este trocadilho. (N. do T.)

11 Termo yiddish que significa «todos aqueles que não são judeus», «gentios», «cristãos» (mais provável a última aceção, neste caso). (N. do T.)

12 Referência a um tema do célebre pianista e compositor de jazz, Fats Waller (1904-1943), *The Jitterbug Waltz*, de 1942. (N. do T.)

13 Tecido de lã escocês, muito suave, com estampado vivo. (N. do T.)

- 14 George «Gabby» Hayes, ator americano que participou em inúmeros *westerns* nos anos 40. (N. do T.)
- 15 Termo *yiddish* para «compreendes?». (N. do T.)
- 16 Associação de um termo inglês, *mom* (mamã), a uma forma japonesa de tratamento respeitoso, *san* (senhora). (N. do T.)
- 17 Termo *yiddish* para «problemas», «contrariedades», «chatices». (N. do T.)
- 18 Manteve-se o trocadilho inglês *dog* (cão) / *god* (deus), já que, em português, obviamente não haveria equivalente. (N. do T.)
- 19 No original, *Poe-land*, «Poelândia», «Terra de Poe», que foneticamente se confunde com *Poland*, «Polónia». (N. do T.)

Não aconteceu nada. Durante imenso tempo, foi como se todo o bairro tivesse parado de respirar. Ninguém, transeuntes ou carros, passou por eles, nem uma só alma entrou ou saiu de casa. A chuva caiu a cântaros, tal como Mr. Bones previra, mas depois foi abrandando, convertendo-se a pouco e pouco na morrinha inicial, até que saiu de cena sem que ninguém desse por ela. Willy nem um músculo mexeu enquanto durou este rebuliço nas alturas. Continuava estatelado contra a parede de tijolo, os olhos cerrados e a boca um nada aberta. Se não fosse a cavernosa chiadeira que intermitentemente emergia dos seus pulmões, Mr. Bones teria por certo concluído que o dono já estava com os dois pés no outro mundo.

Aquele para onde as pessoas iam depois de morrerem. Logo que a nossa alma se separava do corpo, este era enterrado, pisgando-se a nossa alma para o outro mundo. Nas últimas semanas, Willy não tinha falado de outra coisa, e agora não havia na mente do cão a menor dúvida de que o outro mundo era um sítio real e não uma invenção. Chamava-se Timbuktu e, tanto quanto Mr. Bones pudera perceber, ficava no meio de um deserto algures não sabia onde, longe de Nova Iorque ou de Baltimore, longe da Polónia ou de qualquer outra cidade que tinham visitado no decurso das suas viagens. A certa altura, Willy descrevera-o como «um oásis de espíritos». Noutra altura, dissera: «O mapa de Timbuktu começa onde acaba o mapa deste mundo». Pelos vistos, para um tipo lá chegar tinha de atravessar uma imensa região de areia e calor, um reino onde o nada reinava eternamente. Mr. Bones achava que era uma jornada extremamente difícil e desagradável, mas Willy garantia-lhe que não, que a viagem não durava mais do que um abrir e fechar de olhos. E mal um tipo lá chegava, dizia ele, mal um tipo passava a fronteira desse refúgio, nunca mais tinha de se preocupar com coisas mezinhas do género comer, dormir à noite ou esvaziar a bexiga. Um tipo passava a estar completamente sintonizado com o universo, passava a ser um grãozinho de antimatéria alojado no cérebro de Deus. Mr. Bones tinha dificuldade em imaginar como é que seria a vida num sítio daqueles, mas Willy falava desse outro mundo com uma ânsia tal, com tais agonias de ternura resplandecendo na sua voz, que o cão acabou por mandar às urtigas todos os seus temores. *Tim-bu-ktu*. Agora, bastava o som da palavra para o deixar feliz. A incisiva combinação de vogais e consoantes tinha o condão de calar fundo nos mais ocultos recantos da sua alma; e sempre que aquelas três sílabas rolavam pela língua do dono, uma onda de radioso bem-estar inundava-lhe o corpo todo – como se a palavra, por si só, fosse já uma promessa, uma garantia de melhores amanhã.

Que importância é que tinha que fizesse um calor dos diabos nesse tal outro mundo? Que importância é que tinha que não houvesse nada para comer, nem para beber, nem para cheirar? Se era para aí que Willy ia, então era para aí que ele também queria ir. Parecia-lhe perfeitamente justo e merecido que, quando chegasse a sua hora de dizer adeus a este mundo, o deixassem viver no além com a mesma pessoa a quem se tinha afeiçoado no aquém. Os animais selvagens sem dúvida que também tinham o seu Timbuktu particular, florestas infindas onde podiam andar à vontade, sem ameaças de tiros ou armadilhas dos duas patas. Mas os leões e os tigres eram diferentes dos cães, por isso não fazia sentido que, na outra vida, se metessem animais domesticados e não domesticados todos no mesmo saco, pois os fortes devorariam os fracos e, num abrir e fechar de olhos, todos os cães que lá houvesse seriam mortos e bem mortos, despachados para uma outra outra vida, um além além do além, e a verdade é que nem ao diabo lembraria acomodar as coisas dessa maneira. Se havia alguma justiça no mundo, se o deus canino tinha alguma influência no que sucedia às suas criaturas, então o melhor amigo do homem permaneceria ao lado do homem depois de ambos terem batido a bota. E mais: em Timbuktu, os cães seriam capazes de falar a linguagem do homem e conversar com ele de igual para igual. Bom, isso era o que a lógica ditava, mas vá-se lá saber se a justiça ou a lógica tinham mais impacto no outro mundo do que tinham neste! Willy, por alguma razão, esquecera-se de abordar esta matéria, e como o nome de Mr. Bones não surgira nunca – nem uma vez para amostra! – em todas as suas conversas sobre Timbuktu, o cão continuava completamente às escuras quanto àquilo que o esperava após a sua própria morte. E se Timbuktu fosse, afinal, um daqueles sítios com tapetes todos artísticos e antiguidades caríssimas? E se, à entrada, houvesse um daqueles sinais a dizer que os cães tinham de ficar na rua? Claro que uma coisa dessas parecia impossível, mas Mr. Bones vivera já o suficiente para saber que tudo era possível, que as coisas impossíveis aconteciam a toda a hora. Quem sabe, talvez esta fosse uma dessas coisas impossíveis possíveis. Essa dúvida era, com efeito, a razão de um sem-número de temores e angústias, de um horror inconcebível que se apoderava dele sempre que se punha a pensar no caso.

Contra todas as previsões, o céu começou a clarear quando ele, perdido em tais pensamentos, estava já a ficar, uma vez mais, apavorado. Não só a chuva tinha parado, como também as pesadas nuvens lentamente se separavam, e, se apenas uma hora antes, tudo estava cinzento e triste, agora o céu tingia-se de cor; vinda de oeste, uma mescla desordenada de filamentos cor-de-rosa e amarelos caía sobre a terra, avançando firmemente ao longo de toda a extensão da cidade.

Mr. Bones ergueu a cabeça. Um momento depois, como se houvesse uma conexão secreta entre as duas ações, um feixe de luz rompeu como um dardo por entre as nuvens, acertando em cheio no passeio, a poucos centímetros da sua pata esquerda. Logo a seguir, um outro feixe aterrou mesmo junto da pata direita. Um xadrez de luz e sombra começou a formar-se no passeio diante dele, e era uma coisa linda de se ver – pelo menos foi o que Mr. Bones sentiu: uma pequena e inesperada gentileza depois de tanta tristeza e dor. Olhou de novo para Willy e, no preciso momento em que virou a cabeça, uma imensidão de luz inundou tão intensamente o rosto do dono que os olhos do poeta adormecido involuntariamente se abriram – e ali estava Willy, quase defunto um momento antes, limpando as teias de aranha para regressar à terra dos vivos.

Tossiu uma vez, outra vez, outra vez ainda, antes de se afundar num prolongado ataque. Mr. Bones ficou a ver, impotente, enquanto glóbulos de monco voavam da boca do dono. Alguns aterravam na camisa de Willy, outros no passeio, outros ainda, os mais frouxos e pegajosos, escorriam-lhe molemente pelo queixo barbudo, onde ficaram suspensos como fios de esparguete. Com a continuação do ataque, pontuado por violentas sacudidelas, guinadas e contorções, desataram a gingar para a frente e para trás numa dança louca e sincopada. Mr. Bones estava aterrado com a violência do ataque. Com certeza que aquilo era o fim, disse ele para os seus botões, com certeza que aquilo era o limite do que um homem podia aguentar. Mas Willy ainda estava capaz de dar luta; depois de ter limpado a cara à manga do casaco e de ter recuperado o fôlego, surpreendeu Mr. Bones abrindo-se num sorriso imenso, quase beatífico. Com extrema dificuldade, manobrou o esqueleto para ficar numa posição mais confortável, recostando-se contra a parede da casa e estirando as pernas no passeio. Logo que o dono voltou a ficar quieto, Mr. Bones pousou a cabeça sobre a coxa direita dele. Quando Willy estendeu a mão e se pôs a afagar-lhe o cocuruto da cabeça, um pouco de paz regressou ao coração destroçado do cão. Aquilo era apenas temporário, claro que era, não mais que uma ilusão, mas nem por isso deixava de ser um bom remédio.

– Presta atenção, Cidadão Vira-Lata – disse-lhe Willy. – Está a começar. As coisas começam a dissolver-se. Uma a uma, estão a dissolver-se, e só restam coisas estranhas, minúsculos restos de há muito, muito tempo, nada que se pareça com as coisas de que eu estava à espera. Mas não posso dizer que esteja com medo. Um pouco triste, talvez, um pouco chateado por ter de sair de cena tão cedo, mas não estou todo borrado como pensava que estaria. É tempo de fazeres as malas, amigo. Metemos pela estrada para a Cidade dos Pés Juntos e agora já não podemos voltar atrás. Estás a perceber, Mr. Bones? Apanhaste tudo?

Mr. Bones estava a perceber, Mr. Bones tinha apanhado tudo.

– Quem me dera ser capaz de reduzir este meu discurso a meia dúzia de palavras sabiamente escolhidas – prosseguiu o moribundo. – Mas a verdade é que não sou capaz. Epigramas incisivos, concisas pérolas de sabedoria, Polónio engrenando em mais uma das suas tiradas de despedida. Mas não, essa é uma arte que eu não domino. Não emprestes nem peças emprestado²⁰; não deixes para amanhã o que podes fazer hoje. Há demasiados destroços no sótão, Bonesy²¹, de maneira que vais ter de ser paciente comigo enquanto eu me espraio e divago. Parece que faz parte da natureza das coisas que eu me deixe enredar na confusão. Mesmo agora, que estou a entrar no vale sombrio da morte, os meus pensamentos atolam-se no lamaçal de antanho. Aqui está o busflis, signore²². Toda esta barafunda na minha cabeça, todas estas bagatelas, este bricabraque, estas inúteis bugigangas tombando das estantes. De facto, senhor, a triste verdade é que eu sou um brutamontes com muita serradura nos miolos.

Como prova, ofereço-te o regresso às luzes da ribalta do fixador *O'Dell's*. A coisa desapareceu da minha vida já lá vão quarenta anos, e agora, no último dia, eis que regressa inopinadamente. Eu queria tanto falar de coisas profundas e, vai-se a ver, não capto outra coisa senão este factóide de caca, este *microblop* no ecrã da memória. A minha mãe costumava esfregar-me o cabelo com o tal fixador quando eu era pequeno, uma coisa de nada, não mais que um pingó de gente. Vendiam-no nas barbearias locais, vinha num frasco de vidro transparente, mais ou menos deste tamanho. O

gargalo era preto, acho que era, e no rótulo... no rótulo havia uma gravura com um idiota dum miúdo de sorriso todo arreganhado. Um patarata supersaudável, daqueles que só existem nas nossas fantasias, com um penteado absolutamente impecável. Aquele cabeça de alho chocho era imune às mechas rebeldes, não havia remoinho que estragasse a planta ao boneco. Eu tinha cinco, seis anos, e todas as manhãs a minha mãe aplicava-me o tratamento na esperança de que eu ficasse tal e qual o irmão gêmeo do paspalho. Parece que estou a ouvi-lo, àquele glo-glo-glo, quando aquela langonha saía do frasco. Era um líquido translúcido, esbranquiçado, peganhento ao toque. Uma espécie de esperma agudo, acho, mas, naqueles tempos, quem é que sabia dessas coisas? Provavelmente, para fazerem o fixador, contratavam putos adolescentes que se masturbavam para dentro de barris. Assim se fazem fortunas no nosso grande país. Aquilo que ao fabricante custa um centimo, ao comprador custa um dólar; agora faz-lhe as contas. De maneira que a minha mãe polaca empapava-me o couro cabeludo com o fixador *O'Dell's*, penteava-me as mechas rebeldes e depois mandava-me para a escola feito sócia do lambe-cus que vinha no frasco. Porra, eu ia ser um americano, e aquele cabelo significava que eu fazia parte da sociedade americana, que os meus pais estavam a par do caralho das coisas que realmente faziam a diferença!

Antes que desates a chorar, meu amigo, deixa-me acrescentar que o fixador *O'Dell's* era uma mistela falsificada, uma fraude. Aquilo até conseguia reprimir as teimosias do cabelo, mas, na verdade, era mais grude que fixador. Na primeira hora, parecia que cumpria a sua missão, mas depois, à medida que a manhã avançava, o grude endurecia e, a pouco e pouco, o meu cabelo convertia-se numa massa de arames rígidos, resinosos – era como se me tivessem enfiado na cabeça um gorro metálico com molas. Aquilo era tão estranho ao toque que eu não conseguia deixar o capacete em paz. Enquanto a minha mão direita pegava no lápis, fazendo os dois mais três e os seis menos cinco, a esquerda deambulava lá por cima, Tateando e debicando naquele forasteiro que se me pegara à cabeça. A meio da tarde, o *O'Dell's* estava já tão ressequido, tão seco, que todo aquele gesso capilar se transformava num emaranhado de fios quebradiços. Esse era o momento de que eu estava à espera, o sinal de que o último ato da farsa estava prestes a começar. Um a um, pegava pela raiz em cada um dos pelos que tinha plantados no couro cabeludo, apertava-o com toda a força entre o polegar e o dedo do meio e puxava. Lentamente. Muito lentamente, fazendo deslizar as unhas ao longo de cada cabelo. Ah! Prazeres imensos, incomensuráveis! Nuvens de pó desprendendo-se de mim! As borrascas, as nevascas, os vendavais de brancura! Deixa-me que te diga, aquilo não era nada fácil, mas, a pouco e pouco, todos os vestígios do *O'Dell's* iam desaparecendo. Quando a campainha soava pela última vez e o professor nos mandava para casa, o feito acabava desfeito e o meu couro cabeludo formigava de felicidade. Era tão bom como sexo, *mon vieux*, tão bom como todas as drogas e bebidas que alguma vez enfié no sistema. Tinha apenas cinco anos e todos os dias era uma nova orgia de autorreparação. Não admira que não prestasse nenhuma atenção nas aulas. Estava demasiado ocupado a coçar-me, demasiado ocupado com o meu *O'Dell's*iano mexe-mexe.

Mas basta. Basta deste tédio. Basta deste *Te Deum*²³. O fixador para o cabelo é apenas a ponta do icebergue, e se eu engreno nestas cagadas de infância, podes crer que não saímos daqui nas próximas dezasseis horas. E não temos tempo para isso, pois

não? Não para o óleo de rícino, não para o requeijão que diziam ser da quinta, não para as papas de aveia cheias de grumos, não para a pastilha elástica *Blackjack*. Todos nós crescemos com esse lixo, mas agora tudo isso acabou, não é?, acabou mesmo. Também, quem é que se rala? Está-se tudo nas tintas! Parede de papel, é o que aquilo era. Música de fundo. Pó de *zeitgeist* no mobiliário da mente. Posso trazer de volta cinquenta e um mil pormenores – e depois? Que bem é que isso nos vai fazer, a mim e a ti? Nenhum. Compreender! Esse é que é o meu objetivo, parceiro. A chave para o *puzzle*, a fórmula secreta depois de quatro décadas e tal de andar a tentar no escuro. E apesar disso, apesar disso, toda esta droga continua a intrometer-se no meu caminho. Estou aqui quase a dar o último suspiro e, vai-se a ver, estou atafalhado nisto. Migalhas inúteis de conhecimento, memórias não desejadas, felpa de dente-de-leão.

É tudo ar e fumo, meu rapaz, um fartote de vento. A vida e a época de R. Mutt²⁴. Eleanor Rigby. Rumpelstiltskin²⁵. Mas também, porra!, quem é que quer saber quem eles são? Os *Pep Boys*, os *Ritz Brothers*, *Rory Calhoun*, *Captain Video* e os *Four Tops*²⁶. As *Andrews Sisters*, a *Life* e a *Look*, os *Bobbsey Twins*²⁷. Isto não tem mesmo fim, pois não? Henry James e Jesse James, Frank James e William James, James Joyce. Joyce Cary. Cary Grant. Garante-me um palitinho de *cocktail* e fio dental, pastilha elástica *Dentyne* e *donuts* a escorrerem mel. Eliminar *Dana Andrews* e *Dixie Dugan*²⁸, depois insere Damon Runyon²⁹ e dá-me o rum, o rum barato para o que der e vier. Esquece os *Pall Malls* e as moles humanas nos centros comerciais, *Milton Berle* e *Burl Ives*, sabonetes *Ivory* e *Aunt Jemima*³⁰ – mistura para panquecas. Não preciso deles, pois não? Não, para onde vou não preciso, e no entanto eles aqui estão, percorrendo o meu cérebro como se fossem irmãos há muito perdidos. Isto é mesmo o que se chama o *know-how* americano. Não nos larga nem um só momento, e a cada minuto que passa há sempre lixo novo para correr com o velho. Era caso para pensar que já devíamos estar de pé atrás, que já devíamos ter os olhos bem abertos para os truques com que eles nos enleiam, mas as pessoas nunca se fartam disto. Aplaudem, agitam bandeiras, contratam bandas para marcharem na avenida. Sim, sim, coisas assombrosas, coisas miraculosas, máquinas capazes de espantar a própria imaginação. Mas não nos esqueçamos, não, não nos esqueçamos de que não estamos sozinhos neste mundo. O *know-how* não conhece fronteiras, e quando um tipo se põe a pensar na fartura que cai sobre nós vinda dos outros lados dos mares, é como um soco que nos atinge e quase nos estatela, o que é igual a dizer que o dito soco nos põe no nosso lugar. Não, não, eu não estou só a pensar em coisas tão óbvias como perus do Peru ou *chili* do Chile. Também estou a pensar nas pantalonas, que vêm de França. Estou a pensar na dor (*pain*), que vem de Espanha (*Spain*), e na piedade (*pity*), que vem de Itália (*Italy*), e também nos cheques da Checoslováquia e no toão (*fleece*), que vem da Grécia (*Greece*). O patriotismo tem o seu papel a desempenhar, mas, vendo bem as coisas, é um sentimento que é melhor não andarmos para aí a exhibir. Sim, nós, os ianques, demos ao mundo o *zipper* e o *Zippo*³¹, isto para não falar do *zip-a-dee doodah*³² e do Zeppo Marx, mas também somos responsáveis pela bomba H e pelo *hula hoop*. Fica tudo equilibrado no fim, não é? No preciso momento em que um tipo pensa que é o máximo, quando dá por isso está feito um cão sarnento. E não me estou a referir a ti, Mr. Bones. Cão sarnento é metáfora, não sei se me faço entender, é um símbolo dos espezinhadados, e tu não és nenhum tropo, meu rapaz, tu não poderias ser mais real.

Mas não me interpretes mal. Há demasiadas coisas no mundo para um tipo não se sentir tentado. O engodo das minudências, é disso que estou a falar, as seduções da coisa em si. Um tipo só se for cego é que não cai uma vez por outra. Que coisas? Tanto faz. Escolhe uma coisa, uma coisa qualquer, e vais ver se não bate certo o que eu digo, arranjo-te logo um *dossier*. O esplendor das rodas da bicicleta, por exemplo. Aquela leveza, aquela elegância de filigrana, aqueles aros reluzentes, aqueles raios diáfanos. Ou o som de uma tampa da rede de esgotos chocalhando debaixo de um camião às três da manhã. Isto já para não falar do *Spandex*, que provavelmente fez mais para embelezar a paisagem do que qualquer invenção desde o fio telefónico subterrâneo. Estou a referir-me à visão de umas calças de *Spandex* bem coladas ao traseiro de um borracho quando ela passa por nós na rua. Será preciso dizer mais? Só se estiver morto é que um tipo não se excita com uma coisa dessas. Aquilo dispara e enfia-se em nós, não parando de se revolver na nossa cabeça até que tudo se dissolva num imenso limo manteigoso. Vasco da Gama nos seus calções tufados. A boquilha de Franklin Delano Roosevelt. A peruca empoada de Voltaire. Cunégonde! Cunégonde!³³ Pensa no que acontece quando o dizes. Vê aquilo que dizes quando o pensas. Cartografia. Pornografia. Estenografia. Tonitruosos tartamudeios, flausinas episcopais, *Fudgsicles*³⁴ e flocos estaladiços. Admito que sucumbi aos encantos destas coisas tão facilmente como qualquer outro. Eu não sou, de forma alguma, superior à ralé com quem me tenho cruzado durante... oh!, durante todos estes anos. Eu sou humano, não sou? Se isso faz de mim um hipócrita, então que o seja.

Às vezes um tipo tem mesmo de se curvar por respeito. Uma pessoa aparece com uma ideia na qual nunca ninguém tinha pensado, uma ideia tão simples e perfeita que se fica a pensar como é que o mundo terá conseguido sobreviver sem ela. A mala com rodas, por exemplo. Como é possível que tenhamos demorado tanto tempo a chegar à mala com rodas? Durante trinta mil anos andámos a arrastar as nossas cargas de um lado para o outro, suando e fazendo um esforço dos diabos enquanto nos deslocávamos para os mais diversos lugares, e só houve uma coisa, uma única coisa, que ganhámos com isso: músculos doridos, problemas na coluna, exaustão! E afinal até já tínhamos a roda há um ror de tempo, não tínhamos? É isso que me põe doido. Porque é que tivemos de esperar pelo fim do século vinte para que esse apetrecho visse a luz do dia? Quer dizer, à falta de melhor, seria de esperar que pelo menos os patins tivessem levado alguém a fazer a indispensável associação, a somar os necessários dois mais dois. Mas não. Passam cinquenta anos, passam setenta e cinco anos, e as pessoas continuam a carregar com as suas malas ao longo dos aeroportos e das estações de caminho de ferro sempre que deixam a base para irem visitar a tia Rita que vive em Poughkeepsie. Podes crer, amigo, as coisas não são tão simples como parecem. O espírito humano é um instrumento embotado, e muitas vezes, quando se trata de discernir sobre como havemos de cuidar de nós mesmos, não somos melhores do que o mais vil dos vermes ao cimo da terra.

Eu posso ter sido uma infinidade de coisas, mas disto estou certo: nunca permiti que a minha pessoa fosse esse verme. Eu saltei, galopei, voei a grandes alturas, posso ter caído muitas vezes e posso ter-me espatifado todo nessas quedas, mas também é verdade que sempre me recompus e voltei a tentar. Mesmo agora, mesmo agora que a escuridão se cerra sobre mim, a minha mente aguenta firme e não se vai dar por

vencida. A torradeira transparente, camarada Bones. Apareceu-me numa visão há duas ou três noites, e desde então a minha cabeça não tem parado de fervilhar com essa ideia. Porque não expor o processo?, disse eu para mim mesmo. Porque é que a gente não há de poder ver o pão passar do branco inicial ao castanho dourado, ver a metamorfose com os nossos próprios olhos? Qual é a vantagem de fecharmos o pão a sete a chaves e de o escondermos atrás daquela coisa tão feia que é o aço inoxidável? O que eu proponho é vidro transparente, com as espirais cor de laranja refulgindo lá dentro. Seria o Belo em nossas casas, uma obra de arte em todas as cozinhas, uma escultura luminosa que se ofereceria à nossa contemplação, mesmo quando nos entregamos à humilde tarefa de preparar o pequeno-almoço e de ganharmos forças para um dia de trabalho. Vidro transparente, resistente ao calor. Poderíamos tingi-lo de azul, tingi-lo de verde, tingi-lo da cor que quiséssemos, e então, com o laranja irradiando lá dentro, imagina só as combinações, imagina só as maravilhas visuais que seriam possíveis. Fazer torradas converter-se-ia num ato religioso, numa emanção do transcendente, numa forma de prece. Deus do céu! Quem me dera ter forças para trabalhar agora neste projeto, para me sentar a desenhar alguns planos, para aperfeiçoar a coisa e ver até onde poderíamos chegar. O meu sonho foi só esse, Mr. Bones: fazer do mundo um sítio melhor. Levar alguma beleza aos recantos cinzentos, insípidos e rotineiros da alma. Pode-se fazer isso com uma torradeira, pode-se fazer isso com um poema, pode-se fazer isso estendendo a mão a um desconhecido. Não interessa o modo. Deixar o mundo um pouco melhor do que o encontrámos. Isso é o melhor que um homem jamais poderá fazer.

Está bem, ri-te se quiseses. Quando eu me entusiasmo, entusiasmo-me mesmo, e pronto, as coisas são como são. Às vezes sabe bem deixar que o sangue jorre, que o coração fale por nós. Será que isso faz de mim um tolo? Talvez faça. Mas antes isso que andar amargurado, é o que eu acho, antes seguir as lições do Pai Natal do que passarmos toda a nossa vida nas garras do embuste. Sim, eu sei o que estás a pensar. Não precisas de o dizer. Até dá para ouvir as palavras na tua cabeça, *mein herr*, mas está descansado que aqui o teu amigo não vai entrar em discussão nenhuma contigo. Porquê este debater-se?, porquê este agitar-se?, é o que tu estás a perguntar a ti mesmo. Porquê este revolutear-se?, porquê este revolver-se na poeira do chão?, porquê este perpétuo rojar-se até à aniquilação? Fazes muito bem em colocar estas questões. Eu próprio as pus muitas vezes e a única resposta a que cheguei em toda a minha vida é aquela que não responde a nada: porque eu quis que fosse assim. Porque não tive alternativa. Porque não há respostas para perguntas destas.

Nada de desculpas, portanto. Eu sempre fui uma criatura cheia de defeitos, Mr. Bones, um homem cheio de contradições e inconsistências, outros tantos cabos que puxaram demasiados impulsos. Por um lado, um coração puro, bondade, o leal acólito do Pai Natal. Por outro lado, um tipo intratável e desbragado, um niilista, um palhaço bêbedo. E o poeta? O poeta, suponho, ficou algures no meio, no intervalo entre o melhor e o pior de mim. Não o santo, e não o bêbedo com a mania das graçolas. O homem com as vozes na cabeça, aquele que por vezes conseguia escutar as conversas das pedras e das árvores, aquele que, de quando em vez, conseguia transformar a música das nuvens em palavras. É uma pena, é lamentável, que eu não tivesse conseguido ser mais esse. Mas, infelizmente, eu nunca estive em Itália, que é a terra de

onde vem a pena, o dó e a piedade, e se um tipo não tem massa para a viagem, bom, então não tem outra hipótese senão ficar em casa.

A verdade, porém, é que tu nunca me viste no meu melhor, Sir Osso, e aí está uma coisa que eu lamento. Lamento que me tenhas conhecido apenas no declínio. Outro galo cantou nos meus bons velhos tempos, antes de o meu ânimo ter começado a sumir aos poucos e de eu ter tido esta... esta avaria na máquina. Nunca quis ser um vagabundo. Não era isso o que tinha em mente para a minha pessoa, não era assim que eu sonhava o meu futuro. Surripiar garrafas vazias dos vidrões não fazia parte do plano. Esguichar água para os para-brisas também não fazia parte do plano. Cair de joelhos às portas das igrejas e fechar os olhos para ficar tal e qual um mártir cristão dos primeiros tempos, para que um transeunte qualquer se apiedasse de mim e deixasse cair uma moedinha ou duas na palma da minha mão – não, Signor Puccini! Não, não, não! Não foi para isso que eu fui posto neste mundo. Mas o homem não vive só de palavras. O homem precisa de pão, e não lhe chega uma fatia, tem de ter sempre duas. Uma para o bolso e outra para a boca. Pão para comprar pão, não sei se estás a ver, e quando não se tem a primeira qualidade de pão, então é tão certo como a morte que também não se vai ter a segunda.

Foi um rude golpe quando a *Mom-san* nos deixou. Não vou negar isso, meu jovem cachorro, tal como não vou negar que ainda lixei mais as coisas quando me desfiz de todo aquele dinheiro. Eu disse que não ia haver pedidos de desculpa, mas agora quero retirar o que disse e pedir-te desculpa. Sim, eu fiz uma coisa estúpida e precipitada e ambos pagámos por isso. Afinal de contas, dez mil dólares não é o mesmo que *Shredded Wheat*³⁵. Deixei que todo esse dinheiro escorregasse como areia por entre os meus dedos, fiquei parado a ver enquanto os maços de notas se espalhavam aos quatro ventos, e o que há de engraçado nesta história é que me estive nas tintas. Aquilo fazia-me feliz, comportar-me como um manda-chuva, ostentar os meus despojos como um esbanjador deslumbrado. O Sr. Altruísmo. O Sr. Al Truísmo, sou eu o Sr. Al Truísmo, o único e inimitável Alberto Verissimo, o homem que recebeu a massa do seguro de vida da mãe e ficou sem cheta. Cem dólares para Benny Shapiro. Oitocentos dólares para Daisy Brackett. Quatro mil dólares para o *Fresh Air Fund*³⁶. Dois mil dólares para a *Henry Street Settlement House*³⁷. Mil e quinhentos dólares para o programa «Poetas nas Escolas»³⁸. Foi um ver se te avias, não foi? Uma semana, dez dias, e quando dei por isso tinha-me despojado de toda a minha herança. Enfim. O diabo o dá, o diabo o leva – é o que diz o velho ditado. E quem sou eu para pensar que poderia ter procedido de outro modo? Está-me no sangue ser ousado, fazer aquilo que mais ninguém faria. Aliviei-me do *jackpot*, foi isso que fiz. Era a minha grande oportunidade, a minha única oportunidade de me deixar de floreios e de fazer a aposta decisiva, de provar a mim mesmo que tudo aquilo que vinha dizendo há tanto, tanto tempo, era mesmo verdade. De maneira que, quando a massa veio, não hesitei. Aliviei-me do *jackpot*. Posso ter-me lixado com essa história, mas isso não significa que tenha agido em vão. O orgulho, no fim de contas, sempre tem algum peso no coração humano, e eu sinto-me feliz por não ter metido o rabo entre as pernas quando as coisas foram de mal a pior. Sim, porque eu caminhei sobre a prancha com os olhos vendados. De uma ponta à outra. E saltei. Indiferente aos monstros marinhos que me esperavam lá em baixo. Eu sei quem sou, coisa que o bom do Popeye, o marinheiro, nunca disse, e, por uma vez

na vida, eu sabia exatamente o que estava a fazer.

Claro que é triste que tivesses de sofrer. É triste que tenhamos batido no fundo. É triste que tivéssemos perdido o nosso esconderijo de inverno e que tivéssemos de desenrascar-nos de muitas maneiras a que não estávamos acostumados. Pagámos um preço bem alto, não foi? O lixo que comemos, a falta de um teto, a porrada que levámos... Tudo isso fez de mim um homem doente e está a prestes a fazer de ti um órfão. Desculpa, Mr. Bones. Dei o meu melhor, mas, por vezes, o melhor de um homem não é o bastante. Se ao menos conseguisse pôr o esqueleto em pé mais alguns minutos, quem sabe, talvez fosse capaz de arranjar qualquer coisa. Arranjar-te um sítio qualquer para ficares, tomar conta do negócio. Mas as minhas forças estão a dizer-me adeus. Escoam-se-me do corpo, sinto-as a fugir, a abandonar-me e, uma a uma, as coisas estão a dissolver-se. Apelo para a tua paciência, cão. Eu ainda vou voltar a mexer. Vou ver se consigo pôr o velho arcaboço a funcionar logo que me passe esta atarantação. Se passar. E se não passar, então quem se passa sou eu, *n'est-ce pas*? Só preciso de mais um bocadinho de tempo. Uns breves minutos mais para ver se ganho fôlego. Depois veremos. Ou não veremos. E se não virmos, então não haverá mais nada a não ser escuridão. Escuridão por todo o lado, até onde os olhos não podem ver. Mesmo nas profundezas do mar, nas funduras salgadas do nada, onde coisa nenhuma é, nem será nunca. Exceto eu. Exceto não eu. Exceto a eternidade.

Willy parou de falar. A mão, que durante vinte e cinco minutos estivera a acariciar o cocuruto da cabeça de Mr. Bones, foi ficando cada vez mais mole, até que não se moveu mais. Ainda que muito lhe custasse, Mr. Bones teve de admitir que o fim chegara. Como não pensar isso depois de ter ouvido aquele final? Como não pensar que o dono partira quando a mão que estivera a massajar-lhe a cabeça de súbito deslizou e caiu sem vida no passeio? Mr. Bones não se atrevia a erguer os olhos. Manteve a cabeça pousada na coxa direita de Willy e aguardou agarrado a uma ténue esperança de que estivesse enganado. Porque a verdade era que algo de estranho se pressentia no ar. Havia sons vindos de algures; e enquanto procurava calar os miasmas de uma dor galopante para poder ouvir mais acuradamente o que se passava à sua volta, apercebeu-se de que os sons em causa vinham do dono. Seria possível? Não querendo crer nos seus ouvidos, pôs-se de novo à escuta, preparando-se para uma eventual decepção, apesar de se sentir cada vez mais seguro. Sim, não havia dúvida: Willy respirava. O ar continuava a entrar e a sair-lhe dos pulmões, continuava a entrar e a sair-lhe da boca, continuava a arrastar-se na velha dança das inspirações e expirações. Embora fosse uma respiração mais superficial do que há um ou dois dias antes, não mais do que um vago pulsar, um débil sibilo confinado à garganta e às cavidades superiores dos pulmões, a verdade é que, apesar de tudo, aquilo era respirar, e onde havia respiração havia vida. O dono não estava morto. Adormecera.

Não tinham passado mais de dois segundos quando, como que para confirmar a acuidade do exame de Mr. Bones, Willy desatou a rressonar.

Por essa altura, já o cão tinha os nervos literalmente em frangalhos. O coração saltara-lhe por um centena de arcos de pavor e desespero, e quando compreendeu que fora concedido um adiamento da execução, que a hora do juízo final fora diferida para um pouco mais tarde, quase caiu para o lado de exaustão. Aquilo era de mais para ele. Quando vira o dono sentar-se no passeio e encostar-se às paredes da Polónia, jurara

que ficaria acordado, que velaria por ele até ao momento fatal. Era esse o seu dever, a sua responsabilidade fundamental como cão. Agora, enquanto escutava o conhecido canto fúnebre do ressonar de Willy, não conseguiu resistir à tentação de fechar os olhos. Com efeito, aquele som tinha um poderoso efeito tranquilizador. Há sete anos que todas as noites se deixava levar até ao porto do sono pelas ondas daquela música, e agora aquele era um sinal de que tudo estava bem no mundo, um sinal de que, por muito esfomeado ou miserável que um cão se sentisse naquele momento, chegara a hora de deitar para trás das costas todas as preocupações e ir flutuar para a terra dos sonhos. Após alguns reajustamentos menores de posição, foi precisamente isso que Mr. Bones fez: pousou a cabeça na barriga de Willy, cujo braço se ergueu involuntariamente para logo descer e aterrar nas costas do cão. E este adormeceu.

Foi então que teve o sonho durante o qual viu Willy a morrer. Começou com os dois a acordarem, a abrirem os olhos e a emergirem do sono em que tinham acabado de cair – e que era o sono em que eles estavam agora, o mesmo sono que permitiu a Mr. Bones este sonho. O estado de Willy não era pior do que antes da sesta. Parecia até ter melhorado um nadinha precisamente por causa da soneca. Pela primeira vez em várias luas, não tossiu ao acordar, não sucumbiu a mais um ataque, não caiu nas garras de mais um aterrador frenesim de ânsia, sufocação e expetoração tingida de sangue. Limitou-se a pigarrear e de novo desatou a falar, retomando o seu discurso praticamente no sítio onde o deixara momentos antes.

Continuou a falar durante mais trinta ou quarenta minutos, ou pelo menos assim pareceu a Mr. Bones, irrompendo num delírio de meias frases e pensamentos inacabados. Emergiu das profundezas do mar, respirou fundo e desatou a falar da mãe. Fez uma lista das virtudes da *Mom-san*, contrapôs-lhe uma lista de defeitos e depois pediu perdão por todo e qualquer sofrimento que pudesse ter-lhe causado. Antes de passar ao tema seguinte, recordou o talento da mãe para estragar as anedotas, regalando carinhosamente Mr. Bones com exemplos da infalível propensão de Mrs. Gurevitch para se esquecer do desfecho das mesmas. Depois, desfiou mais uma lista – desta feita de todas as mulheres com quem tinha dormido (descrições físicas incluídas) – e prosseguiu com uma interminável diatribe contra os perigos do consumismo. De súbito, lançou-se num tratado sobre as vantagens morais da condição dos sem-abrigo, que terminou com a apresentação de sentidas desculpas a Mr. Bones por o ter arrastado até tão longe de Baltimore para, afinal, andarem para ali aos gambozinhos. «Esqueci-me de acrescentar a letra g», disse Willy. «Eu não vim à procura de Bea Swanson; eu vim a Baltimore para cantar o meu canto do cisne»³⁹ – e um segundo depois estava já a recitar um novo poema, uma apóstrofe ao invisível demiurgo que se preparava para reclamar a sua alma. A primeira estrofe do poema, manifestamente composto de improviso, rezava mais ou menos assim:

*Ó Senhor dos dez mil altos-fornos e masmorras,
Do martelo pulverizador e do olhar de cota de malha,
Sombrio Senhor das minas de sal e das pirâmides,
Maestro das dunas de areia e dos peixes-voadores,
Escuta o longo murmúrio deste teu pobre servo*

*Que ora morre nas praias de Baltimore,
Em trânsito para o Imenso Além...*

O poema foi-se escoando lentamente, até que deu lugar a novos lamentos e fugas, a novas e imprevisíveis e desordenadas e atabalhoadas variações em torno dos mais diversos temas: porque falhara a experiência da *Sinfonia dos Cheiros* e Happy Felton e o *Knothole Gang* (mas quem seria esse tal Felton?)⁴⁰; porque comem os japoneses mais arroz cultivado na América do que no Japão... Daí derivou para os altos e baixos da sua carreira literária, chafurdando durante vários minutos num lamaçal de recônditos ressentimentos e de mórbida autocomiseração, após o que deu corda ao ânimo e desatou a falar do seu colega de quarto na universidade (o mesmo que o levaria para o hospital em 1968), um tipo chamado Anster, Omster, ou coisa parecida, que mais tarde viria a escrever uns quantos livros assim-assim e que certa vez prometera a Willy que encontraria um editor para os seus poemas. É claro que Willy nunca chegou a mandar-lhe o manuscrito, pronto, não se falava mais disso, mas essa história provava que ele podia ter sido publicado, quer dizer, se quisesse, só que ele não queria, tão simples como isso, não queria. E também, quem é que se preocupava uma porra que fosse com aquela cagada pernóstica? O fazer é que contava, não o que um tipo fazia com o feito depois de estar feito. Para ele, agora, até os cadernos que tinham ficado no cacifo da *Greyhound* não valiam mais que um peido e uma lata de feijões vazia. Os cadernos que ardessem, que os atirassem para o lixo ou para as retretes dos homens para os viajantes fatigados limparem o cu – estava-se perfeitamente borrifando. Para começar, nunca deveria tê-los levado para Baltimore. Um momento de fraqueza, essa é que era essa, uma jogada desesperada no vil jogo do Ego, que era precisamente o jogo em que toda a gente perdia, em que ninguém jamais poderia ganhar. Parou por um breve momento, maravilhado com a profundidade da sua própria mordacidade, até que soltou uma imensa e asmática gargalhada, troçando corajosamente de si mesmo e do mundo que tanto amava. Daí voltou para o tal Omster, lançando-se numa história que o amigo lhe tinha contado muitos anos antes, sobre um *setter* inglês que conhecera em Itália e que era capaz de compor frases numa máquina de escrever construída de encomenda para cães. Logo a seguir, inexplicavelmente, Willy rompeu numa choradeira soluçada. Acalmado o choro, começou a censurar-se por nunca ter ensinado Mr. Bones a ler. Como era possível, sim, como era possível que tivesse negligenciado um assunto tão essencial? Agora que estava prestes a ficar sozinho e abandonado no mundo, todas as armas seriam poucas para Mr. Bones, e Willy falhara como amigo, Willy nada fizera para lhe dar uma situação melhor, Willy deixava-o sem dinheiro, sem comida, sem meios para enfrentar os perigos que haviam de vir. Por essa altura, já a língua do bardo ia a mais de um quilómetro por minuto, mas Mr. Bones não perdia rigorosamente nada e conseguia ouvir as palavras de Willy tão distintamente como na vida. Era isso que era tão estranho no sonho. Não havia nenhuma distorção, nenhuma interferência sonora, nenhuma mudança súbita de posto. Era tal e qual como na vida e, apesar de estar a dormir, apesar de estar a ouvir as palavras num sonho, Mr. Bones estava acordado no sonho e, portanto, quanto mais dormia, mais acordado se sentia.

A meio das especulações de Willy sobre as capacidades de leitura caninas, um

carro da polícia parou defronte da casa de Poe, despejando num ápice dois matulões de uniforme. Um era branco e o outro negro, e ambos escorriam suor sob aquele sol de agosto. Um par de chuis bem nutridos de ancas fazendo a patrulha de domingo, com os instrumentos da lei plantados à volta da cintura: revólveres e algemas, cassetetes e coldres, lanternas e balas. Não havia tempo para fazer um inventário completo, pois mal os homens saíram do carro, um deles começou a falar com Willy.

– Oiça lá, ó sócio, você não pode estar aqui. Vai para outro lado ou quê?

E nesse momento Willy virou-se, olhou o amigo bem nos olhos e disse-lhe:

– Põe-te a milhas, Bonesy! Não deixes que eles te apanhem!

E como sabia que agora é que era, que o tão temido momento se abatera de súbito sobre eles, Mr. Bones lambeu a cara de Willy, choramingou uma breve despedida enquanto o dono lhe acariciava a cabeça pela última vez, e zarpou, disparando pela North Amity Street abaixo tão rapidamente quanto as suas pernas permitiam.

Ouviu a voz alarmada de um dos chuis gritando atrás dele: «Frank, apanha o cão! Apanha o filho da puta do cão, Frank!» Mas Mr. Bones só parou quando chegou à esquina, a uns bons trinta ou quarenta metros da casa. Por essa altura, já Frank desistira da ideia de o perseguir. Quando se virou para ver o que estava a acontecer a Willy, Mr. Bones verificou que o polícia branco, bamboaleando os pneus, se encaminhava já na direção da casa. Um momento depois, espevitado pelos apelos do outro, que estava ajoelhado sobre Willy e gesticulava furiosamente com a mão, o polícia branco rompeu num trote lento e foi juntar-se ao colega. Já ninguém ligava ao cão. Era preciso tratar do moribundo; quanto a Mr. Bones, desde que se mantivesse a uma distância segura, nada de mal lhe iria acontecer.

De maneira que se deixou ficar na esquina a observar a cena, sem pinga de fôlego, completamente esbaforido após a breve corrida. Sentiu-se fortemente tentado a abrir a boca e uivar, soltando um dos seus terríveis lamentos à lua, capazes de fazerem gelar o sangue a qualquer um, mas reprimiu tal impulso, pois sabia perfeitamente que aquele não era o momento certo para dar vazão às suas mágoas. Viu ao longe o chui negro de pé junto ao carro, falando para o rádio. Uma resposta quase cilindrada pelas interferências encheu a rua vazia. O chui voltou a falar, seguindo-se uns quantos estouros de palavras incompreensíveis, mais uma explosão de ruído e algaravia. Uma porta abriu-se do outro lado da rua e alguém saiu para ver o que estava a passar-se. Uma mulher com um vestido amarelo de andar por casa e a cabeça cheia de rolos cor-de-rosa. Duas crianças emergiram de outra casa. Um rapaz de nove anos, ou à volta disso, e uma rapariga que teria uns seis, ambos de calções e sem sapatos. Entretanto, Willy estava oculto, ainda deitado onde Mr. Bones o deixara, tapado pelo corpanzil do chui branco. Passaram um ou dois minutos, depois mais um minuto ou dois, e então, Mr. Bones ouviu ao longe o som ainda esbatido de uma sirene. Quando a ambulância branca meteu pela North Amity Street e parou defronte da casa, já havia uma dúzia de pessoas paradas a assistir à cena, algumas com as mãos nos bolsos, outras com os braços cruzados à altura do peito. Dois paramédicos saltaram das traseiras da ambulância, conduziram uma maca com rodas na direção da casa e regressaram um momento depois com Willy a bordo. Era difícil ver o que quer que fosse, difícil saber se o dono estava vivo ou morto. Mr. Bones pôs a hipótese de dar uma corrida até à ambulância para uma última olhadela, mas hesitou em correr tal risco, e quando

finalmente se decidiu a fazê-lo, já os paramédicos tinham enfiado Willy na ambulância e fechado as portas.

Até a esse momento, o sonho não diferira minimamente da realidade. Palavra por palavra, gesto por gesto, todos os acontecimentos tinham sido uma exata e fiel tradução dos eventos, tal e qual acontecem no mundo real. Agora, porém, enquanto a ambulância arrancava e as pessoas regressavam lentamente às suas casas, Mr. Bones sentiu-se dividido em dois. Metade permaneceu na esquina, um cão contemplando o seu triste e incerto futuro, e a outra metade transformou-se numa mosca. Dada a natureza dos sonhos, talvez isso não tivesse nada de invulgar. Todos nós nos transformamos noutras coisas enquanto dormimos, e Mr. Bones não era exceção. Noutras alturas, Mr. Bones entrara na pele de um cavalo, de uma vaca, de um porco, isto já para não falar de um variado sortido de cães; mas, até àquele sonho, nunca fora duas coisas ao mesmo tempo.

Havia coisas urgentes a tratar e só a metade mosca poderia dar conta delas. Assim, enquanto a metade cão esperava na esquina, a metade mosca ergueu-se nos ares e voou quarteirão fora, perseguindo a ambulância tão rapidamente quanto as asas lhe permitiam. Como aquilo era um sonho, e como a mosca era capaz de voar mais depressa que toda e qualquer mosca de carne e osso, a metade mosca não demorou muito tempo a atingir o seu objetivo. Quando a ambulância virou a esquina e meteu pela rua seguinte, já Mr. Bones mosca estava plantado no puxador da porta de trás, acompanhando assim Willy até ao hospital, com as suas seis patas enganchadas na superfície ligeiramente enferrujada do lado direito do puxador, rezando para que o vento não o varresse para o asfalto. E foi de loucos o passeio, com os solavancos causados pelos buracos que havia nas ruas e as guinadas e as súbitas paragens e os súbitos arranques e o vento a bater-lhe de todas as direções, mas Mr. Bones aguentou firme; e quando a ambulância estacionou junto à porta das urgências, oito ou nove minutos depois, todas as suas faculdades permaneciam intactas. Levantou voo um segundo antes de um dos paramédicos agarrar o puxador, e então, enquanto ele abria as portas e Willy era retirado, pairou cerca de um metro acima da cena, um sumido grãozinho de olhos postos no rosto do dono. De início, não conseguia dizer se Willy estava vivo ou morto, mas logo que a maca saiu e as rodas tocaram o chão, o filho de Mrs. Gurevitch abriu os olhos. Muito pouco, talvez, apenas uma fenda para que entrasse alguma luz e pudesse ver o que estava a passar-se, mas até esse pouco de olhos bastou para que o coração da mosca rompesse numa cavalgada.

– Bea Swanson – murmurou Willy. – Trinta e seis, Calvert. Chamá-la. Rápido. Tenho de dar-lhe chave. Chave de Bea. Vida ou morte. Um caso de...

– Não se preocupe – disse um dos paramédicos. – Nós tratamos disso. Mas agora não fale. Poupe as suas energias, Willy.

Willy. Se na ambulância ele tinha falado o bastante para que eles soubessem o seu nome, talvez isso significasse que afinal Willy não estava tão mal como parecia, o que, por sua vez, significava que, com os medicamentos certos e uma assistência adequada, talvez Willy acabasse por se safar afinal. Pelo menos era isto o que a mosca estava a ruminar no sonho de Mr. Bones, mosca que, na verdade, era o próprio Mr. Bones. E como Mr. Bones não era uma testemunha imparcial do que estava a passar-se, não estaria certo que lhe retirássemos o consolo das esperanças de última hora, ainda que

todos os resquícios de esperança se tivessem já esfumado. Mas que sabem as moscas? E que sabem os cães? E, a propósito, que sabem os homens? Estava tudo nas mãos de Deus agora, e a verdade é que não havia a menor possibilidade de voltar atrás.

No entanto, ao longo das dezassete horas que restaram, aconteceram algumas coisas extraordinárias. A mosca viu cada uma delas do seu posto de observação, no teto do quarto 34 da enfermaria dos indigentes do Our Lady of the Sorrows Hospital, e se Mr. Bones, a mosca, não tivesse estado lá naquele dia de agosto do ano de 1993 para as ver com os seus próprios olhos, era muito capaz de não ter acreditado que tais coisas eram possíveis. Em primeiro lugar, Mrs. Swanson foi encontrada. Três horas após a entrada de Willy no hospital, a velha professora avançava já pela enfermaria com um passo decidido e num instante era conduzida a uma cadeira pela Irmã Mary Theresa, a chefe de equipa do turno das quatro à meia-noite. A partir desse momento e até que Willy abandonou este mundo, Mrs. Swanson não mais deixou o antigo aluno. Em segundo lugar, após várias horas de alimentação intravenosa e de megadoses *nonstop* de antibióticos e adrenalina, a cabeça de Willy pareceu clarear um pouco, de tal modo que passou a última manhã da sua vida tão lúcido e sereno como noutra manhã qualquer. Em terceiro lugar, Willy morreu sem dor. Nada de convulsões nem agitações, nem fogos cataclísmicos consumindo-lhe o peito. Foi-se apagando lentamente, foi abandonando este mundo com passinhos pequeninos e impercetíveis; e, no fim de tudo, foi como se ele fosse uma gota de água evaporando-se ao sol, minguando, minguando, até que, por fim, já não estava lá.

A mosca, para dizer a verdade, nunca viu a chave mudar de mãos. Podia ter acontecido num momento qualquer em que se tivesse distraído uma coisa de nada... Bom, mas também é verdade que Willy podia ter-se esquecido de falar da chave. Na altura, a chave parecia ter perdido toda a sua importância. A partir do momento em que Bea Swanson entrou no quarto, houve tantas outras coisas em que pensar, tantas palavras a acompanhar e tantos sentimentos a digerir, que Willy mal se lembraria do seu próprio nome, quanto mais daquele atamancado plano para salvar o seu espólio literário.

O cabelo dela estava agora branco, além de que engordara uns bons quinze quilos; mas, no momento em que a viu, a mosca soube quem ela era. De um ponto de vista físico, não havia nada que a distinguisse de um milhão de outras mulheres da sua idade. Vestida com uns calções de algodão azuis e amarelos, uma blusa branca muito folgada e um par de sandálias de couro, parecia ter deixado de pensar no seu aspeto há muito tempo. A adiposidade dos braços e das pernas tornara-se ainda mais pronunciada com o passar dos anos. Com aqueles montinhos e covinhas nos joelhos rechonchudos, com aquelas veias varicosas ressaltando das barrigas das pernas e com aquela carne pendendo-lhe dos braços, teria facilmente passado por uma dama golfista de uma comunidade para reformados, alguém sem nada de melhor para fazer do que andar de carrinho elétrico de buraco em buraco, no maior frenesim, para acabar depressa com os últimos nove buracos e ganhar o primeiro prémio. Mas a pele daquela mulher era branca e não bronzeada, e em vez de óculos de sol tinha uns vulgaríssimos óculos com armação de arame. Além disso, a partir do momento em que espreitávamos para lá das lentes daqueles óculos comprados na drogaria da esquina, descobríamos uns olhos do mais extraordinário tom de azul. Olhávamos para aqueles olhos e

ficávamos agarrados, que o mesmo é dizer: estávamos feitos. Os olhos de Bea Swanson prendiam-nos com o seu calor e vivacidade, com a sua inteligência e concentração, com a profundidade dos seus silêncios escandinavos. Aqueles eram os olhos pelos quais Willy se apaixonara em rapaz, e agora a mosca compreendia o porquê de tanto rebuliço. Que importância é que tinham o cabelo cortado curto e as pernas gorduchas e as roupas banalíssimas? Mrs. Swanson não era a velha e respeitada professora de criancinhas. Ela era a deusa da sabedoria, e a partir do instante em que um tipo se apaixonasse por ela, era certo e sabido que a amaria até ao fim dos seus dias.

E também não era o coraçãozinho de *biscuit* de que Mr. Bones estava à espera. Depois de ter ouvido Willy discorrer sobre a bondade e generosidade de Mrs. Swanson durante toda a caminhada até Baltimore, Mr. Bones imaginara uma lamechas de coração mole, uma daquelas mulheres tontas, atreitas a amplos e súbitos entusiasmos, que vão por aí abaixo e desatam numa choradeira pegada à menor provocação, alvoroçando-se todas depois para se recompoem e irem atrás das pessoas mal se levantam das suas cadeiras. A verdadeira Mrs. Swanson era tudo menos isso. Melhor dizendo, a Mrs. Swanson do sonho dele era tudo menos isso. Quando ela se abeirou da cama de Willy e fitou o rosto do antigo aluno pela primeira vez em quase trinta anos, a mosca ficou espantada com a firmeza e a lucidez da sua reação.

– Deus do céu, William! – disse ela. – Deste mesmo cabo de ti, não foi?

– Parece que sim – disse Willy. – Eu sou aquilo a que se pode chamar um fiasco de classe mundial, o rei dos que nada sabem, que o mesmo é dizer dos asnos.

– Pelo menos sabias o bastante para entrar em contacto comigo – retorquiu Mrs. Swanson, sentando-se na cadeira que a Irmã Mary Theresa lhe oferecera e pegando na mão de Willy. – Podias ter escolhido um momento menos dramático, mas mais vale tarde do que nunca, não é?

As lágrimas começaram a assomar aos olhos de Willy e, por uma vez em toda a sua vida, o bardo não foi capaz de falar.

– Contigo, William, tudo foi sempre incerto – prosseguiu Mrs. Swanson –, de maneira que não posso dizer que esteja surpreendida. Estou certa de que fizeste o teu melhor. Mas quando falamos de ti, estamos a falar de matérias altamente combustíveis, não é? Se uma pessoa anda por aí com uma carga de nitroglicerina no cérebro, é previsível que, mais cedo ou mais tarde, acabe por tropeçar nalguma coisa. Vendo as coisas friamente, é caso para admirar que só agora tenhas rebentado contigo.

– Fiz toda a caminhada a pé desde Nova Iorque – retorquiu Willy a propósito de nada. – Demasiados quilómetros para tão pouca gasolina no tanque. Por pouco não gripava definitivamente. Mas agora que aqui estou, sinto-me feliz por ter vindo.

– Deves estar cansado.

– Sinto-me como uma palmilha velha. Mas pelo menos agora posso morrer feliz.

– Oh, deixa-te disso, William. Eles vão tratar de ti, vão pôr-te melhor. Vais ver. Daqui a umas semanas estás como novo.

– Está-se mesmo a ver. E para o ano concorro a presidente.

– Isso é que já não pode ser. Não podes acumular, já tens um emprego.

– Não é bem assim. Nestes últimos tempos, tenho estado a modos que desempregado. Não-empregável, para ser mais exato.

- Então e aquela história do Pai Natal?
- Ah pois! Isso.
- Não me digas que te despediste... Quando me escreveste aquela carta, pensei que ia ser um compromisso para toda a vida.
- Não, ainda faço parte dos quadros. Há mais de vinte anos que faço parte dos quadros.
- Deve ser muito duro esse trabalho.
- Pois é, é mesmo. Mas eu não me queixo. Ninguém me obrigou. Assinei o contrato de livre vontade e nunca me arrependi. Apesar de ter um horário sobrecarregado e de não ter tido um único dia de folga em vinte anos de trabalho, mas também outra coisa não era de esperar... Não é fácil fazer boas obras. Não dá lucro. E quando não há dinheiro numa coisa, as pessoas tendem a ficar confusas. Pensam que um tipo está a tramar alguma, mesmo quando não está.
- Ainda tens aquela tatuagem? Falaste dela numa carta, mas eu nunca a vi.
- Claro, ainda a tenho. Quer ver?

Mrs. Swanson inclinou-se um pouco para a frente, ergueu a manga esquerda da bata de hospital de Willy e lá estava a tatuagem. – Tão bonita... – disse ela. – É o que eu chamaria um Pai Natal perfeito.

- Cinquenta dólares – disse Willy. – Valeu bem todos os cêntimos que gastei.

Foi assim que a conversa começou. E prosseguiu durante toda a noite e a manhã seguinte, interrompida por visitas ocasionais das enfermeiras, que apareciam para o reabastecimento intravenoso, ou para tirar a temperatura, ou para esvaziar a arrastadeira. Às vezes Willy ficava sem forças e adormecia sem mais nem menos a meio de uma frase, dormindo dez ou vinte minutos seguidos, mas voltava sempre, erguendo-se dos abismos do inconsciente para se juntar de novo a Mrs. Swanson. Se ela não estivesse ali, concluiu a mosca, Willy talvez não tivesse aguentado tanto tempo, mas era tão grande o seu prazer em estar com ela de novo que Willy continuou a fazer o esforço – enquanto o esforço foi possível. Todavia, Willy não lutou contra o que aí vinha, e mesmo quando se pôs a desfiar uma lista das coisas que nunca tinha feito na vida (nunca aprendera a guiar, nunca andara de avião, nunca fora ao estrangeiro, nunca aprendera a assobiar, coisas que nunca fizera e que, portanto, nunca faria), fê-lo menos com mágoa do que com uma espécie de indiferença, tentando provar a Mrs. Swanson que nada daquilo era realmente importante.

- Morrer não é nada do outro mundo – disse ele, e com isso queria dizer que estava pronto para partir, manifestando o seu reconhecimento a Mrs. Swanson por lhe ter permitido que as suas últimas horas não fossem passadas no meio de estranhos.

Como seria de esperar, as últimas palavras de Willy foram sobre Mr. Bones. Willy retomara a questão do futuro do seu amigo – uma questão a que já se havia referido várias vezes – e estava a acentuar o quão importante era para ele que Mrs. Swanson passasse a cidade a pente fino para encontrar o cão e que fizesse tudo o que estivesse ao seu alcance para lhe dar um novo lar.

- Dei cabo de tudo – disse ele. – Deixei o meu vira-lata pendurado no mundo. – E Mrs. Swanson, alarmada ao vê-lo de súbito tão fraco, tentou confortá-lo com umas quantas palavras vazias, género: «Não te preocupes, William, não há problema, isso não é importante», e Willy, indo buscar forças para um último esforço, conseguiu

erguer a cabeça e dizer: – É, sim. É muito importante. – E então, sem mais aquela, a vida dele parou.

A Irmã Margaret, a enfermeira que estava de serviço àquela hora, abeirou-se da cama e viu-lhe o pulso. Não encontrando pulso nenhum, tirou um espelhinho do bolso e pô-lo diante da boca de Willy. Segundos depois, virou o espelho e remirou-o, mas a única coisa que viu foi a sua própria imagem. Devolveu o espelho ao bolso e, com a mão direita, fechou os olhos de Willy.

– Foi uma morte tão bonita... – disse ela.

A única resposta que Mrs. Swanson lhe deu foi cobrir o rosto com as mãos e chorar.

Mr. Bones olhou lá para baixo, para Mrs. Swanson, com os olhos da mosca, enquanto os soluços magoados enchiam a enfermaria, e perguntou-se se alguma vez houvera um sonho mais estranho e desconcertante do que aquele. E então pestanejou; e quando deu por isso, já não estava no hospital, mas sim na esquina da North Amity Street; já não era a mosca, mas sim o seu velho eu canino, e os seus olhos já não viam Mrs. Swanson, mas sim a ambulância afastando-se ao longe. Embora o sonho tivesse acabado, Mr. Bones continuava dentro dele, o que significava que sonhara um sonho dentro do sonho, um devaneio parentético de moscas e hospitais e Mrs. Swansons, e que, agora que o dono estava morto, Mr. Bones regressara ao primeiro sonho. Bom, pelo menos foi isto o que ele imaginou, mas, no preciso momento em que este pensamento lhe ocorreu, pestanejou uma segunda vez e, zás!, acordou, e de repente ali estava ele outra vez, acampado em plena Polónia com Willy deitado a seu lado, o qual acordava também nesse preciso instante. Mr. Bones ficou tão atarantado que, nos breves momentos que se seguiram, nem sequer tinha a certeza se teria realmente regressado ao mundo ou se teria acordado dentro de outro sonho.

Mas ainda havia mais para vir. Mesmo depois de ter farejado o ar em volta, de ter esfregado e reesfregado o nariz na perna de Willy, e de ter confirmado que aquela era a sua vida verdadeira e autêntica, Mr. Bones deu-se conta de que os mistérios ainda não tinham acabado. Willy pigarreou e, enquanto esperava pelo inevitável ataque de tosse, Mr. Bones lembrou-se de que, no sonho, Willy não tossira, de que, por uma vez na vida, o amigo fora poupado a essa agonia. Agora, inesperadamente, o que acontecera no sonho voltava a acontecer. O dono pigarreou e, um milésimo de segundo depois, lá estava ele a falar outra vez. De início, Mr. Bones disse para si mesmo: «Bom, com certeza que isto não passa de uma feliz coincidência». Mas à medida que Willy foi avançando, lançando-se num impetuoso zig-zague mental, o cão não pôde deixar de reparar na semelhança entre as palavras que estava a ouvir e as palavras que acabara de ouvir no sonho. Não é que as palavras fossem exatamente as mesmas – pelo menos ele achava que não eram –, mas andavam lá perto, *andavam lá perto*. Um a um, Willy foi tocando em todos os tópicos que tinham surgido no sonho, e quando se apercebeu de que a coisa estava a acontecer precisamente pela mesma ordem que antes, Mr. Bones sentiu um calafrio espinha abaixo. Primeiro, a *Mom-san* mais as suas anedotas falhadas. Depois, o catálogo das aventuras sexuais. Depois, as diatribes e os pedidos de desculpa, o poema, as batalhas literárias, tudo igualzinho. Quando Willy chegou à história do colega de quarto sobre o cão que era capaz de escrever à máquina, Mr. Bones perguntou-se se não estaria a ficar maluco. Teria escorregado de novo para o

sonho, ou o sonho não seria mais do que uma primeira versão do que estava a acontecer agora? Pestanejou, na esperança de acordar. Pestanejou outra vez, e outra, e outra, e não aconteceu nada. Não podia acordar porque já estava acordado. Aquela era a sua verdadeira e autêntica vida, e como um tipo, ou um cão, não tem outra hipótese senão viver essa vida apenas uma vez, Mr. Bones sabia que desta feita é que tinham mesmo chegado ao fim. Sabia que as palavras que se iam atropelando na boca do dono eram as últimas que lhe ouviria, pelo menos neste mundo.

– Eu não vi a coisa com os meus próprios olhos – estava a dizer o bardo –, mas confio na minha testemunha. Durante todos os anos em que fomos amigos, nunca o apanhei a inventar histórias. Talvez esse seja um dos seus problemas... quer dizer: como escritor, não tem imaginação suficiente; mas, como amigo, tudo o que ele contava vinha diretamente da boca do cavalo⁴¹. Uma bela expressão, sem dúvida, mas raios me partam se sei o que significa! Em toda a minha vida, só conheci um cavalo que falava, aquele dos filmes. Donald O'Connor, o exército, três ou quatro fitas asnáticas que eu vi em miúdo. Pensando bem... pensando bem, se calhar era um mulo. Um mulo no cinema⁴² e um cavalo na TV. Como é que se chamava aquela série? *Mr. Ed*. Virgem santíssima, cá vou eu outra vez! Não consigo ver-me livre deste lixo. Mr. Ed, Mr. Moto⁴³, Mr. Magoo, ainda andam por aí, todos eles. Mr. Vai-te Foder. Mas eu estava a falar de cães, não estava? Não de cavalos, de cães. E também não estava a falar de cães que falam. Não daqueles cães da anedota sobre o tipo que vai ao bar e aposta todas as suas economias porque o cão dele fala e ninguém acredita nele.

Vai-se a ver e o cão não abre a boca, e quando o tipo, mais tarde, pergunta ao cão o que é que se passou, o cão responde que só não falou porque não lhe ocorreu nada para dizer. Não, não o cão que fala dessas anedotas estúpidas, mas sim o cão que escrevia à máquina e que o meu amigo viu em Itália quando tinha dezassete anos. Isso mesmo, Itália. Itália, o lugar basilar, o local essencial, o planeta da cançoneta faceta e da tetinha queridinha – e, vai-se a ver, mais um sítio onde eu nunca estive.

A tia dele tinha ido viver para Itália alguns anos antes, por razões desconhecidas, e, certo verão, ele foi passar com ela umas semanas. Isto é um facto incontroverso; e o que faz com que a história do cão tenha todo o ar de ser verdadeira, é que o cão nem sequer era o fulcro da história. Eu estava a ler um livro. *A Montanha Mágica*, foi esse o livro, escrito por um tal Thomas Mann – não confundir com *Thom McAn*, célebre marca de calcantes para o povo. A propósito, nunca acabei o raio do livro, aquilo era chato como a potassa, mas o referido Herr Mann era um maioral, um figurão no Panteão dos Escritores, e eu achei que devia dar uma espreitadela àquilo. De maneira que ali estava eu a ler o maciço volume, debruçado sobre uma tigela de *Cheerios*, quando o meu colega de quarto, o Paul, entra, vê o título e diz: «Olha, esse nunca o acabei. Comecei-o quatro vezes e nunca passei da página duzentos e setenta e quatro». «Bom», disse eu, «eu vou na página duzentos e setenta e um, o que é capaz de querer dizer que o meu tempo está a chegar ao fim», e é então que ele, parece que estou a vê-lo, encostado à ombreira da porta a soprar o fumo do cigarro, me conta que, uns tempos antes, conhecera a viúva do Thomas Mann. Mas disse-o sem sombra de vaidade, limitou-se a enunciar um facto. E foi assim que começou a contar-me a história de quando foi a Itália visitar a tia, tia que, afinal, era amiga de uma das filhas de Mann. O velho Tom teve uma quantidade de filhos e a tal filha acabou por casar

com um italiano ricalhaço e vivia numa bela casa no alto de uma montanha algures nos arredores de uma recôndita vilória italiana. Certo dia, o Paul e a tia foram convidados para almoçar em casa da dita filha estando presente a mãe da anfitriã – a viúva de Thomas Mann, uma velha mulher com a cabeleira toda branca, sentada numa cadeira de balouço e com os olhos perdidos no vazio. O Paul cumprimentou-a, nada de minimamente importante foi dito, e depois sentaram-se todos à mesa para almoçar. Blá, blá, blá, faz favor passa-me o sal, etc. e tal. No preciso momento em que já se está a pensar que não vai acontecer rigorosamente nada, que chegámos ao fim de uma história verdadeiramente nula, o Paul fica a saber que a filha de Mann é uma coisa chamada «psicóloga animal». E perguntas tu: O que é uma psicóloga animal? Perguntas bem, Mr. Bones, mas não te posso responder porque estou tão às escuras como tu. Depois do almoço, ela conduz o Paul ao piso de cima e apresenta-o a um *setter* inglês chamado Ollie, um cão à primeira vista igual a todos os outros cães no que toca a inteligência, e mostra-lhe uma gigantesca máquina de escrever manual, com certeza que é, só pode ser, a maior máquina de escrever da história da criação. Está equipada com um conjunto de teclas especialmente concebidas para o efeito, ou seja, são todas côncavas, têm uma cova enorme onde o cão poderá enfiar o seu focinho. Então, ela pega numa caixa de biscoitos, chama o cão para o seu posto frente à máquina de escrever e oferece ao Paul uma demonstração das habilidades do Ollie.

Foi uma sessão tão lenta quanto árdua, o oposto exato do que se esperaria. A frase que o cão deveria escrever era «Ollie é um bom cão». Em vez de se limitar a dizer as palavras ao cão – ou em vez de soletrar e esperar que ele batesse nas teclas certas –, a nossa psicóloga animal avançava som a som, ou seja, pronunciava cada um dos sons de cada palavra, decompunha as palavras em todos os seus fonemas, e pronunciava-os tão lentamente, com tão estranhas inflexões e com um timbre tão gutural, que mais parecia uma pessoa muda esforçando-se por fazer sair qualquer coisa. «Ohhhhh», começou ela, «Ohhhhh», e depois de o cão ter enfiado o focinho na letra O, recompensou-o com um biscoito, uns não sei quantos «quem é o cãozinho muito querido da sua dona? Quem é quem é? É o Ollie, é o Ollie!», e um grande sortido de festinhas na cabeça, após o que passou ao som seguinte, «l-l-l-l-l», «l-l-l-l-l», pronunciando-o tão lenta e denodadamente como o primeiro. E depois de o cão ter batido com o focinho na tecla certa, deu-lhe mais um biscoito e mais festinhas na cabeça, e assim foi avançando a coisa, letra torturante após letra torturante, até que chegaram ao fim da frase: «Ollie é um bom cão».

O meu amigo contou-me esta história já lá vão vinte e cinco anos e eu ainda estou para saber se ela prova alguma coisa. Mas há uma coisa que eu sei: eu sou um asno. Desperdicei demasiado do nosso tempo em vãos prazeres e diversões, malbaratei os anos em reinações e loucuras, nebulosas bagatelas, incessantes tumultos. Devíamos ter feito um esforço, senhor, devíamos ter estudado, devíamos ter aprendido os bê-á-bás, devíamos ter feito qualquer coisa de útil no pouco tempo que nos coube em sorte. Culpa minha. Tudo culpa minha. Não sei até onde é que foi aquele tipo, o Ollie, mas sei que tu, Mr. Bones, terias realizado feitos muito mais grandiosos. Cabeça não te faltava, vontade não te faltava, não te faltava a coragem. Mas eu achava que os teus olhos não estavam à altura de um tal empreendimento, de maneira que não mexi uma palha. Preguiça, foi o que foi. Indolência mental. Eu devia ter tentado, devia ter

recusado o «não» por resposta. Só a pertinácia nos leva aos grandes feitos. Em vez disso, o que é que eu fiz? Arrastei-te para a loja de novidades do tio Al em Coney Island, foi isso que eu fiz. Enfie-me contigo no metro, para a linha F₄₄, fingindo que era cego, descendo as escadas sempre a bater no chão com aquela varinha branca, e ali estavas tu ao meu lado, todo à vontade no teu papel, um cão-guia tão bom como os melhores, capaz de pedir meças àqueles *labradores* e pastores alemães que eles mandam para a escola para aprenderem a profissão. Obrigado por isso, amigo. Obrigado por teres desempenhado a tua parte de uma forma tão nobre, obrigado pela paciência com que aturaste os meus caprichos e improvisações. Mas eu devia ter-me portado melhor contigo. Eu devia ter-te dado a possibilidade de alcançares as estrelas. É possível, acredita que é. O que me faltou foi coragem, a coragem de me manter firme nas minhas convicções. Mas a verdade é para ser dita, meu amigo, e a verdade é esta: os cães são capazes de ler. Se assim não fosse, por que motivo é que eles haviam de pôr aqueles letreiros nas portas das estações dos correios? PROIBIDA A ENTRADA A CÃES, EXCETO CÃES-GUIAS. Estás a ver aonde é que eu quero chegar? O homem que vai com o cão não vê; e se ele não vê, como é que vai ler o letreiro? E se ele não lê o letreiro, quem é que o vai ler por ele? É isso que fazem naquelas escolas que eles têm para cães-guias. Só que não dizem nada cá para fora. Têm mantido segredo absoluto acerca disso, neste momento é um dos três ou quatro segredos mais secretos de toda a América. E percebe-se porquê. Se a coisa começasse a espalhar-se, imagina só a revolução que não iria ser. Os cães tão inteligentes como os homens? Que blasfémia! Haveria motins nas ruas, deitariam fogo à Casa Branca, a desordem reinaria em todo o país. Em três meses, os cães estariam a lutar pela sua independência. Haveria reuniões de delegações, começariam as negociações e, no fim de tudo, eles resolveriam a coisa renunciando ao Nebraska, ao Dakota do Sul e a metade do Kansas. Corriam com a população humana, deixavam os cães irem para esses territórios, e a partir desse momento o país ficaria dividido em dois. Os Estados Unidos das Pessoas e a República Independente dos Cães. Deus do céu, o que eu não daria para ver uma coisa dessas! Mudava-me para o território da República, trabalhava para ti, Mr. Bones. Ia buscar-te os chinelos, acendia-te o cachimbo. Fazia com que fosses eleito primeiro ministro. Faria tudo o que quisesse, patrão, estaria sempre às tuas ordens.

Com esta frase, a rapsódia de Willy parou inopinadamente. Um ruído distraía-o e, quando virou a cabeça para ver o que se passava, não conseguiu conter um breve gemido. Um carro da polícia descia lentamente a rua, movendo-se na direção da casa. Mr. Bones não precisava de olhar para saber o que era, mas mesmo assim olhou. O carro encostara e os dois chuis estavam já a sair, acariciando os coldres e ajustando os cintos, o chui negro e o chui branco, os mesmos dois tipos de há bocado. Mr. Bones virou-se então para Willy no preciso momento em que este se virou para ele; e enquanto as palavras do chui começavam de súbito a flutuar no ar («Oiça lá, ó sócio, você não pode estar aqui. Vai para outro lado ou quê?»), Willy olhou-o bem nos olhos e disse-lhe: «Põe-te a milhas, Bonesy. Não deixes que eles te apanhem.» De maneira que Mr. Bones lambeu a cara do dono, e por um breve momento ficou como uma estátua enquanto Willy lhe afagava a cabeça; mas logo desatou a correr, disparando rua abaixo que nem uma flecha desesperada.

20 Citação de Polónio em *Hamlet*, quando se despede do filho, Laertes: *Neither a borrower nor a lender be.* (N. do T.)

21 «Ossinhos», em vez de «Sr. Ossos» (Mr. Bones). (N. do T.)

22 O termo italiano *signore* é usado porque rima com a última palavra da frase anterior, *yore* (antanho). Por outro lado, não serão estranhas a esta escolha as influências shakespearianas que encontramos nesta passagem. Para além da citação da tirada de Polónio acima referida, *There's the rub* (Aqui está o busfílis) é uma expressão usada por Hamlet precisamente na fala que começa com «Ser ou não ser...». (N. do T.)

23 No original, é maior a proximidade fonética entre *tedium* (tédio) e *Te Deum*. (N. do T.)

24 Supomos que Willy se refere a Richard Mutt, pseudónimo usado por Marcel Duchamp quando pretendeu (sem êxito) exhibir o célebre urinol Dada em Nova Iorque, em 1917. (N. do T.)

25 História infantil tradicional popularizada pelos irmãos Grimm. (N. do T.)

26 *Pep Boys*: cadeia americana de hipermercados centrada na venda de acessórios automóveis e na reparação, patrocinador das corridas de Indianápolis. *Ritz Brothers*: trio de cómicos que se tornou popular no cinema americano dos anos 30/40. *Rory Calhoun*: ator americano especializado em *westerns*, em particular nos anos 50. *Captain Video*: série televisiva americana de ficção científica dos anos 50. *The Four Tops*: banda bastante popular nos anos 60, editada pela Motown. (N. do T.)

27 Os gémeos Bobbsey, crianças amorosas e muito americanas, deram o nome a uma série de livros infantis desde o início do século até aos anos 70. (N. do T.)

28 Dixie Dugan: personagem de banda desenhada criada nos anos 20. (N. do T.)

29 Damon Runyon: jornalista nova-iorquino falecido em 1946. (N. do T.)

30 Marca de uma série de produtos culinários. O rótulo exibe uma sorridente dona de casa negra. (N. do T.)

31 Manteve-se o *zipper* (fecho *éclair*) do original para manter a aliteração. *Zippo* é uma conhecida marca de isqueiros. (N. do T.)

32 Canção infantil cujos primeiros versos são: «*Zip-a-dee-doo-dah, zip-a-dee-ay / My, oh my what a wonderful day!*». (N. do T.)

33 Cunégonde, personagem do *Candide* de Voltaire. (N. do T.)

34 Marca registada de gelado. (N. do T.)

35 Marca registada de flocos em biscoito. (N. do T.)

36 Instituição nova-iorquina de carácter humanitário criada em 1877. Um dos seus principais objetivos é proporcionar férias às crianças pobres da cidade. (N. do T.)

37 Centro de apoio comunitário nova-iorquino, fundado em 1893 para fornecer apoio humanitário (incluindo cultural) às populações imigrantes do Lower East Side de Manhattan. (N.do T.)

38 Uma das muitas atividades extracurriculares das escolas americanas. (N. do T.)

39 Willy recorre a um trocadilho entre o apelido da professora, «Swanson», e a expressão *Swan song* (canto do cisne). (N. do T.)

40 Supomos tratar-se de uma referência ao programa de televisão *Happy Felton's Knothole Gang*, que nos anos 50 antecedia todos os jogos que os *Dodgers* disputavam em casa – na altura, o estádio dos *Dodgers* era ainda em Brooklyn; veja-se, a propósito, o filme *Fumo Azul* (*Blue in the Face*), de Wayne Wang e Paul Auster, 1995. Neste programa, transmitido em direto do estádio, os adeptos mais pequenos dos *Dodgers* podiam encontrar-se com as estrelas da equipa. (N. do T.)

41 Optou-se pela tradução literal da expressão do original *straight from the horse's mouth* (em português, diz-se «de fonte limpa», «contado por pessoa diretamente envolvida no caso») para que não se perdesse grande parte da fala de Willy. (N. do T.)

42 Willy refere-se a uma série de sete filmes iniciada em 1949, protagonizados por Donald O'Connor (*Serenata à Chuva*) e um mulo chamado *Francis* que, efetivamente, falava. (N. do T.)

43 Personagem de uma série de filmes americanos dos anos 30, encarnada pelo inconfundível Peter Lorre. (N. do T.)

44 Liga Coney Island a Queens, passando por Brooklyn e Manhattan. (N. do T.)

Desta vez não parou na esquina, nem ficou a ver o que é que aquilo dava, nem ficou à espera que a ambulância aparecesse. Para quê ficar à espera ali parado? Já sabia que a ambulância vinha aí; e, logo que chegasse, sabia para onde levavam o dono. As freiras e os médicos fariam o que pudessem, Mrs. Swanson pegaria na mão dele e desbobinaria a sua conversa fiada noite fora. Na manhã seguinte, pouco depois de o sol nascer, Willy estaria já a caminho de Timbaktu.

De maneira que Mr. Bones continuou a correr, sem nunca pôr em dúvida que todas as promessas contidas no sonho acabariam por cumprir-se. No momento em que passou a esquina e meteu pelo quarteirão seguinte, dera-se já conta de que, afinal, o mundo não iria acabar. Agora quase tinha pena que as coisas fossem assim. Abandonara o dono e o chão não ruíra sob as suas patas, e se não ruíra, também não podia tê-lo engolido. A cidade não desaparecera. O céu não explodira em chamas. Tudo continuava como dantes, continuava e continuaria, e o que estava feito, feito estava. As casas continuavam de pé, o vento continuava a soprar e o dono ia morrer. Fora isso mesmo que o sonho lhe dissera, e como o sonho não era um sonho mas sim uma visão das coisas que iam passar-se, não havia lugar para dúvidas. Estava escrito que Willy ia morrer. Enquanto trotava passeio fora, ouviu uma sirene aproximando-se do local que acabara de deixar e percebeu que a última parte da história estava prestes a começar. Mas aquela já não era a sua história; e o que quer que acontecesse a Willy a partir daquele momento, já não teria nada a ver com ele. Mr. Bones agora estava sozinho e, quer lhe agradasse ou não, teria de continuar a dar às patas, ainda que não tivesse sítio para onde ir.

Que confusão que tinham sido aquelas últimas horas!, disse ele para si mesmo. Que barafunda de memórias, que salganhada de pensamentos! Mas Willy acertara em cheio numa coisa, embora no fim se tivesse deixado entusiasmar um pouco, mas a ideia essencial estava certa: se Mr. Bones tivesse aprendido a ler, não estaria nos maus lençóis em que se encontrava agora. Mesmo com um conhecimento muito rudimentar e atamancado do alfabeto, teria sido capaz de encontrar o número 316 da Calvert Street e, quando lá chegasse, teria esperado à porta até que Mrs. Swanson aparecesse. A professora era a única pessoa que ele conhecia em Baltimore; mas, depois de ter passado todas aquelas horas com ela no sonho, estava convencido de que ela não só o teria recebido de braços abertos, como teria dado uma dona superfixe. Bastava olhar para ela para se chegar a essa conclusão, bastava ouvi-la falar. Mas como encontrar aquela morada, aquela ou outra qualquer, se não se sabia ler os letreiros com os nomes

das ruas? Se Willy achava que saber ler era assim tão importante, porque é que não tinha feito nada para que ele aprendesse? Em vez de se pôr a carpir os seus fracassos e inépcia, teria sido melhor que tivesse poupado as lágrimas e que lhe tivesse dado duas ou três lições rápidas. Mr. Bones estaria mais do que disposto a fazer uma tentativa. Isso não queria dizer que tivesse sido bem sucedido, mas como é que se podia saber se nem sequer tinha tentado?

Meteu por outra rua e parou para beber de um charco que se tinha formado durante o recente aguaceiro. Enquanto a sua língua lambia a água quente e acinzentada, ocorreu-lhe de súbito um novo pensamento. Após um breve momento de reflexão, quase ficou prostrado de tristeza. Esquece o alfabeto, disse ele para si mesmo. Esquece as discussões sobre a inteligência dos cães. Todo este problema poderia ter sido resolvido da maneira mais simples e elegante: pendurando-lhe uma letreiro ao pescoço. *Chamo-me Mr. Bones. Levem-me por favor a casa de Bea Swanson, Calvert Street, n.º 316.* Na parte de trás do letreiro, Willy poderia ter escrito uma nota para Mrs. Swanson, explicando o que lhe acontecera e porque é que ela deveria arranjar um lar para o seu cão. A partir do momento em que Mr. Bones se pusesse a caminho, era mais que provável que um desconhecido com bom coração lesse o letreiro e executasse o pedido, sendo de admitir que ao fim de poucas horas Mr. Bones estivesse tranquilamente enroscado no tapete da sala de estar da casa da nova dona. Virou costas ao charco, prosseguiu a sua caminhada e deu consigo a pensar como era possível que tal ideia lhe tivesse ocorrido a ele, um simples cão, e não tivesse nunca aflorado na mente de Willy, que era capaz de saltos mortais realmente impressionantes e de piruetas não menos estonteantes. A razão era simples: Willy não tinha o mínimo sentido prático, essa é que era essa; além disso, o cérebro dele estava uma barafunda: doente e às portas da morte, não estava em condições de saber que desfecho é que aquilo ia ter. Pelo menos falara do caso a Mrs. Swanson – ou ia fala-lhe, logo que chegasse ao hospital. «Nem que tenha de passar a cidade a pente fino», ia ele dizer à sua antiga professora; e depois de lhe fazer uma descrição completa de Mr. Bones, ia pegar-lhe na mão e suplicar-lhe que fizesse o que havia a fazer. «Ele precisa de um lar. Se você não ficar com ele, Mr. Bones está tramado». Mas Willy só ia morrer amanhã, e quando Mrs. Swanson deixasse o hospital a caminho de casa, já Mr. Bones teria vagueado pelas ruas um dia inteiro mais uma noite e uma boa parte do dia seguinte. Era muito natural que ela não se sentisse em condições de andar à procura dele nas horas mais próximas, se calhar só no dia seguinte é que trataria disso, e aquela Baltimore era uma cidade enorme, uma cidade com dez mil ruas e ruelas. Sabe-se lá onde é que ele estaria por essa altura? Para se encontrarem um ao outro, precisariam de sorte, toneladas de sorte, tanta sorte como num milagre. E Mr. Bones, que já não acreditava em milagres, disse para si mesmo que o melhor era não contar com isso.

Havia bastantes charcos para mitigar a sede sempre que ficava com a garganta seca, mas a comida era outra história, e ao fim de quase dois dias sem meter nada à boca, o estômago implorava que o enchessem. E foi assim que, a pouco e pouco, o corpo acabou por triunfar sobre a mente, obrigando as suas irritadas ruminações acerca de oportunidades perdidas a darem lugar a uma busca generalizada de morfes. A manhã estava a chegar ao fim, talvez até já fosse de tarde, quando as pessoas finalmente se começaram a levantar, despertando do seu torpor dominical para

andarem às voltas na cozinha a prepararem um pequeno-almoço realmente pequeno ou um pequeno-almoço mais almoço. Rara era a casa por onde passava que não lhe atirasse com os cheiros do *bacon* tostado, dos ovos estrelados na frigideira, das torradas quentes saltando da torradeira. Mr. Bones sentia que aquilo era realmente um golpe muito baixo, que era uma crueldade fazerem-lhe isso numa altura em que estava meio-morto de fome e angústia, mas resistiu ao impulso de ir de porta em porta pedinchando migalhas e continuou a andar. As lições de Willy tinham penetrado fundo no seu espírito. Um cão vadio não é amigo de ninguém, e se por acaso importunasse a pessoa errada, lá vinha a carrinha para o transportar para o canil municipal – lugar de onde um cão jamais voltava.

Se tivesse desenvolvido o hábito de caçar e procurar comida, é claro que não se teria sentido tão desamparado. Mas passara demasiados anos ao lado de Willy deambulando por este mundo no seu papel de confidente e *chien à tout faire*⁴⁵, e os presumíveis instintos lupinos com que nascera há muito que tinham definhado e desaparecido. Tornara-se numa criatura mansa, civilizada, um cão pensante em vez de um cão atlético e, tanto quanto se lembrava, as suas necessidades em termos de comes e bebes sempre tinham sido satisfeitas por outrem. Mas o negócio era mesmo esse, não era? O homem dava-nos comida e um sítio para dormir e a gente, em troca, dava-lhe amor e uma lealdade a toda a prova. Agora que Willy partira, teria de desaprender tudo o que aprendera e começar do zero. Mudanças de uma tal magnitude seriam mesmo possíveis? Mr. Bones tinha-se cruzado no passado com cães sem-abrigo, mas nunca sentira por eles outra coisa que não fosse pena – pena e uma pontinha de desdém. Era tão violenta a solidão das suas vidas que um cão até evitava tais pensamentos; além disso, Mr. Bones sempre se mantivera a uma distância segura, com medo das carraças e das pulgas que se escondiam no pelo deles, relutante em chegar-se demasiado perto, não fosse pegar-lhe as doenças e o desespero. É possível que tivesse dado em snobe, mas a verdade é que conseguia sempre reconhecer uma dessas abjetas criaturas a pelo menos cem metros de distância. Andavam de uma maneira diferente da dos outros cães, serpenteando furtivamente pelas ruas naquela penosa ânsia de mendigos tão tipicamente deles, a cauda enfiada entre as pernas a um quarto de haste, disparando avenida abaixo a meio galope, como se estivessem atrasados para um encontro algures – quando, na realidade, não iam para lado nenhum, limitavam-se a andar em círculos, perdidos no limbo entre um nenhures e o seguinte. Agora, ao virar mais uma esquina e ao atravessar a rua, Mr. Bones descobria que também ele já andava assim. Despedira-se do dono há menos de meia hora e já era um deles.

Pouco tempo depois, deu consigo na berma de uma rotunda com uma ilha no meio. Uma enorme estátua erguia-se nessa ilha e, após ter examinado a obra, concluiu que aquilo pretendia retratar um soldado a cavalo, de espada em riste, como que prestes a mergulhar na batalha. Havia, no entanto, um pormenor mais interessante: um bando de pombos pousara em diversas partes do corpo do soldado, isto já para não falar do imenso cavalo de pedra, também ele com várias outras espécies de plantão em baixo – carraças, pardais, ou lá como é que se chamavam aqueles passarinhos pequenos –, e Mr. Bones ficou a pensar se aquela não seria uma boa altura para testar a sua perícia de matador. Se já não podia contar com as pessoas para lhe arranjam comida, que escolha tinha ele senão contar consigo mesmo?

Entretanto o trânsito aumentara e Mr. Bones teve de valer-se de um ágil jogo de patas para atravessar, esquivando-se aos carros, parando, dando uma corrida rápida, esperando novamente, escolhendo o instante certo para avançar ou recuar, pois um engano poderia ser fatal. A certa altura, surgiu na sua direção um homem numa estrondosa motorizada, qual raio de reluzente metal preto que parecia ter-se materializado por artes mágicas, e Mr. Bones teve de dar um salto para o lado para o evitar, caindo mesmo à frente de um carro, um espadalhão amarelo com uma grade que fazia lembrar um daqueles aparelhos para fazer *waffles*. E se Mr. Bones não tivesse saltado para trás, para o sítio onde estivera um segundo antes (regressando ao local por onde a motorizada acabara de passar), era mais que certo que o monstro o teria passado a ferro. Ouviram-se duas ou três buzinas, um homem espetou a cabeça o mais que pôde pela janela de um carro para berrar qualquer coisa parecida com «figodafruta» ou «quilhodacurta», e Mr. Bones sentiu na pele o doloroso ferrão do insulto. Sentia vergonha de si mesmo, sentia-se humilhado com o seu lamentável desempenho. Pelos vistos, até atravessar uma estrada era o cabo dos trabalhos, e se ia ter problemas com coisas tão simples como atravessar uma rua, como é que iria ser quando tivesse de enfrentar coisas realmente complicadas? Lá acabou por chegar ao seu destino; mas quando se viu fora de perigo e pôs as patas na curva da ilha, sentiu-se tão furibundo e desiludido consigo mesmo que a sua vontade era nunca ter tentado a travessia.

Felizmente, o trânsito obrigara-o a seguir o caminho mais longo e a desembarcar na parte norte da ilha. Reparou que, desse ângulo, via a estátua de costas, mais exatamente a rabadela do cavalo e as rosetas das esporas do soldado; e como a maior parte dos pombos se tinha reunido na frente, Mr. Bones ficava com algum tempo para recuperar o fôlego e planejar os seus próximos movimentos. Nunca fora cão de andar atrás de pássaros, mas vira como faziam os outros cães e aprendera o bastante para ter agora uma ideia razoavelmente clara daquilo que não devia fazer. Um cão não podia, por exemplo, atirar-se à maluca e fiar-se na sorte; também não podia fazer muito barulho, e não devia correr, por muito forte que fosse a tentação. Quer dizer, o objetivo daquilo não era propriamente assustar os pombos, mas sim abocanhá-los; e se comesse a correr, os pombos voariam para outro poiso. Esse era outro ponto a ter em conta, disse para si mesmo. Os pombos podiam voar, os cães não. Os pombos podiam ser mais estúpidos que os cães, mas era por isso mesmo que Deus lhes tinha dado asas em vez de cérebros; e, se queria vencer essas asas, um cão tinha de procurar bem lá no fundo de si mesmo e valer-se de todos os estratagemas que a vida lhe ensinara.

«Furtivo» era a palavra-chave. Um ataque furtivo por trás das linhas inimigas. Mr. Bones avançou para a face oeste do plinto e pôs-se à esquina a espreitar. Uns bons dezoito ou vinte pombos permaneciam no mesmo sítio, fazendo as paradas do costume à luz do sol. Mr. Bones agachou-se muito agachado, concentrando-se no pássaro mais próximo enquanto a sua barriga tocava o chão; em seguida, começou a rastejar, avançando tão lenta e sorrateiramente quanto lhe era possível. Mal ficou à vista dos pássaros, três ou quatro pardais levantaram voo e foram plantar-se na cabeça do soldado, mas os pombos pareciam não dar por ele. Continuaram para lá a fazer as suas coisas, arrulhando e pavoneando-se naquele jeito pateta tão caracteristicamente deles. Mr. Bones rastejou um pouco mais na direção do seu eleito, que o mesmo é dizer da

sua vítima, conseguindo assim ver o belo e nutrido exemplar que lhe ia calhar em sorte, de facto uma presa de primeira. Ia fazer pontaria ao pescoço, atacando a sua refeição por trás e com os maxilares bem abertos. Se saltasse no momento certo, o pombo não teria a mínima hipótese de escapar. Era tudo uma questão de paciência, de saber quando desferir o golpe fatal. Parou, pois não queria levantar suspeitas, procurando confundir-se com o cenário, tentando ficar tão quieto e inanimado como o cavalo de pedra. Só precisava de se aproximar um bocadinho mais, encurtar a distância com mais um ou dois passos antes do assalto final. Embora nesse momento a sua respiração e movimentos fossem quase impercetíveis, meia dúzia de pombos que ocupavam o lado direito do território – qual esquadrão de helicópteros! – desataram subitamente a dar às asas, voando para o alto da estátua. Nem dava para acreditar! Tinha feito tudo como mandavam as regras, nem por uma vez se desviara do plano que pusera em marcha e, no entanto, os pombos tinham-se apercebido das suas intenções. A verdade é que, se não agisse rapidamente, toda a operação iria por água abaixo e ficaria a ver navios. A bela presa que estava diante de si deu uma série de passinhos rápidos e seguros no seu jeito gingado, ficando num ápice fora do seu alcance. Um outro pombo levantou voo, e depois outro, e outro ainda. Aquilo de repente ficou um pandemónio, e Mr. Bones, que até então mantivera o mais rigoroso e admirável autocontrolo, não conseguiu pensar em nada de melhor para fazer senão erguer-se de um salto e precipitar-se sobre a sua vítima. Era uma jogada tão desesperada quanto irrefletida, mas foi por pouco que não resultou. Mr. Bones ainda sentiu uma asa bater-lhe no focinho no preciso instante em que os seus maxilares se abriam, mas não passou disso. A sua refeição ergueu-se no ar e, com ela, debandaram todos os outros pássaros que estavam na ilha. Imagine-se só: ali estava Mr. Bones de súbito completamente sozinho, galopando de um lado para o outro num frenesi de frustração, dando pulos no ar e ladrando, ladrando para todos eles, ladrando de raiva e desolação, tendo continuado a ladrar – para si mesmo, para o mundo, para coisa nenhuma – muito depois de o último pássaro ter desaparecido da ilha e se ter instalado na torre da igreja do outro lado da avenida.

Duas horas mais tarde, descobriu um cone de gelado a derreter no passeio perto do Museu Marítimo (sabores a cereja e baunilha, com uns respingos de fruta cristalizada incrustados na pasta mole e açucarada), e não é que, menos de um quarto de hora depois, deu de caras com os restos de um jantar do *Kentucky Fried Chicken* que alguém deixara num banco público! – uma embalagem daquelas de levar para casa, vermelha e branca, cheia de petiscos: três pernas parcialmente comidas, duas asas intactas, um pãozinho e uma porção de puré de batata empapado num molho salgado e castanho. A comida contribuiu para restaurar um pouco a sua confiança, mas muito menos do que seria de esperar. O desastre da ilha abalara-o profundamente, e durante horas a memória do atabalhado ataque continuou a roer-lhe a consciência. Aquilo fora uma vergonha, uma ignomínia, e embora se esforçasse por não bater muito na mesma tecla, a verdade é que não conseguia escapar ao sentimento de que estava velho e gasto, um farrapo, uma ruína.

Passou a noite num terreno baldio, encolhido de medo sob uma profusão de ervas daninhas que cresciam a seu bel-prazer e de pontinhos no céu, que o mesmo é dizer estrelas, incapaz de manter os olhos fechados por mais de cinco minutos seguidos. O

dia tinha sido péssimo, mas a noite, se tal era possível, ainda foi pior, pois aquela era a primeira noite em toda a sua vida que Mr. Bones passava sozinho, e a ausência de Willy era tão forte, tão palpável no ar à sua volta, que Mr. Bones pouco mais fez do que ficar ali deitado no seu bocadinho de terra e perder-se na saudade do contacto do corpo do dono. Quando finalmente cedeu a algo que se assemelhava ao verdadeiro sono, já era quase de manhã e, três quartos de hora depois, os primeiros raios de sol obrigaram-no a abrir de novo os olhos. Ergueu-se e abanou-se. Nesse momento, uma opressão terrível apoderou-se de si. Era como se de repente tudo tivesse ficado negro, como se um eclipse tivesse caído sobre a sua alma; e embora nunca tivesse entendido muito bem como é que ficara a saber, a verdade é que estava certo e seguro de que chegara a hora de Willy deixar este mundo. Era tal e qual como no sonho. O dono estava prestes a morrer, daí a um minuto a Irmã Margaret entraria no quarto e colocaria o espelho diante da boca dele, e depois Mrs. Swanson cobriria o rosto com as mãos e desataria a chorar.

Quando o momento fatal chegou, foi-se abaixo das pernas e caiu estatelado no chão. Era como se o próprio ar o tivesse esmagado. Para ali ficou durante alguns minutos, incapaz de se mexer, no meio das tampas das garrafas e das latas de cerveja vazias. Sentia o corpo prestes a desintegrar-se, que os seus fluidos vitais iam escoar-se sem apelo nem agravo, e que, uma vez chupado e ressequido, não seria mais do que uma carcaça dura e tesa, o resto do que fora um cão apodrecendo ao sol de Maryland. Se a opressão surgira inesperadamente, de igual modo começou a esbater-se, e Mr. Bones sentiu a vida formigando de novo dentro de si. Mas ansiava agora pelo seu próprio aniquilamento, e, em vez de se levantar e abandonar o local onde sentira a morte de Willy, deitou-se de costas e escancarou as pernas, expondo ao céu a garganta, a barriga e os órgãos genitais. Nessa posição, em caso de ataque, a sua vulnerabilidade era absoluta. Assim estendido e espalmado, numa inocência de cachorrinho, aguardou que Deus lhe desferisse o golpe derradeiro, perfeitamente preparado para se oferecer como vítima sacrificial agora que o dono tinha partido. Passaram mais uns quantos minutos. Mr. Bones fechou os olhos, enchendo-se de coragem para receber a fulminante e arrebatadora punhalada que havia de vir das celestes alturas, mas Deus ou não lhe prestou a menor atenção, ou não conseguiu encontrá-lo; e a pouco e pouco, enquanto o sol irrompia por entre as nuvens e queimava tudo o que apanhava, Mr. Bones compreendeu que aquela não era a manhã da sua morte. Virou-se e ergueu-se. Então, inclinando a cabeça para o céu, encheu de ar os pulmões e soltou um longo e portentoso uivo.

Por volta das dez, já estava tu cá tu lá com um grupo de seis rapazes com idades à volta dos doze. De início, até parecia que a sorte decidira vir ao seu encontro, e durante uma ou duas horas teve direito a tratamento régio. Os rapazes encheram-no de *pretzels*⁴⁶, cachorros-quentes e crostas de *pizza*, e Mr. Bones retribuiu a sua generosidade fazendo tudo o que lhe era possível para os divertir. Nunca privara muito com crianças, mas vira o suficiente ao longo dos anos para saber que eram imprevisíveis. Quanto àqueles rapazes, não deixou de reparar que eram particularmente turbulentos e briguentos. Tinham um completo repertório de insultos, fanfarronices e provocações, não demorando muito a perceber que eles pareciam ter um prazer invulgar em esmurram-se e em darem, pela calada, valentes carolos nas

cabeças uns dos outros. Foram parar a um parque onde, durante cerca de uma hora, os rapazes jogaram futebol americano, atirando-se uns aos outros com tal violência que Mr. Bones chegou a recear que alguém acabasse ferido. As férias de verão estavam a chegar ao fim. A escola recomençaria em breve e os miúdos andavam enressaibados, desejosos de se meterem em sarilhos. Terminado o jogo, foram todos para as margens de um lago e desataram logo a atirar pedrinhas ao longo da superfície da água. Isto degenerou rapidamente num concurso para ver qual era a pedra que dava mais saltos na água, concurso esse que, por sua vez, conduziu a várias e acaloradas discussões. Mr. Bones, que abominava todo e qualquer tipo de conflito, decidiu que era preciso acabar com aquela agressividade e, para tal, não encontrou melhor expediente do que mergulhar no lago e ir em busca de uma das pedras. Nunca fora muito de andar a correr atrás de objetos. Willy sempre rejeitara esse desporto, considerando-o indigno da inteligência do amigo, mas Mr. Bones sabia que as pessoas ficavam sempre muito impressionadas quando os azougados cachorros desatavam a correr atrás de paus e bolas e voltavam com eles entre os dentes para ao pé dos seus donos, de maneira que, contrariando as suas inclinações mais profundas, mergulhou no lago. Não há mergulho que não agite as águas, e aquele não foi exceção, bem pelo contrário; estava ele no fundo do lago a abocanhar destramente uma pedra, e já um dos rapazes estava a insultá-lo por ter provocado tamanha turbulência. O raio do cão deu cabo do jogo, gritava o rapaz, iam ter de esperar cinco minutos para as águas voltarem a ficar calmas. Pode ser que sim, disse Mr. Bones para si mesmo enquanto chapinhava em direção à margem, mas imaginem só a cara de espanto com que ele vai ficar quando eu largar a porcaria da pedra aos pés dele. Sim, até porque uma façanha destas não é para qualquer um. Porém, quando se abeirou do furibundo rapaz e largou a pedra, foi saudado com um pontapé nas costelas. «Cão estúpido!» disse o rapaz. «Tinhas alguma coisa que andar a estragar a nossa água?» Mr. Bones soltou um ganido de dor e surpresa e, um segundo depois, rebentava mais uma discussão entre os rapazes. Alguns condenavam o pontapé, outros aplaudiam e, ao fim de pouco tempo, já dois dos rapazes rolavam pelo chão nos braços um do outro, reencenando o antiquíssimo combate entre poder e justiça. Mr. Bones afastou-se uns bons metros, mantendo-se a uma distância segura; sacudiu a água que lhe empapava o pelo e deixou-se ficar quietinho, à espera de que um dos rapazes mais simpáticos o chamasse de volta. Apesar de estar pronto a fazer as pazes, não houve um único par de olhos que se virasse para si. Os combates continuaram; e quando finalmente terminaram, um dos rapazes deu por ele, pegou numa pedra e atirou-a na sua direção. Falhou por escassos centímetros, mas Mr. Bones vira já o suficiente para entender a mensagem. E apesar de um ou dois rapazes lhe terem gritado que voltasse, Mr. Bones virou costas e desatou a correr, só parando quando chegou à outra ponta do parque.

Passou a hora seguinte moendo e remoendo as suas queixas sob uma moita de pilriteiros. Não, o problema não era propriamente o pontapé, pois até nem lhe doera por aí além; o problema era que o seu moral sofrera um duro revés e Mr. Bones sentia-se dececionado consigo mesmo por ter feito um julgamento tão erróneo da situação. Teria de aprender a ser mais cauteloso, disse para si mesmo, a não confiar no primeiro que lhe aparecesse, a presumir o pior possível das pessoas até que elas provassem as suas boas intenções. Agora que era velho é que concluiu que tinha de aprender tão

triste lição; mas se queria mesmo enfrentar as dificuldades que haviam de vir, então só tinha uma hipótese: substituir a brandura pela dureza e cumprir o programa à risca. Do que precisava era de estabelecer uns quantos princípios gerais, algumas firmes normas de conduta a que pudesse recorrer em momentos de crise. Tendo em conta a sua recente experiência, não seria difícil definir a primeira regra: miúdos nunca mais. Pessoal com menos de dezasseis anos, especialmente rapazes, não, nunca mais. Faltava-lhes compaixão, e um duas patas cuja alma não albergasse essa qualidade era tão bom como um cão raivoso.

No preciso instante em que se preparava para sair do esconderijo sob a moita e continuar o seu caminho, topou com um ténis branco a escassos centímetros do nariz. Era tão igualzinho ao ténis que pouco antes aterrara na sua pança, que Mr. Bones quase se engasgava com a saliva. Teria o patife voltado para acabar o seu trabalho? Recuou, retirando-se para um canto mais remoto daquele emaranhado de picos e ramos baixos, tão baixos que por momentos o seu pelo ficou preso a alguns espinhos. Estava numa situação horrível, pensou, mas que alternativa tinha? Precisava de manter-se escondido, todo acaçapado e com uma dúzia daqueles picos horríveis nas costas, rezando para que o rufião se cansasse de esperar e desaparecesse.

Estava escrito, porém, que uma tal sorte não seria concedida a Mr. Bones. O malfeitor ficou onde estava, recusando-se a desistir; e em vez de ir fazer as suas maldades para outro sítio qualquer do parque, agachou-se em frente à moita e afastou os ramos para ver melhor. Mr. Bones rosnou, pronto a ferrar o facínora caso não tivesse outra hipótese.

– Não tenhas medo – disse o rapaz. – Eu não te vou fazer mal.

O tanas é que não vais!, pensou Mr. Bones; e como estava ainda demasiado assustado para abrandar a vigilância, nem sequer se apercebeu de que a meiga voz que fluía através dos ramos não era artimanha nenhuma, mas sim a voz de um rapaz completamente diferente.

– Eu vi o que eles te fizeram – disse o rapaz. – Aqueles tipos são uns anormais. Eu conheço-os da escola. O Ralph Hernandez e o Pete Bondy. Quem anda com tarados daqueles acaba sempre por ter chatices.

Por essa altura, já o interlocutor de Mr. Bones enfiara a cabeça o suficiente para que o cão tivesse uma visão clara da sua fisionomia, o que lhe permitiu compreender que não era para o seu torturador que estava a olhar. O rosto pertencia a um rapaz chinês de dez ou onze anos e, nesse primeiro e indelével instante, Mr. Bones sentiu que aquele era um dos mais belos rostos humanos que jamais tivera o prazer de encarar. Adeus princípios gerais e normas de conduta! Aquele miúdo só queria o bem dele, e se Mr. Bones concluísse que se tinha enganado, bom, então era mais do que certo que devolvia o seu distintivo de cão e passava o resto da vida como porco-espinho.

– Eu chamo-me Henry – disse o rapaz. – Henry Chow. E tu, como é que te chamas?

Mas que engraçadinho, pensou Mr. Bones. Isto é pergunta que se faça a um cão? Como é que ele acha que eu vou responder?

Ainda assim, e porque havia tanta e tanta coisa que dependia do desfecho daquela conversação, Mr. Bones decidiu aplicar-se a fundo. Enterrado no meio de galhos e

folhas mortas, ergueu a cabeça e emitiu uma série de três latidos rápidos: *Ŭuf Ŭuf uíf*. Fizera um anapesto perfeito, concedendo a cada sílaba do seu nome a disposição, a duração e o acento adequados. Por breves segundos, foi como se as palavras *Mis|ter Bones* tivessem sido reduzidas à sua essência sonora, à pureza de uma frase musical.

– Cãozinho lindo – disse o pequeno Henry, estendendo a mão direita em sinal de paz. – És mesmo esperto, não és?

Mr. Bones ladrrou uma vez mais para exprimir a sua concordância e desatou logo a lamber a palma da mão que bamboleava diante do seu focinho. A pouco e pouco, com mimos e palavras doces, Henry conseguiu convencê-lo a abandonar a segurança do esconderijo. Logo que Mr. Bones saiu, o rapaz sentou-se no chão com ele e, por entre muitas festas na cabeça e não menos beijos na cara, foi-lhe tirando com todo o cuidado as folhas e silvas que se lhe tinham agarrado ao pelo.

Assim começou uma exemplar amizade entre o rapaz e o cão. Em tempo de vida, havia entre eles uma diferença de apenas três anos e meio; no entanto, o rapaz era um rapaz e o cão era um velho, e, devido a essa discrepância, cada um deles acabou por dar ao outro algo que nunca tinham tido. Para Mr. Bones, Henry era a prova provada de que o amor não era uma substância quantificável. Havia sempre mais amor algures e, mesmo depois de se ter perdido um amor, não era de modo nenhum impossível encontrar um outro. Para Henry, um filho único cujos pais trabalhavam um ror de horas todos os dias e sempre se tinham oposto terminantemente a que o seu rebento levasse animais de estimação para o apartamento, Mr. Bones era a resposta às suas orações.

Todavia, esta auspiciosa aliança não deixava de ter os seus perigos e ciladas. Mal Henry começou a falar do pai, Mr. Bones compreendeu que compartilhar a sorte daquele miúdo não era propriamente a aposta segura que lhe parecera à primeira vista. Seguiram lentamente na direção da rua onde vivia a família Chow; enquanto Henry continuava a descrever os diversos problemas que os dois teriam de enfrentar, Mr. Bones deu consigo a percorrer uma escala de sentimentos que começou na ansiedade, passou pelo medo e terminou no mais absoluto terror. Já era mau que o pai de Henry não gostasse de cães e que Mr. Bones se visse impedido de entrar na casa da família. Mas havia pior: mesmo depois de Henry ter encontrado um sítio para ele ficar, Mr. Chow nunca poderia saber da sua existência. Sim, o segredo teria de ser absoluto. Bastava que o pai de Henry sentisse cheiro a cão nas redondezas e o rapaz apanharia uma tal coça que jamais desejaria ter nascido. Visto que Mr. Chow vivia e trabalhava no mesmo prédio, parecia-lhes quase ridículo pensar que conseguiriam evitar ser descobertos. O apartamento da família ficava no primeiro piso, o comércio da família no rés do chão, daí que o pai de Henry estivesse sempre por perto, ou a dormir ou a trabalhar, de manhã, à tarde e à noite.

– Eu sei que as perspetivas não parecem lá muito animadoras – disse Henry. – Mas estou disposto a fazer uma tentativa, se tu também estiveres.

Bom, pelo menos o rapaz tinha fibra. E uma voz agradável ainda por cima, acrescentou Mr. Bones, fazendo o possível e o impossível para ver as coisas pelo lado positivo e para se convencer de que, no meio de tanto infortúnio, sempre havia algumas bênçãos. No entanto, o que ele não sabia nessa altura é que o pior ainda estava para vir. Ouvira o mau, ouvira o pior, mas foi só quando Henry começou a falar

de esconderijos que ele entendeu todo o horror do esquema em que estava a meter-se.

Havia o beco, disse Henry. Essa era uma hipótese, e se Mr. Bones estivesse disposto a dormir numa caixa de cartão e promettesse não fazer barulho nenhum, era muito natural que se safassem. Uma outra possibilidade era o quintal das traseiras. Não era muito grande – não mais que um canteiro de ervas, de facto – e tinha umas estantes metálicas todas carcomidas e uns frigoríficos cheios de ferrugem alinhados ao longo da vedação, mas havia um problema: é que por vezes os empregados iam fumar para o quintal, e à noite, a maior parte das noites, especialmente quando estava calor, o pai gostava de dar uma volta pelas traseiras depois de ter fechado o restaurante. Ele chamava a isso «beber as estrelas» e, segundo Henry, Mr. Chow dormia sempre melhor se tivesse a sua pequena dose de céu antes de subir ao primeiro piso para se meter na cama.

Henry continuou a tagarelar durante um bocado acerca dos hábitos de sono do pai, mas Mr. Bones já não o ouvia. A palavra fatal saíra dos lábios do rapaz e, mal se apercebeu de que o *restaurante* em questão não era exatamente uma vulgar tenda de cachorros-quentes, mas sim um *restaurante chinês*, Mr. Bones sentiu-se na linha de partida, pronto para virar costas e fugir. Quantas vezes não o advertira Willy para os perigos que tais locais encerravam? Ainda no dia anterior, de manhã, lhe fizera uma prelecção de um quarto de hora sobre o assunto. Iria agora Mr. Bones ignorar essas advertências e trair a memória do seu querido dono? Aquele Henry era um miúdo fixe, quanto a isso não havia dúvida, mas se as palavras de Willy contivessem nem que fosse a mais ínfima partícula de verdade, então a fidelidade ao rapaz equivaleria à sua própria sentença de morte.

Mesmo assim, Mr. Bones não conseguia convencer-se a fugir. Estava com o miúdo apenas há quarenta minutos e a amizade que os ligava era já demasiado forte para que ele zarpasse sem mais nem menos. Dividido entre o medo e a afeição, escolheu um meio termo, que era aliás o único termo à sua disposição naquelas circunstâncias. Parou, tão simples como isso: parou, ficou que nem uma estátua no passeio e depois deitou-se no chão, desatando a choramingar. Henry, que tinha pouca experiência com cães, ficou sem saber o que fazer perante aquela mudança, tão súbita quanto inesperada. Agachou-se ao lado de Mr. Bones e pôs-se a afagar-lhe a cabeça, e o cão, mesmo ensarilhado na agonia da indecisão, não deixou de reparar no veludo daquelas mãos.

– Estás cansado, não és? – disse Henry. – Pus-me para aqui a falar pelos cotovelos e esqueci-me de que estás esgotado e esfomeado. Nem me dei ao trabalho de te dar de comer.

Seguiu-se um *Big Mac* e um pacote de batatas fritas; quando Mr. Bones acabou de devorar tão deliciosas ofertas, o seu coração estava todinho nas mãos do rapaz. Foge disto, disse para si mesmo, e morres logo pr'áí no meio da rua. Vai para casa com ele e também morres logo. Mas pelo menos estás ao pé do Henry, e se a morte está em toda a parte, que diferença é que faz o sítio para onde se vai?

E foi assim que Mr. Bones mandou às urtigas os ensinamentos de Willy e foi viver para as portas do inferno.

O seu novo lar era uma caixa de cartão que em tempos contivera um ar condicionado *Fedders* modelo gigante. Não fosse o diabo tecê-las, Henry enfiou a

caixa entre a vedação anticiclones e um dos velhos frigoríficos do quintal das traseiras. Era aí que Mr. Bones dormia de noite, enroscado na sua escura cela até que o rapaz o vinha buscar de manhã. E como Henry era um miúdo esperto e escavara um buraco sob a vedação, Mr. Bones podia rastejar pelo buraco até ao pátio seguinte – desse modo evitando as portas de trás e do lado do restaurante – e encontrar-se com o seu jovem dono na outra extremidade do bloco a fim de darem início às suas deambulações diárias.

Não se pense que o cão não tinha medo ou que não estava consciente dos perigos que o rodeavam – mas também é preciso que se saiba que nem uma única vez lamentou a decisão de fazer equipa com Henry. O restaurante constituía para ele uma fonte inexaurível de deliciosos petiscos e, pela primeira vez desde a morte da *Mom-san*, quatro anos antes, Mr. Bones não se podia queixar de falta de comida. Costeletas de lombo de porco e pastéis com recheios variados, massa com molho de sésamo e arroz frito, *tofu* com molho castanho, pato assado e *won ton* mais leves que o ar: a variedade era infundável e, logo que começou a conhecer melhor os esplendores da cozinha chinesa, crescia-lhe a água na boca só de pensar no que Henry lhe traria no dia seguinte. O estômago dele nunca andara tão feliz; e embora a digestão passasse às vezes por algumas aflições, por causa de um bocadinho de pimenta ou outros condimentos a mais, essas intermitentes erupções intestinais pareciam ser um preço irrisório a pagar, tendo em conta o prazer que as refeições lhe proporcionavam. Se havia algum contra em tão empolgante regime, era sem dúvida a angústia do desconhecimento, que lhe amargava na alma sempre que a sua língua topava com algum sabor não-identificável. Os preconceitos de Willy tinham-se convertido nos medos de Mr. Bones; enquanto mordiscava, meio a medo, o obscuro cozinhado, não conseguia evitar pensar que era muito capaz de estar a comer um seu semelhante. Parava então de mastigar, de súbito paralisado pelo remorso, mas era sempre demasiado tarde. Os seus fluidos salivares tinham já respondido à chamada e, com as papilas gustativas chorando por mais, o apetite acabava sempre por vencê-lo. Após breve pausa, a língua disparava de novo em busca da comida; e antes que tivesse tempo para dizer a si mesmo que estava a cometer um pecado, já o prato estava reluzente de limpo. Seguia-se inevitavelmente um momento de tristeza. Então, num esforço para aliviar a consciência do peso da culpa, dizia para si mesmo que se o seu destino era acabar também numa travessa do restaurante, ao menos que soubesse tão bem como a coisa que acabara de comer.

Henry comprou vários pacotes de sementes de rabanete e plantou-as num bocado de terra ao pé da caixa de cartão de Mr. Bones. A horta era o seu disfarce; e sempre que os pais lhe perguntavam por que raio é que agora passava tanto tempo no quintal, bastava-lhe referir os rabanetes que eles logo aquiesciam e desandavam. Era uma ideia um tanto estranha, começar a plantar uma horta agora que a estação estava a chegar ao fim, disse o pai certo dia, mas Henry já tinha uma resposta preparada. Os rabanetes germinam em dezoito dias, disse ele, de maneira que colheria os seus muito antes da chegada do tempo frio. Esperto Henry! Tinha sempre a resposta certa para se safar de situações complicadas. Com o jeito que tinha para surripiar moedas – e, uma vez por outra, uma nota de um dólar – da bolsa da mãe, e com os seus ataques noturnos aos restos da cozinha, conseguiu organizar uma vida razoável para si e para o seu novo

amigo. Não era por culpa dele que o pai pregava uns sustos tremendos a Mr. Bones sempre que, a meio da noite, lhe dava para ir inspecionar os progressos dos rabanetes. Quando a luz da sua pilha elétrica varria a área em frente da caixa de Mr. Bones, este desatava a tremer na escuridão do cubículo, certo e seguro de que o seu fim chegara. Por uma ou duas vezes, o fedor a medo que o seu corpo exalava tornou-se tão intenso, tão penetrante, que Mr. Chow até parou para farejar o ar, como se suspeitasse de que havia ali qualquer coisa que não batia certo. Mas Mr. Chow não conseguia identificar a coisa a que correspondia aquele cheiro; e após um breve momento de intrigada reflexão, punha-se a desfiar um rosário de incompreensíveis palavras chinesas e voltava para casa.

Por muito medonhas que fossem aquelas noites, Mr. Bones esquecia-as mal punha os olhos em Henry de manhã. Os dias do cão e do rapaz começavam na sua esquina secreta, mesmo em frente do contentor do lixo e da máquina dos jornais e, nas oito ou dez horas seguintes, era como se o restaurante e a caixa de cartão não passassem de meras imagens de um sonho mau. Davam longas voltas pela cidade, vagueando de sítio em sítio sem nenhum propósito particular, e essa quotidiana ausência de objetivos era tão semelhante ao ir ao sabor do vento dos dias com Willy que Mr. Bones não teve o menor problema em entender o que lhe era pedido. Henry era uma criança solitária, um rapaz acostumado a estar sozinho e a viver com os seus pensamentos e, agora que tinha um companheiro com quem partilhar os seus dias, falava sem parar, desabafando mesmo as mais insignificantes e efémeras cogitações que perpassavam pelo seu cérebro de onze anos. Mr. Bones adorava escutá-lo, adorava o fluxo de palavras que acompanhava os seus passos e, tendo em conta que esse furor monológico lhe fazia lembrar o falecido dono, por várias vezes deu consigo a pensar se Henry Chow não seria o lídimo e legítimo herdeiro de Willy G. Christmas, o espírito reincarnado do único e inimitável ele mesmo.

Não queria isto dizer, porém, que Mr. Bones compreendesse sempre aquilo que o seu novo dono dizia. As preocupações de Henry eram radicalmente diferentes das de Willy, e o cão, por via de regra, ficava completamente à nora sempre que o rapaz se punha a discorrer sobre os seus assuntos preferidos. Também não admira. De facto, como é que Mr. Bones poderia saber o que era uma *earned run average*⁴⁷ ou a quantos pontos é que os *Orioles*⁴⁸ estavam dos primeiros na classificação? Durante todos os anos que passara com Willy, o poeta nem uma só vez tocara no tema do beisebol. Agora, da noite para o dia, o beisebol parecia ter-se tornado uma questão de vida ou de morte. A primeira coisa que Henry fazia todas as manhãs depois de se encontrar com Mr. Bones na esquina secreta, era pôr umas quantas moedas na máquina dos jornais e comprar um exemplar do *The Baltimore Sun*. Depois, corria para um banco no outro lado da rua, sentava-se, abria o jornal na secção desportiva e lia a Mr. Bones o relato do jogo da noite anterior. Se os *Orioles* tinham ganho, a voz de Henry era toda felicidade e excitação. Se os *Orioles* tinham perdido, a voz era triste e lastimosa, por vezes mesmo com um toque de raiva. Mr. Bones aprendeu a desejar ardentemente as vitórias e a temer a perspetiva de uma nova derrota, mas nunca chegou a entender bem o que Henry queria dizer quando falava da *equipa*. Um «papa-figo» era um pássaro, não um grupo de homens, e se a criatura cor-de-laranja no boné preto de Henry era um pássaro – e era mesmo, quanto a isso não havia dúvida –, como é que um pássaro

poderia estar envolvido numa coisa tão violenta e complexa como o beisebol? Tais eram os mistérios do novo mundo em que tinha acabado de entrar. Papa-figos combatiam contra tigres, gaios azuis travavam duras batalhas contra anjos, ursinhos guerreavam contra gigantes, e não havia nisso tudo nada que fizesse nem uma pontinha de sentido. Um jogador de beisebol era um homem e, no entanto, a partir do momento em que passava a fazer parte de uma equipa, transformava-se num animal, num ser mutante, ou num espírito que vivia no céu paredes meias com Deus.

Segundo Henry, havia no bando de Baltimore um pássaro que sobressaía no meio dos outros todos. Chamava-se Cal e, embora mais não fosse do que um papa-figo que jogava à bola, parecia encarnar os atributos de outras e muito diversas criaturas: a resistência de um cavalo de carga, a coragem de um leão, a força de um touro. Tudo isto já era suficientemente desconcertante, mas quando Henry decidiu que o novo nome de Mr. Bones deveria ser também Cal – abreviatura para Cal Ripken Junior the Second –, o cão mergulhou na mais genuína e absoluta confusão. Não que contestasse o princípio da coisa. No fim de contas, não tinha qualquer hipótese de dizer a Henry qual era o seu verdadeiro nome, e como o rapaz tinha de lhe chamar qualquer coisa, tanto lhe fazia que fosse *Cal* como outro nome qualquer. O único problema era que *Cal* rimava com *Al* e, das primeiras vezes que ouviu Henry dizê-lo, associou-o automaticamente ao velho amigo de Willy, o sempre todo janota Al Saperstein, o homem que tinha aquela loja de novidades que eles costumavam visitar na Surf Avenue em Coney Island. De súbito, voltava a ver na mente o tio Al, todo aperaltado com o seu lacinho amarelo-limão e o seu casaco de desporto *pied de poule*, e então era como se estivesse de novo na loja, sempre atento a Willy enquanto este passeava entre os mostruários inspecionando os vibradores de dar apertos de mão, as almofadas que desatavam a fazer ruídos comprometedores quando um tipo se sentava em cima delas e os charutos que explodiam segundos depois de um tipo ter começado a fumá-los. Doía-lhe encontrar Willy assim, doía-lhe que o seu antigo dono saísse de repente das sombras e desatasse a andar de um lado para o outro como se estivesse vivo, e se acrescentássemos a estas involuntárias recordações as incessantes conversas de Henry acerca de Cal, o papa-figo, e lhes juntássemos também o facto de que, metade das vezes que Henry usava o nome *Cal*, estava na realidade a referir-se a Mr. Bones, por certo não estranharíamos que o cão por vezes já não se sentisse muito seguro acerca de quem era ou daquilo que supostamente era.

Mas que importância é que isso tinha? Tinha acabado de chegar ao Planeta Henry e sabia que ainda ia demorar algum tempo até se sentir completamente à vontade nesse novo mundo. Ao fim de uma semana com o rapaz, já estava a começar a apanhar-lhe o jeito e, se não fosse um golpe baixo do calendário, quem sabe os progressos que não teriam feito. Mas o verão não era a única estação do ano e, com a aproximação do regresso às aulas, os tranquilos dias dos passeios e conversas e papagaios no parque chegavam subitamente ao fim. Na noite anterior ao início do seu sexto ano, Henry obrigou-se a ficar acordado, mantendo-se na cama com os olhos bem abertos até ter a certeza de que os pais estavam a dormir. Pouco depois da meia-noite, quando a costa ficou finalmente livre, desceu pé ante pé a escada das traseiras, avançou pelo quintal e foi enfiar-se na caixa de cartão com Mr. Bones. Abraçado ao cão, explicou-lhe, por entre lágrimas, que as coisas a partir de agora iam ser diferentes.

– Quando o sol nascer de manhã – disse Henry –, a época dos divertimentos estará oficialmente encerrada. Que idiota que eu sou, Cal! Queria encontrar outro sítio para ti, uma coisa melhor do que a porcaria desta caixa nesta porcaria de quintal, e não encontrei nada. Tentei, mas também não tinha ninguém para me ajudar, e agora já é tarde. Nunca devias ter confiado em mim, Cal. Eu sou um perdedor. Sou uma merda dum atrasado e estrago sempre tudo! Sempre estraguei e sempre estragarei tudo. É o que acontece quando somos cobardes. Tenho demasiado medo para falar de ti ao meu pai e, se falo com a minha mãe nas costas dele, é mais que certo que ela lhe vai dizer, e as coisas assim ainda ficam piores. Eu nunca tive um amigo tão amigo como tu e, vai-se a ver, não fiz outra coisa senão desiludir-te.

Mr. Bones, a bem dizer, não fazia ideia nenhuma do que significava aquela conversa. O rapaz soluçava tanto que mal percebia as palavras dele; mas à medida que a torrente de sílabas retalhadas e frases gaguejadas foi avançando, pôde concluir que aquela explosão era mais do que um simples estado de espírito passageiro. Havia ali um problema qualquer; e embora Mr. Bones não sonhasse sequer que problema era esse, o certo é que a tristeza de Henry começava a afetá-lo também a ele e, ao fim de breves minutos, já assumira a tristeza do rapaz como se fosse a sua própria tristeza. É assim mesmo a natureza dos cães. É natural que nem sempre compreendam as *nuances* dos pensamentos dos donos, mas sentem o que eles sentem, e, neste caso, não havia dúvida de que o jovem Henry Chow estava destruído. Dez minutos passaram, e depois vinte, e depois trinta, e ali continuavam eles, o rapaz e o cão, espremidos na escuridão da caixa: o rapaz, debulhado em lágrimas, abraçando o cão com toda a força que tinha, e o cão choramigando com ele, solidário, erguendo de vez em quando a cabeça para lhe lambe as lágrimas da cara.

Por fim, adormeceram ambos. Primeiro Henry, depois Mr. Bones; e apesar do sombrio momento que estavam a viver, apesar de estarem para ali os dois que nem sardinha em lata, ofegantes por causa da falta de ar, Mr. Bones conseguiu encontrar algum ânimo no calor do corpo que tinha a seu lado, deleitando-se com o facto de não ter de passar sozinho mais uma noite de terror na escuridão. Pela primeira vez desde que Willy lhe havia sido tirado, dormiu um sono profundo e retemperador, longe dos perigos que o rodeavam.

O sol raiou. Uma luz rósea coava-se já por uma frincha da caixa de cartão e Mr. Bones desatou a mexer-se, lutando para se libertar dos braços de Henry e para poder espreguiçar-se à vontade. Seguiram-se uns breves momentos de encontrões e empurrões; mas enquanto o cão se agitava e debatia, chocando contra as paredes do exíguo tugúrio, o rapaz continuava a dormir, alheio a toda aquela turbulência. Era extraordinária a facilidade com que as crianças dormiam, pensou Mr. Bones, conseguindo finalmente instalar-se num local onde podia exercitar os seus músculos emperrados; mas era ainda muito cedo – pouco passava das seis –, e tendo em conta quão exausto Henry ficara depois da crise de choro, provavelmente fazia todo o sentido que ainda dormisse que nem uma pedra. À luz incipiente da penumbra, o cão examinou o rosto do rapaz – tão suave e redondo, em comparação com a fuça encarquilhada e barbada de Willy – e atentou nas bolhinhas de saliva que lhe escorriam da língua e que se juntavam nos cantos da boca meio-aberta. Uma onda de ternura inundou o coração de Mr. Bones. Desde que Henry estivesse com ele,

concluiu, não lhe custaria nada passar toda a vida naquela caixa.

Dez segundos depois, um estrondo arrancou inopinadamente Mr. Bones aos seus devaneios. O barulho abateu-se sobre ele como uma explosão e, antes que conseguisse identificar a sua origem – um pé humano aos pontapés à caixa –, já Henry abrira os olhos e desatara a gritar. Num instante, a própria caixa ergueu-se no ar. Uma torrente de luz matinal inundou os olhos de Mr. Bones e, por breves segundos, foi como se tivesse ficado cego. Ouviu um homem a gritar em chinês – e um instante depois já a caixa voava na direção dos rabanetes de Henry. Mr. Chow erguia-se diante deles, envergando apenas uma camisola interior sem mangas e umas cuecas azuis, as veias do seu magro pescoço muito inchadas enquanto a incompreensível tirada prosseguia. Retalhava o ar com o indicador, apontando repetidamente para Mr. Bones, e Mr. Bones retorquia-lhe ladrando, desconcertado com a intensidade da raiva daquele homem, com a violência do pranto de Henry, com o súbito caos daquela cena histórica. O homem investiu contra Mr. Bones, mas o cão fintou-o e recuou, mantendo-se a uma distância segura. O homem avançou então para o rapaz, que estava já a tentar escapulir-se rastejando pelo buraco sob a vedação. E, ou porque o rapaz não foi suficientemente rápido, ou porque começara a fuga demasiado tarde, o pai não demorou muito tempo a arrancá-lo ao refúgio, a pô-lo de pé e a dar-lhe uns tremendos sopapos na nuca. Por essa altura, também Mrs. Chow já descera ao quintal, disparando porta fora na sua camisa de dormir de flanela; e enquanto Mr. Chow continuava aos gritos com Henry, e Henry continuava a berrar com a sua estridente voz de soprano, Mrs. Chow resolveu juntar a sua voz à algazarra, dando largas à sua indignação pelo modo como pai e filho estavam a comportar-se. Mr. Bones retirou-se para o canto oposto do quintal. Nesse momento, sabia já que tudo estava perdido. Daquela batalha não poderia vir nada de bom, pelo menos para ele e, por muito que lamentasse a sorte de Henry, ainda lamentava mais o seu próprio fado. A única solução era sair dali, levantar ferro e zarpar.

Aguardou até que o homem e a mulher começaram a arrastar o rapaz para casa. Quando já estavam perto da porta das traseiras, Mr. Bones deu uma corrida rápida na direção do buraco e rastejou para o outro lado da vedação. Parou por um momento, esperando que Henry desaparecesse. Porém, quando já estava prestes a entrar, Henry libertou-se dos pais, virou-se para Mr. Bones e gritou-lhe com aquela voz angustiada e penetrante que tinha: «Cal, não me deixes! Não me deixes, Cal!» Como que em resposta ao desespero do filho, Mr. Chow baixou-se, pegou numa pedra e atirou-a ao cão. Mr. Bones deu instintivamente um salto para trás, mas, no momento em que o fez, sentiu vergonha de si mesmo por não ter permanecido firme no seu posto. Viu a pedra batendo com estrondo, mas perfeitamente inofensiva, na vedação metálica. Então, ladrrou três vezes para se despedir, esperando que o rapaz entendesse que estava a tentar falar com ele. Mr. Chow abriu a porta, Mrs. Chow empurrou Henry para dentro e Mr. Bones desatou a correr.

Não fazia a mínima ideia para onde ia, mas sabia que não podia parar, que tinha de continuar a correr até que as pernas falhassem ou que o coração lhe explodisse no peito. Se havia alguma esperança, uma possibilidade que fosse de sobreviver aos próximos dias, ou mesmo às próximas horas, então teria de sair de Baltimore. Todas as coisas más viviam naquela cidade. Era um sítio de morte e desespero, de gente que

odiava cães, de restaurantes chineses, e só por uma unha negra é que não tinha acabado numa daquelas embalagens de comida de levar para casa, reciclado num *hors d'oeuvre* de gato por lebre. Era pena o rapaz, claro que era, mas, tendo em conta a rapidez com que Mr. Bones se afeiçoara ao seu novo dono, era extraordinário que se sentisse tão pouco triste com a separação. A caixa de cartão sem dúvida que explicava em parte essa reação. As noites que passara na caixa tinham sido quase insuportáveis, e para que servia um lar se um cão não se sentia seguro nele, se um cão era tratado como um pária precisamente no local que deveria ser o seu refúgio? Não estava certo encerrar uma alma numa caixa escura. Era isso que faziam depois de morrermos; mas enquanto estivéssemos vivos, enquanto houvesse em nós um resto que fosse de vida, tínhamos o dever – perante nós mesmos e perante tudo o que havia de sagrado neste mundo – de não nos vergarmos a tais indignidades. Estar vivo significava respirar; respirar significava ar livre; e ar livre significava tudo menos Baltimore, em Maryland.

45 Em francês, no original: «cão para todo o serviço». (N. do T.)

46 Aperitivos salgados e crocantes em forma de B. (N. do T.)

47 Expressão do beisebol que significa o número médio de pontos considerados como da exclusiva responsabilidade do lançador (*pitcher*) em cada jogo. É calculado dividindo o número de pontos assim obtidos por um nono do número total de turnos (*innings*) lançados. (N. do T.)

48 Refira-se desde já que oriole é um pássaro a que em português chamamos «papa-figo». *Orioles* é a equipa de beisebol de Baltimore. Por curiosidade, refira-se que, em maio de 99, os *Orioles* estavam no último lugar da *American League East*. (N. do T.)

C continuou a correr durante três dias a fio e, em todo esse tempo, mal se deteve para uma soneca ou para procurar comida. Quando finalmente parou, estava algures no Norte da Virgínia, espapaçado num prado, cento e cinquenta quilómetros a oeste do quintal dos Chows. Duzentos metros à sua frente, o sol começava a esconder-se por detrás de um souto de carvalhos. Não muito longe, meia dúzia de andorinhas disparavam de um lado para o outro, roçando os campos enquanto esquadrihavam o ar à procura de mosquitos; e, na escuridão dos ramos atrás de si, pássaros trinavam uns quantos refrãos finais antes de se recolherem para passarem a noite. Enquanto estava ali deitado no meio das ervas altas, o peito num ofegante sobe-e-desce, a língua pendendo-lhe da boca, Mr. Bones deu consigo a pensar no que aconteceria se fechasse os olhos. E se os fechasse, seria capaz de os abrir de novo quando a manhã chegasse? Estava tão cansado e esfomeado, tão aturdido com os rigores da maratona que acabara de cumprir, que não admirava que pensasse uma coisa dessas. Parecia-lhe perfeitamente possível que, se adormecesse, não voltasse a acordar nunca mais.

Observou o sol que continuava a afundar-se por detrás das árvores, os olhos lutando para se manterem abertos enquanto a escuridão se adensava à sua volta. Não aguentou mais de um ou dois minutos, vencido pelo cansaço. A cabeça começara já a encher-se de memórias de Willy, imagens fugazes dos tempos passados, dos tempos dos anéis de fumo e dos *Lucky Strikes*, das palhaçadas malucas da sua vida em comum no mundo de há muito tempo. Desde que o dono morrera, era a primeira vez que conseguia pensar em tais coisas sem se sentir esmagado pela mágoa, a primeira vez que compreendia que a memória era um lugar, um lugar real que se podia visitar, e que passar um bocado no meio dos mortos não era necessariamente mau, que, na realidade, isso podia ser uma fonte de grande conforto e felicidade. Depois adormeceu, e Willy continuava ali com ele, outra vez vivo e em toda a sua dilacerada glória, fingindo que era cego enquanto Mr. Bones o conduzia pelas escadas do metro. Sim, fora naquele dia ventoso de março, já lá iam quatro anos e meio, naquela tarde singular de grandes esperanças e expectativas destroçadas, quando tinham ido até Coney Island para darem a conhecer a *Sinfonia dos Cheiros* ao tio Al. Para assinalar a ocasião, Willy enfiara na cabeça um chapéu à Pai Natal, e, com os materiais para a sinfonia empilhados num enorme saco plástico do lixo que levava a tiracolo e que o fazia andar todo curvado, toda a gente diria que ia ali uma versão do Pai Natal tipo garrafão de cinco litros. É verdade que as coisas não correram lá muito bem, mas isso foi só porque o tio Al estava com os azeites. O tio Al é claro que não era um tio verdadeiro, apenas um

amigo de família que dera uma mãozinha aos pais de Willy depois de eles terem chegado aos *States*, e só devido a uma antiga lealdade à *Mom-san* e ao seu marido é que o tio Al permitia que Willy e Mr. Bones fossem vadiar para a sua loja. Para dizer a verdade, Al fazia pouco uso do seu negócio de novidades, e como havia cada vez menos clientes para comprar os seus produtos, alguns estiolavam nas prateleiras há já dez, doze e mesmo vinte anos. Agora, a loja não era mais do que uma fachada para outras atividades, a maior parte delas ilegais, e se o tio Al, senhor de uma honestidade muito duvidosa e mestre em falinhas mansas, não estivesse a ganhar bom dinheiro com fogos de artifício e apostas e cigarros de contrabando, não teria hesitado em fechar para todo o sempre as portas daquele bafiento empório. Vá-se lá saber que esquema é que lhe tinha corrido mal naquele ventoso dia de março! Quando Willy entrou na loja, cansado e vergado ao peso da *Sinfonia dos Cheiros*, e desatou a matraquear o tio Al com a propaganda do seu invento e em particular com o argumento de que a sinfonia ia torná-los milionários, o proprietário de *Whoopee-Land USA*⁴⁹ desligou o aparelho auditivo, que o mesmo é dizer: fez ouvidos moucos à banha de cobra do falso sobrinho. «Tu estás mas é maluco, Willy», disse-lhe o tio Al. «Não sei se já deste por isso, mas estás completamente chanfrado». E, sem mais aquela, enxotou-o porta fora com o saco do lixo que continha os fedores e os desmontáveis cheiros e os labirintos de cartão. Porém, uma tão ligeira manifestação de ceticismo não chegava para dissuadir Willy. Daí que se tivesse lançado entusiasticamente na construção da sinfonia, não na loja mas no passeio, decidido a provar ao tio Al que produzira de facto uma das grandes maravilhas de todos os tempos. Mas o ar estava demasiado turbulento nesse dia e, mal Willy meteu a mão no saco do lixo e começou a tirar os diversos elementos da *Sinfonia N.º 7* (toalhas, esponjas, camisolas, galochas, *tupperwares*, luvas), logo o vento se apoderou deles, varrendo-os rua abaixo e espalhando-os em diferentes direcções. Willy correu a apanhá-los, mas, mal largou o saco, também este foi levado pelo vento; e apesar de toda a suposta bondade com que sempre tratara a família Gurevitch, o tio Al mais não fez do que ficar à porta a rir-se que nem um perdido.

Fora isso o que acontecera quatro anos e meio antes, mas, no sonho que Mr. Bones teve naquela noite no prado, ele e Willy não chegavam a sair do metro. Não havia dúvida de que iam para Coney Island (a confirmá-lo, lá estavam o chapéu de Pai Natal mais o saco do lixo a abarrotar de coisas, mais os arreios de cão-guia presos aos ombros de Mr. Bones); mas enquanto na viagem real o comboio da linha F estava completamente apinhado de gente, desta feita ele e Willy estavam sós, ele e Willy eram os dois únicos passageiros a ir até ao fim da linha. Quando Mr. Bones se deu conta desta diferença, Willy virou-se para ele e disse-lhe:

– Não te preocupes, Mr. Bones. Não estamos no antes, estamos no agora.

– E que raio é que isso quer dizer? – replicou o cão. Estas palavras saíram-lhe de uma forma tão natural, revelando, muito claramente, uma duradoura e inquestionável capacidade para falar sempre que tinha alguma coisa para dizer, que Mr. Bones não ficou minimamente surpreendido com o milagre que acabara de ocorrer.

– Quer dizer que andas a fazer tudo ao contrário do que devias – disse Willy. – Só tens feito asneiras: fugiste de Baltimore, depois pões-te a curtir depressões em prados estúpidos, e ainda por cima passas fome sem razão. Não, meu amigo, assim não vais

longe. Ou encontras outro dono ou estás feito ao bife.

– Eu encontrei o Henry, não encontrei? – retorquiu Mr. Bones.

– Uma joia de rapaz esse miúdo, um amigo verdadeiramente leal e dedicado. Mas não era suficientemente bom. É esse o problema com a gente miúda. Podem ter as melhores das intenções, mas não têm poder nenhum. E tu tens de ir direito ao topo, Mr. Bones. Tens de descobrir quem é que manda. Tens de descobrir quem é que toma as decisões, e depois é a essa pessoa que tens de te afeiçoar. Não há outra maneira. Precisas de mudar de vida, mas isso só acontecerá se começares a usar a cabeça.

– Eu estava desesperado. Como é que ia adivinhar que o pai dele era um patife da pior espécie?

– Eu não te avisei que restaurantes chineses eram sinónimo de perigo? Logo que viste no que te estavas a meter, deixavas-te de jogatinas, trocavas as fichas e davas à sola.

– E eu não dei à sola, por acaso? E quando acordar amanhã de manhã, podes crer que vou continuar a dar à sola. A minha vida agora é essa, Willy. Fujo, e continuarei a fugir até morrer.

– Não percas a esperança nos homens, Bonesy. Eu sei que passaste horrores, mas tens de ganhar coragem e tentar tudo de novo.

– Não se pode confiar nos homens. Aí está uma coisa que eu fiquei a saber.

– Mas tu confias em mim, não confias?

– Tu és o único, Willy. Mas tu não és como os outros homens; e agora que já não estás entre nós, não há um único sítio na Terra onde eu não corra perigo. Ainda ontem, por exemplo, quase levava um tiro. Meti por um atalho algures no meio de uns campos, quando um tipo, rindo que se fartava, podia eu acrescentar, desata atrás de mim numa camioneta vermelha, pega na espingarda e dispara. Tive muita sorte em não me ter acertado. Mas quem sabe o que me vai acontecer da próxima?

– Esse tipo é apenas um tipo. Para todas as pessoas como ele, há uma outra pessoa como o Henry.

– Meu caro dono, esses teus números estão errados. É capaz de haver para aí uma meia dúzia de malucos que até gostam de cães, mas a maior parte não hesita em carregar as espingardas mal um quatro patas pisa a sua terra. Tenho medo, Willy. Medo de ir para leste, medo de ir para oeste. Da maneira como as coisas estão agora, acho que preferia morrer de fome aqui neste deserto a levar com uma dessas balas. Eles matam-nos só porque respiramos, e se o que nos espera é ódio, para quê tentar?

– Muito bem, desiste, se é isso que queres. Estou-me nas tintas. Podia estar aqui uma hora a dizer-te que vai correr tudo bem, mas para que é que eu havia de te mentir? Pode ser que corra tudo bem, pode ser que corra tudo mal. Eu não sou nenhum adivinho, e a verdade é que nem todas as histórias acabam bem.

– É isso mesmo que eu tenho estado a tentar dizer-te.

– Eu sei. E não digo que não tenhas razão.

Até a esse momento, o comboio avançara pelo túnel a alta velocidade, passando pelas estações vazias sem nunca parar. De súbito, porém, Mr. Bones ouviu o guincho dos travões e o comboio começou a abrandar.

– O que é que se passa? – perguntou. – Porque é que vamos mais devagar?

– Tenho de sair – disse Willy.

– Já?

Willy acenou que sim.

– Tenho de ir andando – disse ele. – Mas, antes de partir, queria lembrar-te uma coisa que tu és capaz de teres esquecido. – Já estava de pé, à espera que as portas se abrissem. – Lembras-te da *Mom-san*, Mr. Bones?

– Claro que me lembro. Por quem é que tu me tomas?

– Pois bem, a ela também a tentaram matar. Perseguiram-na como a um cão, e ela teve de fugir para salvar a pele. Sabes, meu amigo, há pessoas que também são tratadas como cães, e por vezes têm de dormir em palheiros e prados porque não têm outro sítio para onde ir. Antes que comeces a sentir demasiada pena de ti mesmo, só quero que te lembres que não és o primeiro cão vadio na história do mundo.

Dezasseis horas mais tarde, Mr. Bones estava cerca de quinze quilómetros a sul do prado onde tivera o sonho, emergindo de um pequeno bosque na orla de um conjunto de vivendas de dois pisos recém-construídas. Já não sentia o medo a roê-lo. Tinha fome talvez, e estava bastante cansado, mas o terror que nos últimos dias vinha crescendo dentro dele parecia que se tinha esvaziado. Não fazia ideia porquê, mas a verdade é que acordara sentindo-se muito melhor do que em qualquer outra altura desde a morte de Willy. Sabia que Willy não estivera realmente com ele no metro, sabia também que, na realidade, não era capaz de falar, mas a verdade é que aquele sonho sobre coisas impossíveis e belas deixara um rasto de encantamento, ou, mais exatamente, deixara-lhe a sensação de que Willy continuava com ele. Mesmo que o dono não pudesse estar presente, era como se estivesse a observá-lo. Mesmo que os olhos que olhavam lá de cima para ele estivessem afinal dentro de si, isso não fazia diferença rigorosamente nenhuma no esquema mais geral das coisas, porque aqueles olhos eram a exata diferença entre sentir-se só no mundo e não se sentir só. Mr. Bones não era propriamente um especialista em análise de sonhos, visões e outros fenómenos mentais, mas estava certo de que Willy morava agora em Timbuktu, e se há pouco estivera com Willy, talvez isso também quisesse dizer que o sonho o levara a Timbuktu. Talvez isso explicasse porque é que, de repente, Mr. Bones dera consigo a falar, depois de tantos anos de lutas e fracassos. E se estivera em Timbuktu uma vez, teria por acaso alguma hipótese de lá voltar – quer dizer, daquela maneira e não da outra, ou seja, fechando os olhos e batendo à porta do sonho certo? Impossível saber. Mas era um pensamento reconfortante, tal como fora reconfortante aquele bocado que passara com o seu velho amigo, mesmo que nada daquilo tivesse realmente acontecido, mesmo que nada daquilo voltasse a acontecer.

Eram três da tarde. O ar estava cheio de sons de aparadores de relva, aparelhos de rega e pássaros. Ao longe, numa autoestrada invisível, a norte, o zunido surdo de um enxame de automóveis pulsava sob a paisagem urbana. Havia um rádio ligado e a voz de uma mulher começou a cantar. Mais perto, alguém desatou a rir-se. Parecia o riso de uma criança pequena. Quando finalmente chegou à orla do bosque por onde vagueava há já meia hora, Mr. Bones meteu o focinho por entre os galhos e viu que era de facto uma criança. Um miúdo louro de dois ou três anos estava sentado no chão a uns cinco metros dele, arrancando ervas e atirando-as ao ar. De cada vez que um novo chuveiro de ervas lhe aterrava na cabeça, o miúdo rompia em mais uma série de risinhos, batia palmas e pulava para cima e para baixo como se tivesse descoberto a

mais brilhante das habilidades. Dez ou doze metros para lá do rapaz, uma rapariga de óculos andava de um lado para o outro com uma boneca nos braços, cantando meigamente para o bebé imaginário, como se estivesse a tentar adormecê-lo. Era difícil adivinhar que idade tinha. Algures entre os sete e os nove, pensou Mr. Bones, mas também podiam ser uns seis anos crescidos ou uns dez anos pequenos, isto já para não falar de uns cinco anos ainda mais crescidos ou de uns onze anos ainda mais pequenos. Para a esquerda da rapariga, uma mulher de calções brancos e um *top* também branco estava agachada junto a um canteiro de flores vermelhas e amarelas, arrancando cuidadosamente as ervas com uma colher de jardineiro. Estava de costas para Mr. Bones e um chapéu de palha com uma aba extremamente larga ocultava-lhe o rosto. O cão não via mais que a curva da espinha, as sardas nos braços esguios, um nada de joelho branco; mas, ainda que dispondo de tão poucos elementos, Mr. Bones quase apostava que ela não era velha, sim, não teria mais de vinte e sete ou vinte e oito anos, o que provavelmente queria dizer que era a mãe das duas crianças. Receando dar mais um passo que fosse, Mr. Bones ficou onde estava, observando a cena do seu pequeno esconderijo nos limites do bosque. Não tinha maneira de saber se aquela família era pró-cães ou anticães, nem de saber se o tratariam bem ou se correriam com ele da propriedade. Porém, uma coisa era certa: tinha diante de si um relvado muitíssimo agradável. De muito examinar aquela faixa de veludo verde primorosamente tratada, concluiu que não era preciso ter-se uma grande imaginação para se saber a delícia que seria rebolar-se naquela relva e cheirar os aromas que dela vinham.

Antes que conseguisse decidir-se quanto ao que havia de fazer, alguém tomou a decisão por ele. O rapaz atirou mais duas mãos-cheias de ervas ao ar e, desta feita, graças a uma pequena brisa que soprou nesse preciso instante, as ervas tomaram a direção do bosque em vez de lhe caírem na cabeça. O miúdo virou a cabeça para seguir o voo daquelas partículas verdes; e enquanto os seus olhos esquadrihavam o espaço entre elas, Mr. Bones pôde ver a expressão da criança passar de um desprendimento frio, científico, à mais absoluta surpresa. O cão fora descoberto. O miúdo ergueu-se de um salto e começou a avançar na direção dele, guinchando de felicidade enquanto se gingava na sua inchada fralda plástica. E, naquele preciso instante, naquele preciso lugar, vendo todo o seu futuro subitamente escancarado diante dos olhos, Mr. Bones decidiu que aquele era o momento de que tinha estado à espera. Não só não recuou para o abrigo do bosque, não só não fugiu, como ainda por cima, com a maior das calmas e perfeitamente seguro de si, avançou com todo o cuidado pelo relvado e deixou que o rapaz o abraçasse.

– Cãozinho! – exclamou o pequenito, espremendo o cão com toda a sua força. – Cãozinho lindo! O cãozinho é grande e velho, tão giro!

A rapariga veio logo a seguir, correndo pelo relvado com a boneca nos braços e chamando a mulher.

– Anda cá ver, mamã – disse ela. – Vem ver o que o Tiger encontrou. – Ali preso pelo abraço do miúdo, uma onda de alarme percorreu o corpo de Mr. Bones. Onde é que estava o tigre de que a rapariga falava? E como é que um tigre podia andar por ali a rondar, certamente à procura da próxima presa, se ali viviam pessoas? Willy levava-o uma vez ao jardim zoológico, de maneira que sabia tudo acerca daqueles gatos grandes

da selva com a pele listrada. Ainda eram maiores que os leões, e se um tipo alguma vez se cruzasse com um desses matulões de dentes afiados, só tinha uma coisa a fazer: dizer adeus ao futuro. Um tigre desfazia qualquer um em cerca de doze segundos, e os bocadinhos que não lhe apetecesse comer, seriam um manjar de primeira para abutres e vermes.

Mesmo assim, Mr. Bones não fugiu. Deixou que o seu novo amigo continuasse grudado aos seus ossos, aguentando pacientemente o impacto da fenomenal força do garoto, e fez votos para que os seus ouvidos estivessem a pregar-lhe partidas, para que tivesse pura e simplesmente ouvido mal o que a rapariga dissera. A fralda que bambeava da cintura do miúdo estava carregada de urina e, de mistura com o penetrante cheiro a amoníaco, podia detetar vestígios de cenouras, bananas e leite. Não demorou muito até a miúda estar agachada ao lado deles, perscrutando o focinho de Mr. Bones com os seus olhos azuis ampliados pelas lentes. E o mistério, de súbito, desfez-se.

– Tiger – disse ela para o garoto –, deixa o cão. Ainda o matas de tanto lhe apertares o pescoço.

– É o meu amiguinho – disse Tiger, apertando ainda mais. E embora Mr. Bones tivesse ficado contente por descobrir que não ia ser devorado por nenhum animal selvagem, a coleira formada pelos braços do miúdo estava a fechar-se com tal força que não teve outra hipótese senão contorcer-se para se libertar. O rapaz podia não ser um tigre a sério, mas isso não queria dizer que não fosse perigoso. À sua maneira de miúdo pequeno, era mais animal que Mr. Bones.

Felizmente, a mulher chegou nesse preciso momento e agarrou no miúdo pelo braço, afastando-o de Mr. Bones antes que os estragos fossem maiores.

– Cuidado, Tiger! – disse ela. – Não sabemos se o cão é de confiança.

– Oh, claro que é de confiança – disse a rapariga, afagando meigamente Mr. Bones no cocuruto da cabeça. – Basta olhar para os olhos dele. É mesmo um amor de cão, mamã! Tenho até a impressão que nunca conheci um cão tão amoroso como este.

Mr. Bones ficou estupefacto com a extraordinária afirmação da rapariga; e só para mostrar que era realmente um cão superfixe, que era efetivamente um cão que não guardava ressentimentos, desatou a lambar o rosto de Tiger, numa imensa explosão do mais molhado afeto. O pequenito desfez-se a rir; e embora a força da língua de Mr. Bones acabasse por desequilibrá-lo, o turbulento Tiger achou que nunca lhe tinha acontecido uma coisa tão divertida. Continuou a rir sob a torrente dos beijos do cão, rindo ainda mais quando aterrou no chão em cima do rabiosque molhado.

– Bom, pelo menos é meigo – disse a mulher para a filha, como que a dar-lhe razão num ponto importante. – Mas está um horror, coitado!... Acho que nunca vi um bicho tão sujo, tão desgraçado e tão espatifado em toda a minha vida.

– Nada que um pouco de água e sabão não possam resolver – disse a rapariga. – Repara bem nele, mamã. Além de amoroso, também é esperto.

A mulher riu-se.

– Como é sabes que é esperto, Alice? A única coisa que ele fez foi lambar a cara do teu irmão...

Alice agachou-se diante de Mr. Bones e, com as mãos em taça, envolveu-lhe a queixada.

– Vá lá, meu velho, mostra-nos toda a tua esperteza – disse ela. – Faz, sei lá, faz uma habilidade ou uma coisa parecida, está bem? Sabes como é, rola na relva ou ergue-te nas patas traseiras, uma coisa assim. Mostra lá à mamã que eu tenho razão.

Não eram habilidades especialmente difíceis para um cão da sua estirpe, de maneira que Mr. Bones tratou imediatamente de demonstrar aquilo que era capaz de fazer. Primeiro, desatou a rolar na relva – não uma nem duas, mas três vezes. Depois, arqueou as costas, ergueu as patas da frente à altura do focinho e, lentamente, pôs-se de pé nas patas traseiras. Há anos que não fazia esta última acrobacia, mas, apesar de estar com imensas dores nas articulações e de ter vacilado mais do que gostaria, lá acabou por se aguentar de pé durante três ou quatro segundos.

– Estás a ver, mamã? Eu não te dizia? – disse Alice. – É o cão mais esperto que jamais existiu.

A mulher baixou-se, colocando-se pela primeira vez ao nível de Mr. Bones, e olhou-o bem nos olhos; apesar de ter óculos de sol e de continuar com o chapéu de palha na cabeça, Mr. Bones pôde ver que ela era extremamente bonita, com caracóis louros caindo-lhe na nuca e uma boca cheia e expressiva. Qualquer coisa estremeceu dentro de si quando ela lhe falou com aquela voz lenta e arrastada do Sul; e quando começou a fazer-lhe festas na cabeça com a mão direita, Mr. Bones sentiu que o seu coração, com toda a certeza, se ia desfazer em mil bocadinhos.

– Tu percebes o que eu estou a dizer, não percebes, velhote? – disse ela. – És um cão muito especial, não és? E estás cansado, esgotado e muito necessitado de trincar qualquer coisa. É isso, não é, velhote? Estás perdido e sozinho e não podes com uma gata pelo rabo, não é?

Teria alguma vez havido um pobre vira-lata mais feliz do que Mr. Bones nessa tarde? Sem mais discussões, e sem precisar de fazer mais habilidades para os seduzir ou de provar uma vez mais que era realmente uma boa alma, o estafado cão foi conduzido ao santuário do lar. Aí, numa cozinha reluzente de branca, rodeado por armários pintados de fresco e brilhantes utensílios de metal – uma opulência que nunca imaginara que pudesse existir ao cimo da terra –, Mr. Bones comeu até se fartar, empanturrando-se de sobras de rosbife, uma tigela de macarrão com queijo, duas latas de atum e três salsichas diretamente da lata, isto já para não falar das duas tigelas e meia de água com que foi acomodando os comes. Quisera conter-se, mostrar-lhes que era um cão de apetites modestos, que não dava trabalho nenhum, que era um descanso tomar conta dele, mas, logo que lhe puseram a comida à frente, a fome foi mais forte do que ele (tão simples como isso!), levando-o a esquecer-se das suas boas intenções.

Nada disto pareceu incomodar os seus anfitriões. Eram pessoas de bom coração e custava-lhes ver um cão cheio de fome. E se a fome de Mr. Bones fosse do tamanho do mundo, e quase que era, dar-lhe-iam de bom grado tudo o que fosse preciso para que ele ficasse saciado. Mr. Bones comeu os vários pratos num êxtase de contentamento, esquecido de tudo exceto da comida que lhe entrava pela boca e deslizava garganta abaixo. Quando a refeição finalmente terminou e ergueu os olhos para ver o que estavam os outros a fazer, verificou que a mulher tirara o chapéu e os óculos de sol. No momento em que ela se baixou para tirar as tigelas do chão, Mr. Bones viu de relance os seus olhos azuis-acinzentados e apercebeu-se de que ela era realmente uma grande beldade, uma daquelas mulheres que, quando entravam numa sala, faziam os homens

parar de respirar.

– Então, velhote – disse ela, passando-lhe com a palma da mão pelo cocuruto da cabeça –, já te sentes melhor?

Mr. Bones deu um pequeno arrotto de gratidão e desatou logo a lambê-lo a mão. Tiger, de quem Mr. Bones praticamente já nem se lembrava, correu de súbito para ele. Atraído pelo som do arrotto, que achara a coisa mais divertida do mundo, o miúdo encostou o rosto ao focinho de Mr. Bones, esboçando também ele um arrotto que o deixou ainda mais divertido. A situação estava a ficar de novo tipo cena de bar, bastante para o pesado, e, antes que se tornasse incontrolável, a mãe levantou-se, puxando o garoto para os seus braços. Olhou depois para Alice, que estava encostada ao balcão do lava-loiças, examinando Mr. Bones com aqueles seus olhos sérios e atentos.

– O que é que vamos fazer, minha querida? – perguntou a mulher.

– Eu acho que devíamos ficar com ele – respondeu Alice.

– Não podemos fazer isso, Alice. É provável que tenha dono. Se ficássemos com ele, seria uma espécie de roubo.

– Não me parece que ele tenha um único amigo em todo o mundo. Basta olhar para ele, mamã. Tem ar de quem fez uma caminhada de mil quilómetros. Se não ficamos com ele, morrerá de certeza. Queres ficar com esse peso na consciência, mamã?

Não havia dúvida, a rapariga tinha mesmo talento. Sabia muito bem o que dizer e qual a melhor altura para o dizer. Enquanto escutava a conversa dela com a mãe, Mr. Bones perguntou-se se Willy não teria subestimado o poder de algumas crianças. Alice podia não ser a patroa lá em casa, e podia não ser ela quem tomava as decisões, mas as suas palavras iam direitas à verdade, e isso teria necessariamente um efeito poderoso, encaminharia as coisas numa direção e não noutra.

– Vê a coleira dele, minha querida – pediu a mulher. – Pode ser que haja algum nome ou uma morada ou outra coisa qualquer.

Mr. Bones sabia muito bem que não havia nada, pois Willy nunca se preocupara com coisas como licenças ou registos ou penduricalhos de metal com o nome dele. Alice ajoelhou e virou e revirou a coleira à procura de indícios da identidade do cão ou da identidade do dono. Como Mr. Bones já sabia a resposta, aproveitou aquele bocadinho para se deliciar com o calor da respiração da rapariga, com aquele quentinho que lhe roçava a orelha direita.

– Não, mamã – disse ela por fim. – É só uma coleira vulgar, velha e gasta.

Pela primeira vez desde que a conhecia, ou seja, ao fim de pouco mais de uma hora, o cão viu a mulher hesitar e uma certa confusão e tristeza insinuar-se-lhe nos olhos.

– Por mim não há problema, Alice – disse ela. – Mas não posso dar a minha aprovação enquanto não falarmos com o teu pai. Sabes muito bem como ele odeia surpresas. Esperamos até logo à noite e, quando ele chegar, tomamos todos uma decisão, está bem?

– Está bem – disse Alice, algo desanimada com aquela resposta inconclusiva. – Mas mesmo que ele diga que não, são três contra um. O que é justo, é justo. É assim ou não? Mamã, nós temos mesmo de ficar com o cão... Eu até passo o dia inteiro de joelhos a rezar a Jesus, só para o pai dizer que sim.

– Também não é preciso tanto, Alice – disse a mulher. – Se realmente queres ajudar, abre a porta e deixa-o sair para ele ir fazer as suas necessidades. E depois veremos se será possível melhorar-lhe o aspeto. Não vejo outra maneira para isto resultar. É preciso que ele cause uma boa impressão logo à primeira.

A porta abriu-se para Mr. Bones na hora H. Ao fim de três dias de privações, três dias em que não comera mais do que um dedal de restos e lixo e em que tivera de escarafunchar em tudo o que era sítio à procura de alimentos – bons ou maus, tanto fazia –, a fatura da refeição que acabara de consumir fustigara-lhe o estômago com a violência de um trauma. E com os seus sucos digestivos de novo em pleno funcionamento, trabalhando duas ou mesmo três vezes mais do que era costume para apelar a recente investida, Mr. Bones tivera de fazer um esforço hercúleo para não conspurcar o chão da cozinha, tanto mais que o mínimo descuido implicaria o exílio para toda a vida. Correu num ápice para trás de uns arbustos, fazendo o possível e o impossível para que ninguém o visse, mas Alice foi atrás dele e, para sua eterna vergonha e embaraço, a rapariga pôde assistir à pavorosa explosão de um líquido nauseabundo que, com um enorme estrondo, se despediu das tripas para ir borrifar a folhagem rasteira. Alice não conseguiu conter uma breve exclamação de repulsa quando a coisa aconteceu e ele sentiu-se tão mortificado por a ter chocado que, por um momento, deu consigo a desejar mirrar e morrer ali mesmo. Mas Alice não era uma pessoa vulgar; e embora tivesse já plena consciência disso, Mr. Bones nunca teria achado possível que a rapariga dissesse o que lhe disse a seguir:

– Pobrezinho... – murmurou ela, numa voz desconsolada e condoída. – Estás mesmo muito doente, não estás? – Foi só isso o que ela disse, não mais que duas breves frases; mas quando a ouviu dizer aquelas palavras, Mr. Bones compreendeu que Willy G. Christmas não era, neste mundo de Deus, o único das patas em quem se podia confiar. Pelos vistos, havia outros, e alguns deles eram até muito pequenos.

O resto da tarde deslizou tranquilamente numa bruma de prazeres. Primeiro, molharam-no todo com a mangueira do jardim e depois fizeram do seu pelo uma montanha de espuma branca. Enquanto as seis mãos dos seus novos companheiros lhe esfregavam as costas, o peito e a cabeça, Mr. Bones não pôde deixar de recordar o modo como o dia começara e como era estranho e misterioso que esse mesmo dia acabasse assim. A seguir enxaguaram-no e permitiram que ele se sacudisse para secar; e depois de ter corrido pelo jardim uns minutos, distribuindo chichis por diversos arbustos e árvores ao longo do perímetro da propriedade, a mulher chamou-o e sentou-se ao pé dele por um tempo que pareceu não ter fim, esquadrinhando-lhe o corpo à procura de carraças. A mulher explicou a Alice que o pai dela lhe ensinara a fazer aquilo quando era miúda e vivia na Carolina do Norte, e que o único método infalível consistia em usar as unhas e arrancar os bichos pela ponta da cabeça. Depois de se tirar as carraças, não bastava atirá-las para o chão e esmagá-las com o sapato. Não, nem pensar. Era preciso queimá-las; e embora não fosse sua intenção encorajar a filha a brincar com fósforos – bem pelo contrário –, já agora podia fazer-lhe um favor e ir à cozinha buscar a caixa de *Ohio Blue Tips* que estava na gaveta de cima à direita do fogão. Alice fez o que lhe foi pedido; e durante um bocado ela e a mãe passaram a pente fino o pelo de Mr. Bones, extirpando uma série de carraças inchadas de sangue e incinerando as criminosas criaturas em pequenas fogueiras brilhantes e fosforescentes.

Como não se sentir grato por isso? Como não rejubilar por se ver livre daquele flagelo de torturantes coceiras e feridas? Ficou tão aliviado e consolado com o que lhe fizeram que até deixou passar sem qualquer protesto um comentário que Alice fez instantes depois. Ele sabia que o insulto não era intencional, mas mesmo assim ficou magoado.

– Alice, não quero que te ponhas já com demasiadas esperanças – disse-lhe a mulher –, mas talvez não fosse má ideia dar um nome ao cão antes de o teu pai chegar. Acho que assim será mais fácil ele dar a impressão de que já faz parte da família, e isso, do ponto de vista psicológico, é capaz de ser um trunfo para nós. Percebes aonde eu quero chegar, minha querida?

– Eu já sei qual é o nome dele – disse Alice. – Soube-o no momento em que o vi. – A rapariga fez um pausa para pôr em ordem os seus pensamentos. – Lembras-te daquele livro que costumavas ler-me quando eu era pequena? Havia um cão que era tal e qual como este. Um cão que salvava um bebé de uma casa em chamas e que era capaz de contar até dez. Lembras-te, mamã? Eu adorava esse cão. Há bocado, quando vi o Tiger todo abraçado a este no meio dos arbustos, foi como se um sonho se tivesse tornado realidade.

– Como é que se chamava o cão do livro?

– Sparky. O nome dele era Sparky, o Cão.

– Muito bem. Vamos chamar-lhe Sparky também.

Quando Mr. Bones ouviu a mulher concordar com aquela absurda escolha, foi como se lhe tivessem espetado uma faca na alma. Já tinha sido um horror para se tentar habituar a *Cal*, mas aquilo passava todas as marcas. Sofrera demasiado para agora ter de carregar com aquela alcunha tão infantil e pirosa, com aquele patético diminutivo inspirado num livro de gravuras para criancinhas pequenas, e mesmo que vivesse ainda tantos anos como os que até então vivera, Mr. Bones sabia que um cão com o seu temperamento melancólico nunca se adaptaria àquele nome, e sabia também que, até ao fim da sua vida, ficaria transido de raiva sempre que o ouvisse.

Porém, antes que Mr. Bones pudesse dar um ar da sua fúria, Tiger resolvera provar, numa outra área do jardim, que as desgraças vêm sempre aos pares. Durante cerca de dez minutos, enquanto Alice e a mãe o livravam da praga que fizera ninho no seu pelo, Mr. Bones seguiu atentamente os passos do miúdo, que se divertia a dar pontapés numa bola de praia ao longo do relvado. De cada vez que a bola disparava para longe, o garoto desatava a correr atrás dela a uma velocidade inacreditável, mais parecendo um futebolista tresloucado perseguindo uma bola duas vezes maior que ele. O puto era imune ao cansaço, mas isso não queria dizer que fosse imune aos tropeções ou que não desse um pontapé no chão em vez de ser na bola, e quando o inevitável acidente finalmente ocorreu, Tiger soltou um estridente guincho de dor, o bastante para convencer o sol a desertar do céu e as nuvens a esmagarem-se contra a terra. A mulher suspendeu o seu delicado trabalho para acudir ao rapaz e, enquanto pegava nele e o levava de volta para casa, Alice voltou-se para Mr. Bones e disse-lhe:

– O Tiger é assim mesmo. Nove décimos do dia, ou está a rir ou está a chorar, e quando não está nem uma coisa nem outra, podes ter a certeza de que alguma coisa esquisita está para acontecer. Vais acabar por te habituar, Sparky. Ele tem só dois anos e meio, e é claro que não se pode esperar grande coisa de um miúdo pequeno. O seu nome é Terry, mas nós chamamos-lhe Tiger por ele andar sempre a causar distúrbios.

Eu chamo-me Alice. Alice Elizabeth Jones. Tenho oito anos e três quartos e entrei para a quarta classe há coisa de dias. Nasci com buraquinhos no coração e quase morri uma quantidade de vezes quando era pequena, ainda mais pequena do que o Tiger. Não me lembro de nada disso, mas a mamã diz que consegui viver porque tenho um anjo dentro de mim, e esse anjo vai continuar a proteger-me durante toda a vida. A mamã chama-se Polly Jones. Era Polly Danforth, mas depois casou-se com o papá e mudou o apelido para Jones. O meu papá chama-se Richard Jones. Toda a gente lhe chama Dick e a maior parte das pessoas diz que eu sou mais parecida com ele do que com a mamã. Ele é piloto de aviões. Voa para a Califórnia e para o Texas e para Nova Iorque e para todo o lado. Em tempos, ainda o Tiger não era nascido, a mamã e eu até chegámos a ir a Chicago com ele. Agora estamos a viver nesta casa grande. Mudámo-nos há pouco tempo, há uns meses apenas, de maneira que foi uma sorte teres aparecido nesta altura, Sparky. Temos montes de espaço, já estamos todos habituados à nossa nova casa, e se o papá disser que podemos ficar contigo, então é que isto vai ficar mesmo bom!

Alice estava a dar o seu melhor para que ele se sentisse como em sua casa, mas a divagante apresentação da sua família teve um efeito contrário ao pretendido, pois deixou Mr. Bones em estado de pânico e o seu estômago numa revolução incontrollável. O seu futuro estava nas mãos de uma pessoa que nunca vira e, depois de ter escutado os diversos comentários que tinham sido feitos acerca dela, parecia-lhe improvável que a decisão final fosse favorável ao cão. A ansiedade era tanta que não teve outra hipótese senão correr uma vez mais para os arbustos, onde, pela segunda vez numa hora, os seus intestinos o traíram. Tremendo incontrollavelmente enquanto a cagadeira esguichava para o chão, implorou ao deus canino que protegesse o seu pobre e enfermo corpo. Tinha acabado de entrar na Terra Prometida, tinha caído num mundo de relvados verdes e mulheres carinhosas e comida a rodos, mas se por acaso viesse a acontecer o que temia – que o mesmo é dizer: ser expulso daquele paraíso –, bom, então só pedia uma coisa: que os seus padecimentos não se prolongassem para além daquilo que podia suportar.

Quando o *Volvo* de Dick meteu pelo caminho da casa, já Polly dera o jantar às crianças: hambúrgueres com batata assada, e também ervilhas congeladas, algumas das quais foram parar à boca de Mr. Bones. Estavam os quatro de novo no jardim, regando-o enquanto o entardecer começava a confundir-se com a noite e o céu se enchia das primeiras pinceladas, pouco mais que uns salpicos, de escuridão. Mr. Bones ouvira Polly dizer a Alice que o voo de Nova Orleães devia chegar a Dulles às quatro e quarenta e cinco, e se o avião não tivesse nenhum atraso nem houvesse demasiado trânsito, o pai deveria estar em casa por volta das sete. Com uns minutos a mais ou a menos, foi mesmo a essa hora que Dick Jones chegou. Tinha estado fora três dias e as crianças, mal ouviram o ruído do carro que se aproximava, desataram a gritar e a correr. Deram a volta à casa num ápice e desapareceram. Polly não fez sequer tenção de ir atrás deles. Continuou calmamente a regar as plantas e as flores, e Mr. Bones ficou juntinho a ela, pois a última coisa que queria naquele momento era perdê-la de vista. Sabia agora que toda a esperança se esfumara já, mas se havia alguém que podia salvá-lo daquilo que estava prestes a acontecer, esse alguém chamava-se Polly.

Passado um momento, o homem da casa entrou no jardim com Tiger num braço e Alice a puxar-lhe pelo outro, e como trazia o uniforme de piloto (calças azuis escuras,

camisa azul clara ornada com galões e insígnias), Mr. Bones confundiu-o com um polícia. Era uma associação automática e, com toda uma vida de terror baseada nessa associação, Mr. Bones não pôde deixar de recuar à medida que Dick se ia aproximando, ainda que pudesse ver com os seus próprios olhos que o homem estava a rir-se, irradiando uma sensação de franca felicidade por estar de novo com os filhos. Antes que conseguisse desenredar esta trapalhada de dúvidas e impressões contraditórias, Mr. Bones viu-se arrastado pela torrente do drama do momento e, a partir desse instante, tudo pareceu passar-se num abrir e fechar de olhos. Alice começara a falar do cão mal o pai saíra do carro, e continuava a falar do cão quando ele entrou no jardim e saudou a mulher com um beijo negligente na face. E, quanto mais o atazanava e se desmanchava em louvores ao maravilhoso animal que tinham encontrado, mais excitado ficava o seu irmãozinho. Berrando «Sparky!» a plenos pulmões, Tiger escapuliu-se do braço do pai, correu para Mr. Bones e pendurou-se-lhe ao pescoço. Não querendo ficar atrás da insignificante criaturinha, Alice tratou imediatamente de participar na cena, lançando uma despuddorada e muito histriônica exibição de afeto pelo cão, o que incluiu repetidos abraços e beijos melodramáticos. Com os dois miúdos a amachucarem-no daquela maneira e a taparem-lhe as orelhas com as mãos e os peitos e as caras, Mr. Bones perdeu três quartos daquilo que os adultos estavam a dizer. A única coisa que ouviu com alguma nitidez foi o primeiro comentário de Dick:

– Então este é que é o famoso cão? A mim parece-me mais um miserável vira-lata do que outra coisa qualquer.

Depois disto, só poderia deitar-se a adivinhar. Viu Polly torcer a ponta da mangueira, o que fez com que o fluxo de água parasse, e reparou em seguida que ela estava a dizer qualquer coisa ao marido. Impossível ouvir a maior parte do que ela dizia, mas, pelas poucas palavras e expressões que conseguiu captar, Mr. Bones compreendeu que Polly estava a cumprir o seu papel de advogada de defesa: «apareceu no jardim esta tarde», «inteligente», «os miúdos acham...», e, depois de Dick lhe ter dito qualquer coisa, «Não faço a mínima ideia. Talvez tenha fugido de algum circo». Parecia francamente encorajador, mas, no preciso momento em que conseguiu libertar a orelha esquerda do abraço de Tiger, desejoso como estava de ouvir um pouco mais, Polly largou a mangueira e afastou-se com Dick em direção a casa. Pararam a poucos metros da porta das traseiras e continuaram a falar. Mr. Bones tinha a certeza de que estavam a ser decididas coisas muito importantes, mas, apesar de os lábios deles continuarem a mover-se, agora é que já não conseguia ouvir uma única palavra.

No entanto, pôde ver que Dick estava a observá-lo e que de vez em quando fazia um gesto na direção dele, um vago movimento da mão enquanto continuava a discutir com Polly. E Mr. Bones, que já estava a ficar um bocado chateado com aquela histérica ocupação amorosa que Tiger e Alice tinham desencadeado, com a consequente paralisação de toda a sua atividade, começou a pensar que talvez não fosse má ideia tomar a iniciativa e fazer qualquer coisa para se ajudar a si mesmo. Em vez de ficar para ali parado enquanto os outros decidiam o seu futuro, porque não tentar impressionar Dick com uma qualquer exibição de destreza canina, uma daquelas graças de cão que caíam sempre bem? Quem sabe, até podia ser que uma coisa dessas mudasse o curso dos acontecimentos. Era verdade que Mr. Bones estava exausto, era

verdade que o seu estômago continuava a queixar-se e que as suas pernas estavam diabolicamente fracas, mas não deixou que essas coisas o impedissem de se libertar daquela prisão de abraços e de disparar para a outra ponta do jardim. Tiger e Alice, depois de uns quantos gritinhos de surpresa, desataram a correr atrás dele; e quando estavam já prestes a apanhá-lo, Mr. Bones fez-lhes uma finta de primeira e, zás!, disparou que nem uma flecha para o sítio de onde tinha vindo. Os miúdos foram outra vez atrás dele, e uma vez mais ele esperou que eles estivessem quase quase a apanhá-lo para os fintar de novo e desatar a correr. Há uma eternidade que não fazia *sprints* daqueles; mas embora soubesse que estava a abusar – e de que maneira – do seu pobre corpo e que não tardaria muito a pagar um alto preço por aquele corrupção, continuou a correr, orgulhoso por estar a torturar-se a si mesmo em nome de tão nobre causa. Depois de três ou quatro corridas pelo relvado, parou no meio do jardim, desatando a brincar ao «mergulha e finta» – a versão canina da apanhada; e embora já mal respirasse, recusou-se a desistir enquanto as crianças não pediram tréguas, caindo para o lado derreadas.

Entretanto, o sol começava a declinar. Nuvens rosadas listravam o céu e o ar ficara mais fresco. Agora que o pagode terminara, parecia que Dick e Polly estavam prontos para anunciar o seu veredicto. Enquanto descansava, ofegante, no relvado, com as duas crianças, Mr. Bones viu os adultos afastarem-se de casa, avançando de novo para o jardim; e embora nunca chegasse a perceber se a sua tresloucada explosão de vivacidade tivera algum influência no desfecho, uma coisa houve que, nesse mesmo instante, lhe deu um novo ânimo: o suave sorriso de satisfação de Polly, que lhe desenhava uns ligeiros vincos nos cantos da boca. «O papá diz que o Sparky pode ficar» disse ela. E enquanto Alice se erguia de um salto e abraçava o pai, Polly baixava-se e pegava num Tiger meio-adormecido. Abria-se um novo capítulo na vida de Mr. Bones.

Contudo, antes que pudessem abrir a garrafa de champanhe, Dick tratou de introduzir uns quantos pontos adicionais – as cláusulas em letra pequenina, por assim dizer. Não que ele não desejasse que todos se sentissem felizes e contentes, mas, para já, era preciso que uma coisa ficasse bem clara: o cão ficaria com eles apenas a título experimental e, caso não fossem cumpridas certas condições – e, aqui, lançou um severo e demorado olhar a Alice –, não haveria mais cão para ninguém. Primeira condição: o cão não poderia entrar em casa em nenhuma circunstância. Segunda: Sparky teria de ir ao veterinário para um exame completo. Se se verificasse que não gozava de uma saúde razoavelmente boa, então só havia uma saída: adeus, cão. Terceira: Sparky teria de passar pelas mãos de um tratador profissional o mais depressa possível. Precisava do pelo aparado e de um bom champô e as unhas precisavam de uma boa manicura, isto já para não falar de uma inspeção de alto a baixo, tendo em vista a erradicação de carraças, piolhos e pulgas. Quarta: Sparky teria de ser tratado. E quinta: Alice ficaria com a responsabilidade de lhe dar de comer e de lhe mudar a água – sem qualquer aumento da sua mesada por serviços prestados.

Mr. Bones não fazia a menor ideia do que significaria, naquele contexto, a palavra *tratado* da quarta cláusula, mas compreendeu tudo o mais e, de um modo geral, o contrato não lhe pareceu mau de todo, excetuando talvez o primeiro ponto, aquele que o impedia de entrar em casa, pois não conseguia entender como é que um cão podia

tornar-se parte de uma família se não tinha o direito de entrar na casa dessa família. Alice devia ter estado a pensar o mesmo, pois, mal o pai chegou ao último item da lista, desapareceu:

– E no inverno, como é que vai ser? Não vamos deixá-lo aqui ao frio, pois não, papá?

– Claro que não – retorquiu Dick. – Ficaré na garagem, e se estiver demasiado frio na garagem, poderá ficar na arrecadação da cave. O que eu não quero é que ele ande a espalhar o pelo pela casa toda, só isso. Mas não te preocupes, vamos oferecer-lhe as melhores condições para ele ficar cá fora. Vamos dar-lhe uma casota de primeira e eu vou fazer um parque só para ele, basta pôr um arame ali, entre aquelas duas árvores. Terá montes de espaço para brincar e, logo que se habitue, será o mais feliz dos cães. Não sintas pena dele, Alice. Ele não é uma pessoa, é um cão, e os cães não reclamam. Contentam-se com aquilo que lhes calha em sorte. – Com este comentário em forma de ponto final parágrafo, Dick pôs a mão na cabeça de Mr. Bones e deu-lhe um apertão firme, másculo, como que para provar que, lá no fundo, não era tão intratável como parecia. – Não é verdade, pá? – perguntou. – Não te vais queixar, pois não? Tu sabes que te saíu a sorte grande e a última coisa que queres é estragar as coisas, não é?

Aquele Dick era um tipo de não deixar para amanhã aquilo que podia fazer hoje; embora o hoje fosse um domingo – o que significava que tanto o tratador como o veterinário estavam fechados –, Dick levantou-se cedo, meteu-se na carrinha de Polly e foi ao depósito de madeira mais próximo. Depois passou toda a manhã e toda a tarde a montar uma casota de cão pré-fabricada (modelo *deluxe*, instruções de montagem incluídas) e a construir uma cerca de arame no quintal das traseiras. Não havia a menor dúvida: Dick pertencia àquela classe de homens que se sentem mais felizes a arrastar escadotes de um lado para o outro e a pregar pregos em pranchas do que a falar de coisas miúdas com a mulher e os filhos. Dick era um homem de ação, um soldado na guerra contra a ociosidade e, ao vê-lo de tronco nu, só com os calções de cáqui vestidos, trabalhando sem parança, o suor brilhando-lhe na testa, Mr. Bones só pôde interpretar aquela atividade como um bom sinal. Aquilo significava que toda aquela conversa de «título experimental» e não sei mais quê não passava de uma grande história. Dick desembolsara para cima de duzentos dólares por aquele equipamento e ferragens variadas. Passara a maior parte do dia a trabalhar no duro e ainda por cima ao sol, e não era criatura para desperdiçar nem dinheiro nem trabalho. Tanto quanto Mr. Bones podia aperceber-se, a questão, para Dick, era muito simples: agora que já tinha o pé na água, das duas uma: ou nadava ou ia ao fundo.

Na manhã seguinte, desapareceram todos, cada um à vez e cada qual para seu lado. Um autocarro parou defronte da casa às oito menos um quarto e levou Alice para a escola. Quarenta minutos volvidos, Dick partiu para o aeroporto com o uniforme de piloto vestido; e, pouco antes das nove, Polly enfiou Tiger na cadeirinha de bebé no banco de trás da carrinha e levou-o para a creche. Mr. Bones mal podia crer no que se estava a passar. Afinal, era assim que ia ser a vida naquela casa?, perguntou-se. Iam pura e simplesmente abandoná-lo mal o sol raiava e ele que se desenrascasse durante o dia todo? Bom, se aquilo não era uma piada obscena, pelo menos parecia. A sua natureza de cão pedia contacto, pedia companhia, pedia o dar e receber da vida com os outros, e ele precisava de ser tocado e precisava que falassem com ele e precisava de

pertencer a um mundo que incluísse outros seres para além dele mesmo. Tinha andado seca e meca e encontrara aquele refúgio abençoado para, no fim de tudo, as próprias pessoas que o tinham recolhido lhe cuspirem na cara? Tinham feito dele um prisioneiro. Tinham-no acorrentado, tinham-lhe preso a trela àquele arame infernal que o puxava quando ele queria ir mais longe, tinham-no agrilhado àquele instrumento de tortura metálico com a sua incessante chiadeira e o seu zunido ressonante; e, sempre que se mexia, os ruídos mexiam-se com ele, como que para lhe lembrar que deixara de ser livre, que vendera o seu direito inato por um prato de papas de aveia e uma casota pronta a armar, que era horrorosamente feia.

Estava ele, vai não vai, para se vingar daquela humilhação e fazer uma loucura qualquer – como desenterrar flores do jardim, por exemplo, ou roer a casca da ainda incipiente cerejeira – quando, de repente, ali estava Polly de novo, avançando pelo caminho da casa na sua carrinha, e mudando uma vez mais a cor do mundo. Polly foi imediatamente ao quintal e libertou-o do cativeiro. Não só o deixou ir com ela para dentro de casa e subir ao primeiro piso e entrar no seu quarto como, ainda por cima – enquanto mudava de roupa, dava um jeito ao cabelo com a escova e fazia a maquilhagem –, o informou de algo que ele deveria ter bem presente: naquela casa havia duas leis, a lei de Dick e a lei de Polly. Quando Dick estava, Mr. Bones ficaria confinado ao espaço exterior, mas, quando Dick não estava, quem mandava era ela, e isso queria dizer que os cães podiam entrar em casa.

– Não que as intenções dele não sejam as melhores – disse Polly. – O problema é que ele às vezes é um insuportável cabeça dura, e quando mete uma ideia naquela cachimónia, não vale a pena uma pessoa gastar o latim porque ele não cede nem um milímetro. É assim a vida com os Jones, Sparky, e não há nada, absolutamente nada, que eu possa fazer. Tudo o que te peço é que mantendas segredo absoluto acerca deste nosso pequeno acordo. Este é um segredo só nosso e nem as crianças podem ficar a saber. Entendido, velhote? Isto é estritamente entre nós os dois.

Mas havia mais. Como se esta declaração de solidariedade e afeição não fosse já bastante, pouco tempo depois, nessa mesma manhã, Mr. Bones foi dar um passeio de carro pela primeira vez em quase dois anos. Não todo amarfanhado no chão do banco de trás, que era onde costumavam pô-lo em tempos idos, mas bem lá à frente, no banco do copiloto, sempre alerta a tudo, com a janela aberta e o doce ar da Virgínia batendo-lhe no focinho. Era uma sublime vingança cavalgar a estrada daquela maneira, com a esplendorosa Polly ao volante da *Plymouth Voyager*, o movimento da carrinha retumbando dentro dos seus músculos e o seu nariz contraindo-se desvairadamente ao sabor de cada cheiro que passava. Quando finalmente percebeu que aquela carrinha ia fazer parte da sua nova rotina, sentiu-se atordoado com as perspetivas que se desenhavam diante dos seus olhos. A vida com Willy fora boa, mas talvez aquela fosse ainda melhor. Porque a triste verdade era que os poetas não guiavam, e mesmo quando viajavam a pé, nem sempre sabiam para onde iam.

A visita ao tratador foi, até certo ponto, uma provação, mas Mr. Bones aguentou o melhor que pôde as múltiplas tesouradas e sabonetadas. Tendo em conta a bondade com que fora tratado, a última coisa que queria fazer era queixar-se. Hora e meia volvida, Mr. Bones era outro cão. Libertara-se finalmente daquelas pastas de pelos emaranhados que lhe pendiam dos jarretes, daqueles espetos de porcaria que

ressaltavam da cernelha, daquelas franjas que lhe caíam sobre os olhos. Já não era um cão vadio, já não era um embaraço para ninguém. Tinham feito dele um janota, um burguês cão de sociedade; e se o seu novo *look* lhe dava vontade de se pavonear e de ceder um bocadinho à vaidade, quem poderia censurá-lo por se sentir exultante com a sorte que lhe coubera em sorte?

– Mas que beleza, Sparky! – exclamou Polly quando finalmente lho levaram. – Fizeram-te uma revisão completa num instante, não foi? Se não te acautelas, Spark Plug⁵⁰, qualquer dia estás a ganhar prémios nos concursos de cães.

Vinte e quatro horas depois, foram ao veterinário. Mr. Bones ficou todo contente porque ia dar mais um passeio de carro, mas já se tinha cruzado várias vezes com aqueles homens de bata branca e sabia o bastante acerca das suas agulhas e termómetros e luvas de borracha para temer o que o esperava. No passado, fora sempre Mrs. Gurevitch quem marcara as consultas, mas, após a sua morte, Mr. Bones fora poupado à agonia de novos contactos com a profissão médica. Willy, por absoluta insuficiência de liquidez monetária ou por excesso de negligência, nunca mais se incomodara com consultas e veterinários, e como o cão continuava vivo ao fim de quatro anos sem ir ao médico, não via que bem é que um exame lhe ia fazer agora. Se um tipo – e quem diz um tipo, diz um cão – estava doente a ponto de esticar o pernil, não era um médico que o ia salvar. E se um tipo ou um cão não estava doente, para quê deixar os médicos torturá-lo com picadelas e escarafunchadelas, se no fim de tudo lhe diziam que estava são que nem um pero?

Teria sido um horror se Polly não tivesse ficado com ele durante o exame, segurando-o nos seus braços e acalmando-o com aquela voz suave e sedutora. Mesmo com a ajuda dela, esteve numa agitação constante durante toda a consulta, e por três vezes saltou da mesa e correu para a porta. O médico chamava-se Burnside, Walter A. Burnside, e não fazia diferença nenhuma que o charlatão fizesse o teatro de gostar dele. Mr. Bones bem vira como ele olhava para Polly e, bem farejada a pele do jovem médico, apercebia-se a pura excitação que exalava. Ele estava era filado nela e gostar do cão não passava de uma artimanha, uma maneira de cair nas graças dela e de a impressionar com a sua compreensão e capacidade profissional. Era tudo fita, as festinhas na cabeça, os elogios à sua inteligência, os risos perante as suas tentativas de fuga. O fito daquela fita era um só: chegar-se um bocadinho mais a Polly, se calhar até roçar-se no corpo dela, e Polly, que estava tão absorvida em cuidar de Mr. Bones, nem sequer se deu conta do que aquele salafrário estava a tramar.

– Até nem está mal, tendo em conta aquilo por que passou – disse o médico por fim.

– O meu Sparky é dos fortes – disse Polly, dando a Mr. Bones uma beijoca entre os olhos. – Mas tem o estômago numa desgraça. Nem quero pensar nas coisas que terão passado por aquele estômago.

– Isso passa. Basta que tenha um regime alimentar regular. E não se esqueça de lhe dar os comprimidos contra os vermes. É muito natural que, dentro de uma ou duas semanas, comece a notar grandes melhoras.

Polly agradeceu ao médico; quando ela e Burnside se cumprimentaram, Mr. Bones não pôde deixar de reparar que o estupor do Sorrisos e Mesuras deixou ficar a mãozinha mais tempo do que devia. Quando respondeu à educada despedida de Polly

dizendo «O prazer foi todo meu», Mr. Bones sentiu de súbito uma irresistível vontade de se atirar a ele e de lhe morder a perna. Polly encaminhou-se para a saída. Quando já estava a abrir a porta, o médico acrescentou:

– Fale com a June. Ela marca-lhe uma hora para o outro assunto.

– A ideia não foi minha – disse Polly. – Mas é assim que o meu marido quer...

– E faz muito bem – disse Burnside. – Simplifica as coisas e, a longo prazo, o Sparky sentir-se-á muito mais feliz.

Dick regressou a casa na noite de quinta-feira, o que implicou que a manhã de sexta-feira fosse muito mais triste do que as manhãs anteriores. Adeus horas de furtiva volúpia no aconchego do lar. Adeus tapete da casa de banho, onde ele se deitava a ver Polly a tomar banho. Adeus ovos mexidos. Adeus leite docinho das tigelas dos cereais dos miúdos. Normalmente, perdas desta magnitude tê-lo-iam deixado muito em baixo, mas, naquela manhã de sexta-feira, não produziram mais do que uma pontada de nostalgia. Mr. Bones conhecia agora a esperança, e sabia que domingo à tarde, mal Dick partisse, a porta se abriria de novo para ele. Havia alguma consolação neste pensamento e, apesar de estar a choviscar e de o ar ter esfriado com os primeiros indícios outonais, Mr. Bones tratou de se acomodar na sua casota, distraído a roer o osso de borracha que Polly lhe tinha comprado no tratador, enquanto lá dentro a família tomava o pequeno-almoço. Ouviu o autocarro chegar e partir, ouviu a carrinha arrancar e partir, e foi então que, no intervalo que antecedeu o regresso de Polly, Dick resolveu dar um passeio até ao quintal para lhe dizer olá. Nem sequer a presença de Dick conseguiria afetar o seu estado de espírito, aquele brando contentar-se com o que tinha. O piloto parecia estar com uma disposição mais jovial naquela manhã, e quando felicitou Mr. Bones pelo seu belo corte de pelo e lhe perguntou como é que tinha passado, a generosidade do cão foi mais forte que a desconfiança, e por isso respondeu-lhe com uma discreta e polida lambidelas de mão. Não que estivesse contra Dick, decidiu. O que tinha era pena dele, só isso, e tinha pena porque ele não sabia gozar a vida. Com tantas maravilhas que havia no mundo, era triste, muito triste, que um homem gastasse o seu tempo a preocupar-se com as coisas erradas.

Mr. Bones estava à espera de um dia de longas e lentas horas e tinha-se preparado para passar o tempo, antes de as crianças voltarem, fazendo o mínimo possível: dormitando, mascando o osso, dando umas voltinhas pelo quintal se a chuva cessasse. A indolência era a única tarefa que havia em agenda, mas Dick não parava de referir que aquele era um grande dia. Continuou batendo na tecla de que chegara finalmente a hora da verdade e, ao fim de um bocado, Mr. Bones começou a ficar intrigado. Provavelmente, tinha-lhe escapado alguma coisa. Não fazia a mínima ideia do que Dick estava a falar, mas, depois de tão misteriosas declarações, não ficou nada surpreendido quando, logo que Polly regressou, o chamaram para a carrinha e para mais um passeio. Bom, agora era diferente, é claro, com Dick em casa teria de ser diferente, mas quem era ele para contestar uma insignificante mudança de protocolo? Quem conduzia agora era Dick. Polly ia ao lado dele e Mr. Bones ia no banco de trás, deitado numa toalha de praia que Dick pusera para proteger o carro de errantes pelos de cão. A janela de trás não podia ser aberta, o que reduzia consideravelmente o prazer da viagem, mas não fazia mal, bastava-lhe o movimento para se sentir contente e, feitas as contas, preferia de longe estar onde estava a estar onde estivera.

Apercebia-se, contudo, de que nem tudo eram rosas entre os Jones. Com a continuação da viagem, tornou-se claro que Polly estava invulgarmente fechada em si mesma pois, em vez de olhar para Dick, olhava para a paisagem. Ao fim de um bocadinho, o silêncio dela pareceu afetar também a disposição do marido.

– Ouve, Polly – disse ele. – Sinto muito, mas isto é só para o bem dele.

– Não quero falar disso – disse ela. – Decidiste, está decidido. Sabes o que eu penso, portanto não vale a pena discutirmos mais.

– Até parece que sou eu o primeiro a ter uma ideia destas! – insistiu Dick. – É uma prática comum.

– Ai é? E tu gostavas se alguém te fizesse o mesmo?

Dick fez um som que ficou algures a meio entre um resmungo e um riso.

– Francamente, querida, deixa-te disso. É um cão. Nem sequer vai saber o que lhe aconteceu.

– Por favor, Dick. Não quero falar disso.

– Porque não? Já que estás tão abalada com...

– Não. Em frente dele, não. Não é justo.

Dick voltou a rir-se, mas desta feita o seu riso parecia a expressão de um ruidoso assombro, uma imensa gargalhada de incredulidade.

– Só podes estar a brincar, Polly! – disse ele. – Quer dizer, por amor de Deus, Polly, estamos a falar de um cão!

– Pensa o que quiseses, mas eu não vou dizer nem mais uma palavra acerca desse assunto enquanto estivermos neste carro.

E não disse mesmo. Mas fora já dito o suficiente para que Mr. Bones começasse a preocupar-se. Quando o carro finalmente parou e ele viu que tinham estacionado em frente do mesmo prédio aonde tinha ido com Polly na terça-feira de manhã, o mesmo prédio que albergava o consultório de um tal Walter A. Burnside, médico veterinário, concluiu que ia acontecer-lhe algo de terrível.

E aconteceu mesmo. E o mais estranho naquilo tudo é que Dick tinha razão. Mr. Bones nunca soube o que lhe aconteceu. Puseram-no *K.O.* com uma injeção na rabadela e, depois da excisão ter sido realizada e de o levarem de volta para a carrinha, continuou tão atordoado que nem sabia onde estava, quem era, ou sequer se era. Só mais tarde, quando a anestesia passou, é que ele começou a sentir a dor que lhe fora infligida, mas, ainda assim, continuava sem fazer a mínima ideia do que a causara. Sabia de onde vinha, mas isso não era a mesma coisa que saber porque é que lhe doía precisamente ali; e embora tivesse a intenção de examinar a coisa, adiou o exame por algum tempo, pois deu-se conta de que nem sequer tinha força para se contorcer e adotar a posição adequada. Por essa altura, estava já na sua casota, zonzamente espaaçado sobre o lado esquerdo, com Polly ajoelhada defronte da porta, afagando-lhe a cabeça e dando-lhe de comer à boca bocadinhos de bife picado razoavelmente mal passado. A carne tinha um aroma extraordinário, mas a verdade é que naquele momento o seu apetite estava muito por baixo, e, se aceitava o que ela lhe dava, era apenas para lhe agradar. A chuva parara. Dick tinha saído com Tiger e Alice ainda não voltara da escola, mas estar com Polly era suficientemente reconfortante; enquanto ela continuava a fazer-lhe festas na cabeça e a garantir-lhe que tudo ia correr bem, Mr. Bones começou a perguntar-se que diabo é que lhe teria acontecido e porque é que

tinha tantas dores.

A seu tempo, Mr. Bones explorou os danos e descobriu o que é que lhe faltava, mas, como era um cão e não um biólogo ou um professor de Anatomia, continuou completamente às escuras quanto ao que lhe tinha acontecido. Sim, era verdade que agora o saco estava vazio e que os seus velhos conhecidos se tinham evaporado, mas o que é que isso queria dizer exatamente? Sempre gostara de lambar essa parte do seu corpo – aliás, e tanto quanto conseguia lembrar-se, essas lambidelas sempre tinham sido um hábito regular –, mas, excetuando as bolinhas moles propriamente ditas, tudo o mais na área parecia intacto. Como poderia ele saber que as partes que lhe faltavam tinham sido responsáveis pelo facto de ter sido pai uma série de vezes? Tirando aqueles dez dias em que andara enrolado com Greta, a *malamute* de Iowa City, os seus romances sempre tinham sido breves – impetuosos engates, inopinadas folias, frenéticos amores – e Mr. Bones nunca vira nenhum dos cachorrinhos que ajudara a conceber. E mesmo que tivesse visto, como poderia ele estabelecer a ligação? Dick Jones fizera dele um eunuco, mas Mr. Bones continuava a ver-se como o príncipe do amor, o rei dos Romeus caninos, e continuaria a cortejar as damas até ao derradeiro suspiro no leito de morte. Por uma vez, a dimensão trágica da sua própria vida escapava-lhe. A única coisa que realmente o atormentava era a dor física e, depois de a dor ter desaparecido, nunca mais voltou a pensar na operação.

Mais dias passaram. Acomodou-se aos ritmos da família, acostumou-se ao rebuliço das idas e vindas de adultos e crianças, acabou por entender a diferença entre dias da semana e fins de semana; entre o som do autocarro da escola e o som do camião da UPS⁵¹; entre os cheiros dos diferentes animais que viviam no bosque próximo: esquilos, guaxinins, tâmiãs, coelhos, toda a sorte de pássaros. Sabia já, por experiência própria, que os pássaros não justificavam o incómodo de uma corrida, mas, sempre que uma criatura sem asas resolvia ensaiar uma passeata pelo relvado, chamava a si a responsabilidade de correr com o indesejável intruso da propriedade, atirando-se a ele tanto quanto podia, numa frenética explosão de ladrados e rosnadelas. Mais tarde ou mais cedo, aperceber-se-iam de que ele estava preso àquele maldito arame, mas, para já, a maior parte deles ficava suficientemente intimidada para que o jogo tivesse algum interesse. Exceto o gato, é claro, mas com os gatos era sempre assim, e o gato preto dos vizinhos já tinha calculado o comprimento exato da trela que o prendia ao arame, o que significava que sabia muito bem quais eram os limites da mobilidade de Mr. Bones em todo e qualquer ponto do quintal. O felino intruso posicionava-se sempre no sítio certo para causar o máximo de frustração, que o mesmo é dizer: a escassos centímetros da bocarra do cão. Não havia nada que Mr. Bones pudesse fazer. Ou ia até aonde a trela lhe permitia ir, desatando a ladrar que nem um possesso enquanto o gato lhe bufava e disparava as garras ameaçando esgatanhá-lo no focinho, ou retirava-se para a casota e fazia de conta que não ligava nenhuma ao gato, mesmo que o filho da mãe, só para lhe fazer pirraça, saltasse para o telhado e desatasse a afiar as unhas nos maciços sarrafos de cedro mesmo por cima da sua cabeça. Essas eram as alternativas: ou era arranhado ou era gozado e, de uma maneira ou outra, perdia sempre. Em contrapartida, havia certos pequenos milagres que podia ver daquela mesma casota, especialmente à noite. Por exemplo, uma raposa prateada, que deu uma corrida rápida pelo relvado às três da manhã e desapareceu antes que Mr.

Bones pudesse mexer um músculo, deixando-lhe na mente uma imagem residual que, de tão intensa e de tão cristalina na sua perfeição, não o largou durante dias a fio: uma aparição de absoluta leveza e rapidez, a graça do selvagem em estado puro. E depois, numa noite já para o fim de setembro, houve o veado que saiu do bosque e que, pé ante pé, passou pelo relvado durante vinte ou trinta segundos até que, assustado pelo ruído de um carro distante, disparou de novo rumo à escuridão, deixando grandes buracos no relvado, visíveis ainda na semana seguinte.

Mr. Bones acabou por ter uma verdadeira adoração por aquele relvado – aquela sensação de suaves penas, de macia almofada, os gafanhotos sempre aos pulos no meio das hastes verdes, o cheiro da terra que não o largava para onde quer que fosse; e à medida que o tempo foi passando, compreendeu que se ele e Dick tinham alguma coisa em comum, só poderia ser aquele amor profundo e irracional pela relva. Era o único laço que os unia, mas era também a fonte das suas mais intensas divergências filosóficas. Para Mr. Bones, a beleza da relva era uma dádiva de Deus, e daí que sentisse que tudo o que fosse relva deveria ser tratado como terreno sagrado. Dick também acreditava nessa beleza, mas sabia que ela resultava do esforço humano, e por isso, se queria que ela permanecesse, tinha de lhe dedicar infundáveis cuidados e trabalhos. A expressão era *manutenção do relvado*, e até meados de novembro não passou uma única semana sem que Dick consagrasse pelo menos um dia inteiro a cortar e a aparar o seu talhão de relva. Dick tinha uma máquina só dele – um veículo cor de laranja e branco que parecia um cruzamento entre um carrinho de golfe e um trator minúsculo –, e sempre que punha o motor a trabalhar, Mr. Bones convencia-se de que ia morrer. Odiava a chiadeira que aquela geringonça fazia, odiava a fúria das suas ensurdecedoras explosões gaguejadas, odiava o cheirete a gasolina que ela espalhava por todos os cantos e recantos do ar. Sempre que Dick atacava o relvado com aquele trovão, Mr. Bones corria a refugiar-se na casota e enfiava a cabeça debaixo dos cobertores, num esforço fútil para tapar os ouvidos, mas a verdade é que não havia escapatória possível. A única solução era deixarem-no sair dali, mas Dick tinha as suas regras; e como, segundo essas regras, o lugar de Mr. Bones era no quintal, o piloto fazia de conta que não se apercebia do sofrimento do cão. As semanas foram passando, as agressões aos seus ouvidos continuaram, e Mr. Bones acabou por desenvolver um certo ressentimento em relação a Dick pelo facto de este o ignorar.

Era indubitável que as coisas melhoravam muito quando Dick não estava, mas a vida era assim mesmo, e que havia ele de fazer senão aprender a aceitar a presença de Dick, tal como em tempos aprendera a aceitar a dureza com que Mrs. Gurevitch o tratara? De início, a mãe de Willy não se coibira de exprimir toda a sua hostilidade, e tanto assim foi que, no seu primeiro ano em Brooklyn, a chata da velha enchera-o de furibundas reprimendas e de estaladões que até parecia que ficava com o focinho a arder.

E o que ganharam eles com isso? Ele, um rancor doido à velha; e ela, um doido rancor ao cão. Mas tudo isso mudara, não mudara? Mr. Bones acabara por conquistar o coração da velha, e sabia-se lá se o mesmo não aconteceria a Dick? No entanto, Mr. Bones tentou não pensar demasiado no caso. Agora tinha três pessoas a quem amar e, depois de ter passado toda a sua vida como cão de um só homem, um trio de amores chegava-lhe e sobrava-lhe. Até Tiger começava a dar sinais de melhoras; e desde que

um cão aprendesse a escapar àqueles dedinhos terríveis que lhe estorcegavam a pele que nem tenazes, até que podia ser divertido estar com o fedelho – em pequenas doses. Com Alice, em contrapartida, não havia dose que chegasse. Mr. Bones só queria que ela passasse mais tempo consigo, mas Alice estava o dia todo naquela maldita escola, e ainda por cima tinha lições de *ballet* às quintas e lições de piano às terças, isto já para não falar dos trabalhos de casa que tinha de fazer ao fim da tarde. Assim, os seus contactos durante a semana limitavam-se normalmente a dois curtos períodos: uma breve conversa às primeiras horas da manhã, quando ela arrumava os cobertores dele e o reabastecia de comida e água; e após o regresso a casa, antes do jantar, momento em que ela lhe contava tudo o que lhe acontecera desde manhãzinha e lhe perguntava como corraera o dia dele. Essa era uma das coisas de que ele mais gostava em Alice: a maneira como ela falava com ele, passando calmamente de um ponto para outro e abordando exaustivamente todos os assuntos, como se não sentisse a mínima dúvida de que ele compreendia tudo o que ela estava a dizer. Alice passava a maior parte do seu tempo vivendo num mundo de seres imaginários, levava Mr. Bones para esse mundo e fazia dele seu parceiro, seu coprotagonista, primeira estrela masculina do seu filme. Aos sábados e aos domingos era um nunca mais acabar dessas improvisações malucas. Havia o chá no castelo da Baronesa de Dunwitty, uma bela mas perigosa conspiração maquiavélica para conquistar o trono de Floriania. Havia o terramoto no México. Havia o furacão no rochedo de Gibraltar e havia o naufrágio que os deixava nas praias da ilha de Nemo, onde a única comida eram galhos raquíticos e cascas de bolotas, mas se a gente conseguisse encontrar o mágico bicharoco noturno que vivia mesmo mesmo debaixo do chão e o devorasse de uma vez só, ah!, então tudo mudava, e mudava porque a gente de repente ficava tão pássaro como os melhores. (Mr. Bones engoliu o verme que ela lhe deu, e então, com Alice agarrada a ele que nem uma lapa, lá foram os dois pelo ar imenso, assim fugindo da estéril ilha.)

Tiger era corridas e saltos. Alice era palavras e o encontro de espíritos. Ela era a alma velha no corpo jovem que convencera os pais a deixá-lo ficar; mas, agora que já lá estava e que tinha passado algum tempo entre eles, Mr. Bones sabia que Polly era quem mais precisava dele. Ao fim de tantas manhãs a andar para todo o lado com ela, a escutar o que ela tinha para lhe contar e a observar o que ela fazia ou deixava de fazer, Mr. Bones compreendeu que Polly era tão refém das circunstâncias como ele. Tinha apenas dezoito anos quando conhecera Dick. Fora logo a seguir à escola secundária; para ganhar algum dinheiro antes de ir, no outono seguinte, para a universidade de Charlotte, na Carolina do Norte, arranjava um daqueles trabalhos de verão, a servir à mesa num restaurante de mariscos em Alexandria, Virgínia. Da primeira vez que aparecera no restaurante, Dick acabara por lhe perguntar se queria sair com ele. Dick era nove mais anos mais velho e ela achava-o tão atraente e tão seguro de si que deixou que as coisas fossem mais longe do que desejava. O romance continuara durante três ou quatro semanas e depois Polly tivera de voltar para a Carolina do Norte porque as aulas iam começar. A ideia dela era doutorar-se em Educação e depois ia dar aulas a miúdos, mas, no fim do primeiro mês do primeiro período, descobrira que estava grávida. Dera a notícia aos pais, que a receberam como um ultraje. Chamaram-lhe cadela e disseram-lhe que ela os tinha desgraçado com a sua promiscuidade. Depois recusaram-se a ajudá-la fosse de que maneira fosse – o que abriu uma ferida na

família que nunca mais sarou, nem mesmo após nove anos de pedidos de desculpa e de manifestações de arrependimento de ambos os lados. Não que ela quisesse casar com Dick, mas, depois de o pai lhe ter virado as costas, para onde é que ela havia de ir? Dick dizia que a amava. Dizia-lhe a toda a hora que ela era a mais bonita e a mais extraordinária de todas as raparigas à face da Terra e, ao fim de uns quantos meses de hesitações e de desesperadas especulações (um aborto, dar o bebé para adoção, ficar com o bebé e tentar aguentar-se sozinha), Polly cedera às pressões e deixara a faculdade para se casar com Dick. Pensava que poderia voltar à universidade logo que a filha crescesse, mas Alice nasceu com todo o tipo de problemas médicos, e nos quatro anos seguintes a vida de Polly fora um nunca mais acabar de médicos, hospitais e cirurgias experimentais, uma infindável sucessão de curas e consultas para que a sua menina vivesse. Era o feito de que mais se orgulhava como ser humano, disse ela a Mr. Bones certa manhã: o modo como tratara de Alice e como a ajudara a vencer a doença; mas, embora na altura pouco mais fosse do que uma rapariguinha, perguntava-se muitas vezes se aqueles quatro anos não teriam consumido para sempre toda a sua energia. Logo que os médicos consideraram que Alice estava em condições de ir também à escola, Polly começara a pensar na hipótese de ela própria regressar à escola, mas depois ficara grávida de Tiger e tivera de adiar uma vez mais os estudos. Se calhar agora já era demasiado tarde. Dick começava a ganhar montes de dinheiro e, juntando o seu salário a alguns dos investimentos que fizera, até se podia dizer que estavam bem na vida. Ele não queria que ela trabalhasse, e quando Polly dizia que de qualquer modo talvez fosse bom ela trabalhar, Dick dava-lhe sempre a mesma resposta: ela já tinha uma carreira, era o que ele dizia. Ser esposa e mãe já era um trabalho suficientemente duro para qualquer mulher, e enquanto ele pudesse cuidar dela, para quê mudar as coisas? Mudar só por mudar não valia a pena. Para lhe provar o muito amor que lhe tinha, Dick decidira comprar-lhe aquele belo casarão.

Polly adorava a casa, mas não amava Dick. Mr. Bones já não tinha a mínima dúvida quanto aos sentimentos da dona; e embora a própria Polly ainda não estivesse consciente disso, pouco tempo faltaria para que a tremenda verdade se abatesse finalmente sobre ela. Era por isso que ela precisava de Mr. Bones; e como a amava mais do que qualquer outra pessoa viva em todo o mundo, era com prazer que Mr. Bones lhe servia de confidente e de caixa de ressonância. Polly não tinha mais ninguém que pudesse desempenhar esse papel; e apesar de ele ser um simples cão que não lhe podia dar conselhos nem responder às suas questões, a sua presença – a presença de um aliado – bastava para a encorajar a dar determinados passos que, de outro modo, era muito natural que não tivesse dado. O facto de ela impor as suas próprias regras, que permitiam que ele passeasse à vontade pela casa, não era nada do outro mundo, não senhor, mas, à sua diminuta escala, era um ato de rebeldia contra Dick, um microscópico exemplo de traição que, a seu tempo, poderia conduzir a traições maiores e mais significativas. Mr. Bones e Polly sabiam que Dick não o queria dentro de casa, e este decreto do chefe só contribuía para aumentar o prazer das visitas do cão, dando-lhes um toque de perigo e clandestinidade, como se ele e Polly fossem cúmplices numa revolta palaciana contra o rei. Mr. Bones fora recrutado para uma guerra de nervos e antagonismos latentes, e quanto mais tempo de combate tivesse, mais crucial seria o seu papel. Agora, em vez de centrarem as suas discussões em si

mesmos, Dick e Polly discutiam por causa dele, usando o cão como pretexto para desenvolverem as respectivas causas; e ainda que Mr. Bones raramente testemunhasse tais disputas, o certo é que, graças às conversas telefônicas que Polly mantinha com a irmã, sabia muito bem que, por sua causa, o casal travara já renhidas batalhas. A escaramuça por causa do pelo na carpete era apenas um exemplo. Polly tinha sempre o cuidado de eliminar todos os vestígios da presença de Mr. Bones quando Dick estava prestes a regressar, aspirando assiduamente todos os locais onde o cão estivera, chegando mesmo a pôr-se de joelhos sempre que necessário e a usar fita gomada para remover qualquer pelo transviado que tivesse escapado à máquina. Certa vez, porém, Polly descuidou-se um pouco e Dick descobriu uns quantos fiozinhos do manto de Mr. Bones na carpete da sala de estar. Aqueles minúsculos pelos tinham conduzido a um longo e muito desagradável confronto tal como Polly disse à irmã Peg, que vivia em Durham, dando início a um relato circunstanciado do incidente. «O que é que estes pelos estão a fazer aqui?», pergunta-me o Dick» disse ela, sentando-se num banco da cozinha e acendendo um dos seus raros cigarros matinais. «De maneira que eu respondo: Não sei, se calhar foi um dos miúdos que os trouxe cá para dentro. Depois, ele sobe ao nosso quarto e encontra um pelo no chão, junto à mesa de cabeceira. Volta cá abaixo, com o pelo pendurado entre os dedos e diz-me: Imagino que também não sabes como é que este pelo foi parar lá acima? E eu digo: Não, porque é que havia de saber? Se calhar foi da escova do Sparky. Diz o Dick: a escova do Sparky? Que raio é que tu vais fazer para o quarto com a escova do cão? Digo eu: Vou limpá-la. E digo também, o mais calmamente possível: Que diferença é que faz? Mas o Dick não deixa que as coisas fiquem por aqui. Quer ver o mistério resolvido, de maneira que volta à carga. Diz-me ele: Porque é que não limpaste a escova lá fora, que é onde deves limpá-la? Porque estava a chover, digo eu, e já vou para aí na décima quarta mentira só neste bocadinho de conversa. Nesse caso, pergunta ele, porque é que não foste limpá-la para a garagem? Porque não me apeteceu, digo eu. Está demasiado escuro na garagem. De maneira que, diz ele, e agora é que está mesmo lixado de todo, de maneira que pegaste na escova do cão e foste limpá-la para a nossa cama. Pois fui, digo eu, limpei-a na cama porque foi na cama que me apeteceu limpá-la. E diz ele: Será possível, Polly, será possível que não aches uma coisa dessas perfeitamente nojenta? Não sabes o quanto eu odeio isso? E continuámos nisto durante mais dez minutos. Imagina só, Peg: por causa de uns pelos de cão, passámos mais de dez minutos nesta conversa de caca. Francamente, isto às vezes põe-me louca. Não suporto mentir-lhe, mas o que é que eu hei de fazer quando começamos com estas discussões estúpidas? Ah, que picuinhas, que picuinhas que aquele homem é! Tem o coração no sítio certo, mas metade do tempo nem deve saber onde é que ele está. Santo Deus! Se eu lhe dissesse que deixava entrar o cão em casa, era muito capaz de pedir o divórcio. Fazia as malas e desandava.»

Tal era o turbilhão matrimonial onde Mr. Bones tinha caído. Mais tarde ou mais cedo, a corda acabaria por romper; mas, até que Polly ganhasse consciência da sua própria força e pusesse o picuinhas finalmente na rua, a atmosfera continuaria saturada de intrigas e ressentimentos reprimidos, de conspirações e contraconspirações de amor moribundo. Mr. Bones fazia o que podia para se ajustar a tudo isto. No entanto, havia ainda tanta coisa nova para ele, tantas coisas a estudar e a entender, que os altos e

baixos do casamento de Polly ocupavam não mais que uma pequena fração das suas energias. Com os Jones, Mr. Bones penetrara num mundo diferente daquele que conhecera com Willy e não passava um dia que não fosse surpreendido por uma súbita revelação, que não sentisse um aperto no coração por causa de tudo o que perdera na sua antiga vida. Não eram apenas os passeios diários na carrinha, nem as refeições regulares, nem a ausência de carraças e pulgas no seu casaco de pelos. Eram os churrascos no pátio das traseiras, os ossos de bife do lombo que lhe davam para roer, as saídas ao fim de semana até ao lago Wanacheebee e os banhos com Alice na água fresca, o sentimento geral de esplendor e bem-estar que o inundava. Mr. Bones aterrara na América das garagens para dois carros, dos empréstimos para obras em casa e dos centros comerciais neo-renascentistas, e a verdade é que não tinha objeções a fazer. Willy sempre atacara essas coisas, sempre se erguera contra isso naquele seu jeito desatinado e cómico, mas sempre estivera do lado de fora a ver e nunca dera a mínima hipótese a nenhuma dessas coisas. Agora que estava do lado de dentro, Mr. Bones perguntava-se onde é que o seu antigo dono tinha errado e porque é que se armara até aos dentes para rejeitar os primores da boa vida. Sim, as coisas podiam até nem ser perfeitas naquele mundo, mas também era verdade que havia muito de recomendável naquilo tudo, e a partir do momento em que nos habituávamos à mecânica do sistema, já nem sequer parecia especialmente importante que estivéssemos acorrentados a um arame o dia inteiro. Ao fim de dois meses e meio por aquelas bandas, até já nem ligávamos ao facto de nos chamarmos Sparky.

49 O nome da loja remete para as partidas mais ou menos divertidas que se podem pregar com os artigos vendidos: os já referidos charutos que explodem a meio, os aparelhinhos para dar apertos de mão eletrizantes ou as almofadas que fazem ruídos comprometedores quando o incauto se senta nelas (conhecidas como *whoopee cushions*). Um equivalente possível para o nome original da loja seria «O Mundo (ou A Terra) das Partidas, USA». (*N. do T.*)

50 *Spark plug* é a vela de ignição de um motor de automóvel, mas também a «força motriz», a «mola impulsionadora» de qualquer coisa. No contexto, a primeira hipótese é a mais crível. (*N. do T.*)

51 *United Parcel Service*, companhia de distribuição de encomendas. (*N. do T.*)

O conceito de férias familiares era-lhe inteiramente desconhecido. Em Brooklyn, quando era um cachorrinho, ouvira por vezes Mr. Gurevitch usar a palavra *férias*, mas nunca de uma maneira que a pudesse ligar à palavra *família* e derivadas. O que acontecia era isto: a *Mom-san* largava de repente a lida da casa, desabava no *sofá*, punha os pés em cima da mesinha e soltava um longo e veemente suspiro. «Ora cá está», dizia ela. «Estou de férias». De acordo com este uso, a palavra parecia ser um sinónimo de *sofá*, ou talvez fosse simplesmente uma maneira mais elegante de descrever o ato de uma pessoa se sentar. Qualquer que fosse o caso, não tinha nada a ver com famílias – e muito menos com a ideia de viagem. Viajar fora o que ele fizera com Willy e, se bem se lembrava, a palavra férias nunca aflorara sequer os lábios do dono durante os muitos anos que haviam passado juntos na estrada. As coisas poderiam ter sido diferentes se Willy tivesse tido um emprego bem pago fosse lá onde fosse, mas, tirando uns quantos biscates arranjados aqui e acolá (varrer o chão num bar de Chicago, moço de recados estagiário para uma organização em Filadélfia), Willy sempre fora patrão de si mesmo. Para eles, o tempo fluía sem interrupções; e, não tendo sentido qualquer necessidade de dividir o calendário em períodos de trabalho e períodos de descanso, nem nenhuma razão particular para observarem feriados nacionais, aniversários disto ou daquilo ou dias religiosos, tinham vivido num mundo à parte, num mundo livre dos relógios e contrarrelógios que consumiam tanto do tempo das outras criaturas. O único dia do ano que sobressaía entre os demais era o dia de Natal, mas Natal não era sinónimo de férias, era um dia de trabalho como qualquer outro. Quando chegava o dia 25 de dezembro, por muito exausto ou ressacado que estivesse, Willy nunca deixava de enfiar o fato de Pai Natal e passava o dia deambulando pelas ruas, a espalhar esperança e alegria. Era a sua maneira de honrar o seu pai espiritual, dizia ele, de lembrar os votos de pureza e abnegação que fizera. Mr. Bones sempre achara que a conversa do dono sobre paz e fraternidade era um bocadinho pateta de mais para o seu gosto; mas, por muito doloroso que fosse ver o dinheiro que tinham para o jantar acabar por vezes nas mãos de uma pessoa que estava melhor na vida do que eles, Mr. Bones sabia que, na loucura de Willy, havia um método: o bem gera o bem; o mal gera o mal; e mesmo que o bem que a gente dá encontre do outro lado o mal, não temos outra hipótese senão continuar a dar o bem, ou seja, a dar mais e melhor do que aquilo que recebemos. Caso contrário – e estas eram as palavras exatas de Willy –, para quê darmos-nos ao trabalho de continuar a viver?

Alice foi a primeira pessoa a quem ouviu a frase *A família vai de férias*. Foi no sábado após o Dia de Ação de Graças, tinha ela acabado de aparecer no quintal com um saco de plástico cheio de restos de peru recheado – mais um milagre da imaculada cozinha de Polly. Antes de lhe encher o prato, Alice agachou-se ao pé dele e disse-lhe: «Já está tudo tratado, Sparky. A família vai de férias. Vamos ter umas belas férias, Sparky. Para o mês que vem, quando a escola acabar, o papá vai levar-nos ao Disney World.» Parecia tão feliz e excitada com aquilo que Mr. Bones logo concluiu que eram boas notícias e, como nunca lhe ocorreu que não fizesse parte do *nós* subentendido e do *nos* expresso de Alice, interessou-se mais pela comida que estava à sua espera do que pelas eventuais consequências daquele novo conceito – férias familiares. Demorou à volta de trinta segundos a limpar o prato e, depois de ter bebido meia tigela de água, estirou-se na relva e escutou com toda a atenção os pormenores que Alice se pôs a desfiar. Tiger ia adorar ver o Mickey e o Donald, disse ela; quanto a si, bom, apesar de já ser demasiado crescida para se interessar por coisas tão infantis, a verdade é que se lembrava muito bem de que em miúda era tão doida por elas como o irmão. Mr. Bones sabia muito bem quem era esse tal Mickey e, tendo em conta as coisas que lhe tinham contado, não estava impressionado por aí além. De facto, que raio de história era aquela em que um rato tinha um animal de estimação, que ainda por cima era um cão? Quer dizer, aquilo não podia ser mais ridículo, aquilo era um insulto ao bom gosto e ao bom senso, uma perversão da ordem natural das coisas. Até um idiota era capaz de ver que as coisas deviam ser precisamente ao contrário. Os animais grandes é que mandavam nos animais pequenos – se havia uma coisa de que ele estava certo neste mundo, era que os cães eram maiores que os ratos. Não admira pois que, enquanto descansava na relva naquela tarde de sábado de fins de novembro, Mr. Bones se sentisse francamente desconcertado ao ouvir Alice falar com tanto entusiasmo da viagem que em breve fariam. Por mais que se esforçasse, não conseguia compreender por que raio é que as pessoas se dispunham a fazer centenas de quilómetros unicamente para verem um rato, ou melhor, um boneco a fazer de rato. A vida com Willy podia não ter tido muitas vantagens, mas uma coisa era certa: ninguém podia acusar Mr. Bones de não ter viajado. De facto, tinha andado por tudo quanto era sítio e, no seu tempo, vira quase tudo o que havia para ver. Claro que não lhe competia a ele tomar a iniciativa; mas se os Jones queriam mesmo visitar um sítio interessante, tudo o que tinham a fazer era pedir-lhe uma opinião. Mr. Bones tinha em carteira uma boa dúzia de locais encantadores e conduzi-los-ia de bom grado a qualquer um desses locais.

No resto do fim de semana, nada mais foi dito sobre o assunto férias familiares. Na manhã de segunda-feira, contudo, quando ouviu Polly falar ao telefone com a irmã, Mr. Bones deu-se conta de que interpretara erroneamente – e de que maneira! – as palavras de Alice. Não, afinal as férias não se resumiam a ir ver o rato e, depois do rato visto, ala, toca a andar para casa outra vez. Não, nada disso: as férias da família eram duas semanas na maior confusão e agitação. Ele era aviões, ele era hotéis, ele era carros alugados e equipamento de mergulho, ele era reservas em restaurantes e preços especiais para famílias e mais não sei o quê. E não era apenas a Florida, era também a Carolina do Norte! E enquanto ouvia Polly discutindo os preparativos para passar o Natal em Durham com a irmã, Mr. Bones caiu finalmente em si e percebeu que, para

onde quer que aquelas férias familiares levassem a família, ele não ia nunca estar lá com eles. «Estamos a precisar de uma pausa» estava Polly a dizer, «e pode ser que isto nos faça bem. Sabe-se lá no que isto tudo vai dar, Peg. Mas, de qualquer modo, estou disposta a fazer uma tentativa. Estou com um atraso de dez dias, e se isso quer dizer aquilo que eu acho que quer dizer, então tenho mesmo de pôr a cabeça a pensar rápido.» E depois de um breve silêncio: «Não. Ainda não lhe disse nada. Mas esta viagem foi ideia dele, e eu estou a tentar interpretá-la como um bom sinal.» Seguiu-se outro silêncio, e foi então que Mr. Bones ouviu finalmente as palavras que o esclareceram quanto ao verdadeiro significado da expressão *férias familiares*: «Deixamo-lo num canil. Parece que há um bastante bom a uns quinze quilómetros daqui. Obrigada por me teres lembrado, Peg. É melhor eu começar a tratar disso imediatamente. Na época de Natal, esses sítios costumam ficar a abarrotar.»

Mr. Bones ficou onde estava, à espera de que ela acabasse, fitando-a com uma daquelas expressões tristes e estoicas com que os cães têm encarado as pessoas nos últimos quarenta mil anos.

– Não te preocupes, Spark Plug – disse ela, desligando o telefone. – São só duas semanas. Quando começares a ter saudades nossas, já nós estamos de volta. – Depois, baixando-se para o abraçar, acrescentou: – De qualquer modo, eu vou ter muito mais saudades tuas do que tu minhas. Conquistaste o meu coração, meu velhote, e eu já não posso viver sem ti.

Certo, tudo bem, eles iam voltar. Mr. Bones já não tinha qualquer dúvida de que eles voltariam, mas isso não significava que não tivesse preferido ir com eles. Não que estivesse todo ansioso para ficar encarcerado num quarto de hotel na Florida ou viajar nos porões dos aviões, mas era o princípio da coisa que o afligia. Willy nunca o deixara. Não, não o abandonara uma única vez, fossem quais fossem as circunstâncias, e não estava habituado àquele tipo de tratamento. Sim, teria sido talvez um cão mimado, mas, na sua maneira de ver, para um cão se sentir feliz não bastava que se sentisse desejado. Precisava também de se sentir útil.

Era um revés, sem dúvida, mas, ao mesmo tempo, sabia que não era o fim do mundo. Sabia-o já por experiência própria e, correndo tudo normalmente, era muito provável que até tivesse superado a deceção que sentira e que cumprisse aquela pena de prisão com dócil boa vontade. No fim de contas, já tinha passado por provações piores; mas, três dias depois de ter recebido a má notícia, sentiu a primeira de uma série de dolorosas pontadas no abdómen e, nas duas semanas e meia seguintes, as dores espalharam-se pelo corpo todo, atingindo o lombo, as pernas e até mesmo a garganta. Espíritos malignos ocultavam-se nas profundezas do seu corpo e Mr. Bones sabia que fora Burnside quem lhos pusera lá dentro. O charlatão estivera demasiado ocupado a apreciar as pernas de Polly para o examinar em condições, e por isso mesmo devia ter-lhe escapado qualquer coisa, certamente esquecera-se de fazer um teste qualquer ou de lhe esquadrinhar o sangue com o microscópio certo. Os sintomas eram ainda demasiado vagos para poderem produzir quaisquer manifestações exteriores (não tivera ainda vômitos nem diarreia, nenhum tipo de crise), mas à medida que os dias iam passando, Mr. Bones sentia-se cada vez mais em baixo. Assim, em vez de encarar calmamente aquela história de férias familiares, começou a ficar triste e a matutar muito naquilo tudo, retalhando o todo em mil e uma partes; e aquilo que de

início lhe parecera ser apenas um pequeno incidente de percurso, converteu-se numa calamidade devastadora.

O canil até que nem era mau. Até ele era capaz de ver isso; e quando Alice e o pai o depositaram naquela morada provisória, na tarde do dia 17 de dezembro, Mr. Bones foi obrigado a admitir que Polly fizera o melhor dos trabalhos. *Dog Haven* não era nenhuma Sing Sing, tal como não era a Ilha do Diabo, nem nada que se parecesse, bem pelo contrário; tão pouco era um campo de internamento para animais vítimas de abuso ou negligência. Situado numa propriedade com cerca de dez hectares que, em tempos idos, estivera integrada numa vasta plantação de tabaco, *Dog Haven* era um retiro rural de quatro estrelas, um hotel canino concebido para satisfazer as necessidades e os caprichos dos mais mimados e exigentes béu-béus. As celas onde dormiam alinhavam-se ao longo das paredes leste e oeste de um amplo e comprido edifício de tijolo, que devia ser o antigo celeiro. Eram sessenta as celas e todas elas muito espaçosas (mais espaçosas, de facto, do que a casota de Mr. Bones no quintal dos Jones), e, para além de serem limpas todos os dias, tinham uma manta muito macia e lavada de fresco para o cão se deitar e um brinquedo de couro para roer – com a forma de um osso, de um gato, de um rato, consoante as preferências dos donos. Para lá do portão das traseiras do antigo celeiro havia um prado fechado, com cerca de um hectare, que servia de campo de exercícios. Estavam previstas dietas especiais para os cães que delas precisassem e a gerência não cobrava mais pelos banhos semanais.

Mas nada disto tinha a menor importância, pelo menos para Mr. Bones não tinha. Aquele novo ambiente não conseguia impressioná-lo, não conseguia despertar nele nem uma pontinha de interesse; e mesmo depois de ter sido apresentado ao proprietário, à mulher do proprietário e a vários membros da equipa (todos eles muito simpáticos e militantes incondicionais da causa canina), continuava a não sentir o menor desejo de ficar. É claro que isso não impediu Dick e Alice de partirem; e embora quisesse uivar bem alto o seu protesto contra a patifaria que lhe tinham feito, como é que Mr. Bones ia fazer uma coisa dessas depois de Alice se ter despedido dele lavada em lágrimas e a transbordar de afeto? No seu jeito controlado, até o próprio Dick parecia um pouco triste por ter de se separar dele. Depois enfiaram-se na carrinha e arrancaram. Enquanto via a carrinha avançando lentamente pela estrada de terra e desaparecendo, por fim, para lá do casarão principal, Mr. Bones teve pela primeira vez uma vaga noção do problema que o atormentava. Não, não era apenas um caso de tristeza, e também não era apenas por estar assustado. Havia nele qualquer coisa de grave e, fosse qual fosse o mal que nos últimos tempos vinha fermentando no seu corpo, era mais que certo que estava prestes a explodir. Doía-lhe a cabeça, parecia que tinha um fogo na barriga e uma fraqueza imensa invadira-lhe os joelhos, de tal modo que, de súbito, até lhe custava aguentar-se de pé. Deram-lhe de comer, mas, só de pensar em comida, ficava enjoado. Ofereceram-lhe um osso para roer, mas não quis nada com o osso. Quando muito, aceitaria água; mas quando lhe puseram uma tigela de água à frente, deu duas lambidelas e parou.

Meteram-no numa cela entre um ofegante *bulldog* de dez anos e uma *labrador* dourada que era uma beldade de cair para o lado. Normalmente, uma fêmea daquele calibre teria desencadeado nele um ataque de lúbrico farejamento, mas, nessa noite, mal teve força para dar pela presença dela antes de cair na manta e desmaiar.

Momentos depois de ter perdido a consciência, estava uma vez mais a sonhar com Willy, mas este sonho não era nada parecido com os anteriores: em vez de gentis encorajamentos e reconfortantes racionalidades, Mr. Bones só teve direito à cólera do dono. Talvez fosse a febre que ardia dentro dele, ou, quem sabe, talvez tivesse acontecido qualquer coisa a Willy lá nas paragens de Timbuktu onde ele estava; mas o homem que apareceu a Mr. Bones nessa noite não era o Willy que ele conhecera na vida e na morte durante os últimos sete anos e três quartos. Aquele era um Willy vingativo e sarcástico, um Willy malvado, um Willy sem sombra de compaixão ou bondade, e o pobre Mr. Bones ficou tão aterrado com aquela criatura que perdeu o controle da bexiga e urinou-se todo pela primeira vez desde os seus tempos de cachorrinho.

Para aumentar ainda mais a confusão, o falso Willy era fisicamente idêntico ao verdadeiro e, quando apareceu no sonho dessa noite, vestia o mesmo fato andrajoso de Pai Natal que o cão lhe vira nos últimos sete Natais. Pior ainda: o sonho não se passava em nenhum local familiar do passado – como aquele no metro, por exemplo –, mas sim no presente e na própria cela onde Mr. Bones dormia. Fechou os olhos e, quando voltou a abri-los no sonho, lá estava Willy, sentado a um canto, a escassos centímetros dele, encostado às grades.

– Só te vou dizer isto uma vez – começou o falso Willy. – Por isso, presta bem atenção e bico calado! Já viste o que fizeste de ti? Estás feito um palhaço, um palhaço cansado e nojento, e proíbo-te de deixares entrar a minha pessoa nos teus pensamentos. Não te esqueças disto, vira-lata! Inscreve o que eu te disse na ombreira da porta do teu palácio e não voltes a usar o meu nome, nem em vão, nem por paixão, nem de maneira rigorosamente nenhuma! Eu estou morto e quero que me deixem em paz. O teu interminável rosário de queixas, a baba e ranho que tu choras por causa do que te aconteceu: julgas que eu não oiço isso? Estou farto de te ouvir, cão, e esta é a última vez que me vêes nos teus sonhos! Estás a perceber? Se não estás, eu traduzo: desampara-me a loja, meu grande pascácio! Deixa-me à vontade! Eu agora tenho amigos e já não preciso de ti. Entendido? Põe-te a fancarelos e não saias de lá. Não quero mais nada contigo.

De manhã, a febre tinha subido tanto que Mr. Bones já via a dobrar. O seu estômago convertera-se num campo de batalha para micróbios em guerra, e, de cada vez que se mexia, nem que fosse um milímetro, lá vinha outro ataque. Era como se cargas de profundidade estivessem a ser detonadas no interior das suas tripas, como se gases venenosos estivessem a corroer-lhe as entranhas. Acordara várias vezes durante a noite, sempre acometido por ânsias de vômito que só paravam quando as dores acalmavam, mas nenhuma dessas calmarias durara muito tempo; e quando o dia finalmente nasceu e a luz jorrou por entre as vigas do telhado do antigo celeiro, Mr. Bones pôde ver que estava rodeado por meia dúzia de charcos de vomitado: restos de muco ressequido, fragmentos de carne mal digeridos, pintas de sangue congelado, umas sopas amareladas para as quais nem sequer havia nome.

Por essa altura, já uma grande balbúrdia redemoinhava à sua volta, mas Mr. Bones estava demasiado doente para se dar conta do que quer que fosse. Os outros cães estavam já acordados e bem acordados, ladrando em antecipação do dia que aí vinha, mas o máximo que ele podia fazer era ficar para ali quieto e calado, rendido ao torpor,

contemplando a porcaria que o seu corpo produzira. Sabia que estava doente, mas não fazia ideia até que ponto estava doente e até onde é que aquela doença o levaria. Um cão podia morrer de uma coisa daquelas, disse ele para si mesmo, mas um cão também podia recuperar e ficar como novo numa questão de dias. Se pudesse escolher, preferia não morrer. Apesar do que acontecera no sonho da noite anterior, continuava a querer viver. A crueldade de Willy, aquela crueldade nunca vista, deixara-o completamente aturdido, fizera-o sentir-se miserável e indescritivelmente só, mas isso não queria dizer que Mr. Bones não estivesse pronto a perdoar ao dono o mal que lhe fizera. Não se virava as costas a uma pessoa só porque ela se portava mal connosco apenas uma vez – não depois de toda uma vida de amizade, não, nem pensar, e quando ainda por cima havia circunstâncias atenuantes. Willy estava morto, e sabia-se lá se as pessoas mortas não ficavam todas envinagradas e más como as cobras algum tempo após a morte? Mas também, quem é que lhe garantia que aquele Willy era mesmo o seu Willy? Podia muito bem ser um impostor, um demónio travestido de Willy, enviado de Timbuktu para enganar Mr. Bones e virá-lo contra o seu próprio dono. Porém, mesmo que aquele Willy fosse o seu Willy, e apesar de toda a carga de violência e malvadez com que impregnara as suas observações, Mr. Bones era suficientemente honesto para admitir que havia naquelas palavras um germe de verdade. Sim, era verdade que, nos últimos tempos, passara demasiado tempo a carpir a sua sorte, que desperdiçara um ror de preciosas horas a fazer beicinho por causa de infinitesimais desfeitas e injustiças, e que esse tipo de comportamento era impróprio de um cão da sua estirpe. Havia tantas razões, tantas para estar grato, e tanta vida ainda para ser vivida. Sabia que Willy lhe dissera para nunca mais pensar nele. Mas que havia de fazer, era mais forte do que ele. Estava naquele estado de grande agitação e de semideliúrio característico das febres altas, e sentia-se pouco capaz de controlar os pensamentos que lhe revolteavam na cabeça, ou de se pôr em pé e abrir a porta da cela. Pouco ou nada poderia fazer para impedir que Willy entrasse nos seus pensamentos. O dono não tinha outra hipótese senão tapar os ouvidos e esperar que o pensamento se fosse embora. Mas, pelo menos, Mr. Bones já não se queixava. Pelo menos estava a fazer um esforço para ser um bom cão.

Menos de um minuto depois de ter estado a pensar na porta da cela, apareceu uma jovem que a abriu. Chamava-se Beth e tinha uma *parka* azul de *nylon* daquelas enchumçadas. Coxas rechonchudas, um rosto invulgarmente redondo, um penteado à Little Lulu. Mr. Bones lembrava-se dela do dia anterior. Fora ela quem tentara dar-lhe de comer e beber, fora ela quem lhe fizera festas na cabeça e lhe dissera que de manhã se sentiria melhor. Boa moça, mas um desastre em diagnósticos. Pareceu ficar alarmada com os montinhos de vomitado, de maneira que se agachou e entrou na cela para proceder a um exame mais atento. «Não passaste uma noite lá muito boa, pois não, Sparky?», disse ela. «Acho que é capaz de ser melhor levar-te ao meu pai.» O pai dela era o homem do dia anterior, lembrou-se Mr. Bones, o homem que os guiara numa visita ao hotel. Um tipo corpulento, com umas sobrelanceiras pretas farfalhudas e completamente careca. Chamava-se Pat – Pat Spaulding ou Pat Sprowleen, não se lembrava bem. No filme também entrava uma esposa, a mulher que os tinha acompanhado na primeira parte da visita guiada. Sim, agora é que estava a lembrar-se bem de tudo, havia uma coisa muito curiosa com aqueles dois. A mulher também se

chamava Pat e Mr. Bones lembrou-se de que Alice achara isso cómico e até se rira um bocadinho ao ouvir os dois nomes, facto que levou Dick a chamá-la à parte e a dizer-lhe que tivesse maneiras. Patrick e Patricia. Pat e Pat, para abreviar. Ah, tudo aquilo era tão confuso, tão terrivelmente confuso e sem sentido.

Por fim, Beth lá conseguiu convencê-lo a levantar-se e a acompanhá-la até casa. Vomitou uma vez a meio do caminho, mas sabia-lhe bem o ar frio contra o corpo quente e, uma vez expulsa aquela porcaria espessa e languinhenta do seu sistema, as dores pareceram abrandar consideravelmente. Encorajado, entrou com ela em casa e aceitou gratamente o convite para que se deitasse no tapete da sala de estar. Beth saiu à procura do pai e Mr. Bones, já enroscado diante da lareira, concentrou-se nos sons que vinham do relógio de pêndulo que havia na entrada. Ouviu dez tique-taques, vinte tiquetaques, depois fechou os olhos. Um segundo antes de se afundar no sono, ainda se deu conta de uma ligeira agitação de passos que se aproximavam e da voz de um homem que dizia: «Deixa-o estar sossegado por ora. Veremos como ele está quando acordar.»

Dormiu toda a manhã e uma boa parte da tarde e, quando acordou, teve a sensação de que o pior já tinha passado. Não que estivesse no máximo da sua forma, mas pelo menos agora estava meio-vivo; e como a febre baixara uns quantos graus, já podia mexer os músculos sem ter a sensação de que o seu corpo era feito de tijolos. Bom, fosse como fosse, sentia-se suficientemente bem para aceitar um pouco de água; quando Beth chamou o pai para avaliar o estado de saúde do cão com os seus próprios olhos, a sede levou a melhor sobre Mr. Bones, de tal modo que só parou quando a tigela ficou limpa. Um tremendo erro de cálculo: Mr. Bones não estava em condições de aguentar uma tão prodigiosa quantidade de água e, mal Pat I entrou na sala, despejou tudo o que tinha no estômago para cima do tapete da sala de estar.

– Dava tudo e mais alguma coisa para as pessoas não fazerem do nosso hotel um caixote do lixo para cães doentes – disse o homem. – Só nos faltava agora era que este esticasse o pernil. Ele estica o pernil e nós levamos com um processo em cima, não é?

– Queres que eu telefone ao Dr. Burnside? – perguntou Beth.

– Isso, isso. Diz-lhe que eu vou a caminho. – Dirigiu-se para a porta, mas parou a meio e virou-se para Beth. – Pensando bem, talvez seja melhor ir a tua mãe. Isto hoje está uma barafunda que não se aguenta. Nem sei para onde me hei de virar.

Desta mudança de ideias resultou uma afortunada pausa para Mr. Bones. Com efeito, enquanto Beth e Pat I localizavam Pat II e organizavam a viagem, Mr. Bones teve tempo para congeminar um plano. E, sem um plano, nunca teria sido capaz de fazer aquilo que fez. Tanto lhe fazia que estivesse doente ou de ótima saúde, tanto lhe fazia que, no fim de tudo, estivesse vivo ou fosse desta para melhor. Aquilo que agora lhe propunham era a mais intolerável das torturas, a gota de água que faria transbordar qualquer copo, e uma coisa podia ele garantir: se queriam levá-lo ao anormal daquele veterinário, só por cima do seu cadáver! Era por isso que precisava de um plano. Não teria mais que uns breves segundos para o pôr em prática, daí a necessidade, antes que chegasse a hora H, de ter tudo perfeitamente encaixado na sua cabeça, de maneira a saber exatamente aquilo que havia de fazer e o momento exato em que o havia de fazer.

Pat II era uma outra Beth, mas mais velha. Talvez um bocadinho mais larga de

ancas, *parka* vermelha em vez de azul, mas exibia o mesmo ar de competência machona e imperturbável bom humor. Mr. Bones gostava mais delas do que do Pat I e sentia-se um pouco desgostoso por abusar da sua confiança, sobretudo depois de o terem tratado tão carinhosamente, mas o problema é que aquilo era uma questão de tudo ou nada, e não havia tempo para sentimentalismos. A mulher pôs-lhe a trela e levou-o até ao carro e, tal qual ele previra, abriu-lhe a porta do lado do passageiro para ele entrar primeiro, largando a trela apenas no último momento. Mal Pat II fechou a porta, Mr. Bones saltou para o outro lado do carro e plantou-se no lugar do condutor. Esse era o ponto essencial da estratégia e o truque consistia em não permitir que a trela se enredasse nas mudanças ou no volante ou em qualquer outra saliência (e não se enredou) e em estar a postos logo que ela, depois de ter dado a volta ao carro, abrisse a porta do outro lado (e ele não podia estar mais a postos). Fora assim que ele traçara as coisas na sua mente, e foi assim que as coisas se passaram na realidade. Pat II abriu a porta do lado do condutor e Mr. Bones saltou – saltou e correu e, antes que ela pudesse agarrá-lo pela cauda ou pôr o pé em cima da trela, já ele ia longe.

Seguiu na direção dos bosques que ficavam para norte da casa principal, procurando manter-se o mais longe possível da estrada. Ouviu Pat II gritando-lhe para que voltasse e, logo a seguir, ouviu também as vozes de Beth e Pat I. Pouco depois, ouviu o motor do carro a abrandar de repente e o som de rodas derrapando na lama, mas, por essa altura, já ele estava na profundezas do bosque e sabia que nunca o encontrariam. A escuridão vinha cedo naquela altura do ano, e dentro de uma hora os seus perseguidores já não veriam nada.

Continuou para norte, trotando por entre a vegetação rasteira coberta de gelo enquanto a débil luz de inverno se esbatia à sua volta. Os pássaros dispersavam mal ele se aproximava, voando para os ramos mais altos dos pinheiros, e os esquilos corriam em todas as direções mal ouviam os seus passos. Mr. Bones sabia para onde ia e, mesmo que não soubesse exatamente como lá chegar, confiava no seu nariz para encontrar a direção certa. O quintal das traseiras dos Jones ficava apenas a quinze quilómetros dali e contava lá chegar no dia seguinte, ou, o mais tardar, no outro dia. Não fazia mal que os Jones estivessem fora e só voltassem dentro de duas semanas, nem que a sua comida estivesse fechada a sete chaves na garagem e ele não tivesse a mínima hipótese nem de lhe sentir o cheiro. Ele era apenas um cão e a sua capacidade de raciocínio não o levava tão longe. Para já, a única coisa realmente importante era chegar ao seu destino. Quando lá chegasse, as coisas logo haviam de se resolver.

Ou pelo menos era o que ele pensava. Mas a triste verdade era que Mr. Bones estava enganado. Se estivesse no máximo da sua forma, sem dúvida que teria chegado ao seu destino, mas o corpo não estava em condições de satisfazer as exigências que lhe queria impor, e todos aqueles saltos e correrias depressa cobraram o inevitável tributo. Quinze quilómetros não era uma longa jornada, sobretudo se comparados com as monumentais viagens que realizara apenas há três meses e meio; o problema é que, agora, Mr. Bones viajava de tanque vazio, e a força de vontade de um cão, sem mais ajudas, não era combustível que aguentasse muito. Mesmo assim, fraco como estava, realizou a extraordinária proeza de fazer cerca de três quilómetros sem parar. Foi até aonde as suas pernas o puderam levar, e depois, entre um passo e o passo seguinte, e sem o menor pressentimento do que estava prestes a acontecer, esbarrondou-se no

chão e adormeceu.

Pela segunda vez em duas noites, sonhou com Willy e, uma vez mais, o sonho era completamente diferente dos anteriores. Desta vez estavam na praia de La Jolla, na Califórnia, um local que tinham visitado na sua primeira viagem juntos, era ele ainda um cachorrinho. Queria isto dizer que La Jolla acontecera já há uma quantidade de anos e que, no sonho, Mr. Bones regressava aos tempos em que, para ele, tudo eram descobertas, em que tudo aquilo que acontecia, acontecia pela primeira vez. O sonho começava a meio da tarde. Estava um sol radiante e soprava uma ligeira brisa e Mr. Bones estava deitado com a cabeça no colo de Willy, saboreando a deliciosa sensação que lhe proporcionavam as pontas dos dedos do dono num constante vaivém pela sua cabeça. Teria alguma destas coisas realmente acontecido? Impossível lembrar-se, mas a verdade é que sentia aquela cena de uma forma tão vívida, tão intensa, que até lhe parecia que estava na realidade e não num sonho, e essa era a única coisa que lhe interessava por ora. Belas raparigas em fato de banho, embalagens de gelados e bisnagas de bronzeador, discos vermelhos serpenteando no ar. Foi isso o que ele viu quando abriu os olhos no sonho, e não lhe foi difícil captar a estranheza e a beleza de tudo aquilo, como se uma parte de si soubesse já que estava para lá das fronteiras da realidade pura e dura. Ao princípio, aparentemente, tudo era silêncio, silêncio no sentido de que não havia palavras, apenas o som das ondas subindo e descendo na praia e do vento agitando as bandeiras e os chapéus de sol. Então, uma canção começou a tocar num rádio algures e, com ela, veio uma voz de mulher que cantava *Be my baby, be my baby, be my baby now*. Era uma bela canção, uma bela e estúpida canção, e Mr. Bones deixou-se absorver de tal maneira pela melodia e pela letra que nem sequer se deu conta de que Willy estava a falar com ele. Quando se concentrou nas palavras do dono, tinha já perdido várias frases, talvez parágrafos inteiros contendo informações vitais, e só ao fim de um bocado é que conseguiu perceber do que é que Willy estava a falar.

«Dar-te uma satisfação», foi a primeira coisa que ouviu e, logo a seguir, «desculpa, meu velho» e «teste». Quando a estas palavras se sucederam «uma coisa daquelas não se faz» e «embuste», Mr. Bones já estava bem lançado para entender tudo. O Willy malvado fora um truque, uma artimanha especialmente concebida para lhe empedernir o coração face à memória do dono. Por muito angustiante que fosse a experiência, a verdade é que era a única maneira de testar a constância dos afetos do cão. O diabrete bem que tentara abater-lhe o ânimo; e apesar de ter apanhado um susto quase de morte, Mr. Bones, mal acordara de manhã, não hesitara em perdoar a Willy, em ignorar as suas injúrias e falsas acusações e em mandar tudo aquilo para o departamento das águas passadas. E foi assim que, sem ter a mínima noção de que estava a ser julgado, conseguiu passar no exame com mérito e distinção. O prémio era aquele sonho, aquela visita ao mundo de um langoroso e infundável verão e a oportunidade de lagartear naquele quentinho numa fria noite de inverno; e no entanto, por muito deleitoso e perfeito que aquele sonho fosse, o certo é que era apenas um prelúdio de uma coisa muito mais importante.

– Que coisa é essa? – ouviu-se Mr. Bones a perguntar; e, de súbito, teve uma vez mais consciência de que era capaz de falar, de que era capaz de formar palavras tão clara e fluentemente como qualquer duas patas latindo na sua língua materna.

– Isso, para começar – disse Willy.

– Isso o quê? – perguntou Mr. Bones, completamente a leste. – Que coisa?

– Isso que tu estás a fazer agora.

– Eu não estou a fazer nada. Estou só aqui deitado contigo na areia.

– Estás a falar comigo, não estás?

– Dá a impressão que sim. Parece que sim. Mas isso não quer dizer que eu esteja realmente a falar.

– E se eu te dissesse que estás mesmo a falar?

– Não sei. Acho que me levantava e desatava a dançar.

– Bom, então podes começar a dançar, Mr. Bones. Não há razão para inquietações quando chegar a hora.

– Que hora, Willy? De que é que estás a falar?

– Quando chegar a hora de ires para Timbuktu.

– Isso quer dizer que também deixam entrar os cães?

– Nem todos. Só alguns. Cada caso é tratado separadamente.

– E eu fui aceite?

– Pois foste.

– Não brinques comigo, dono. O assunto é demasiado sério, acho que não aguentaria se estivesse a gozar comigo.

– Acredita no que te digo, vira-lata: tu foste aceite. A decisão já está tomada.

– E quando é que eu vou poder partir?

– Quando chegar a hora. Tens de ser paciente.

– Tenho de bater a bota primeiro, não é?

– Pois, o negócio é esse. Entretanto, só te peço que te portes bem. Regressa ao *Dog Haven* e deixa que eles cuidem de ti. Quando os Jones te forem buscar, lembra-te da sorte que tiveste. A Polly e a Alice são tudo o que um cão pode querer. Podes crer no que te digo: melhor do que elas não há. E outra coisa: não te chateies por causa do nome que te deram. Para mim, serás sempre Mr. Bones. Mas se alguma vez te sentires muito em baixo por causa desse nome, só tens de fazer uma coisa, que é pô-lo na sua forma latina, e vais ver que te sentes muito melhor. Sparkatus. Soa bem, não soa? Sparkatus, o Cão. Olhai, senhores, vede quem lá vem! É Sparkatus, o mais nobre dá ao rabo de todo o Império Romano!

Sim, de facto soava bem, soava lindamente. Quando Mr. Bones acordou à primeira luz da manhã, aquele som retinia ainda na sua cabeça. Tanta coisa mudara enquanto estivera a dormir, tinham-lhe acontecido tantas e tantas coisas desde o momento em que fechara os olhos que, de início, nem reparou na neve que caíra durante a noite, e tão-pouco se deu conta de que o tilintar que estava a ouvir não era causado pelo som da palavra *Sparkatus*, mas sim pelos ramos cobertos de gelo que lentamente chiavam ao sabor do vento. Relutante em abandonar o mundo do sonho, Mr. Bones só gradualmente se foi apercebendo do intenso frio à sua volta, e, a partir do momento em que começou a sentir o frio, deu-se conta de um calor igualmente intenso. Havia qualquer coisa a arder dentro de si. O frio estava do lado de fora e o calor do lado de dentro; tinha o corpo coberto de neve e, dentro do seu corpo, a febre voltara, tão feroz e paralisante como no dia anterior. Fez uma tentativa para se levantar e sacudir a neve que lhe gelava o pelo, mas acabou por desistir, pois tinha a sensação de que tinha

esponjas no lugar das pernas. Talvez mais tarde, disse para si mesmo, talvez mais tarde quando o sol subisse no céu e o ar aquecesse um pouco. Entretanto, deixou-se ficar onde estava e pôs-se a estudar a neve. Não tinham caído mais que uns magros centímetros, mas isso era o bastante para que o mundo parecesse um sítio diferente. Havia algo de assustador na alvura da neve, pensou ele, assustador e belo ao mesmo tempo; enquanto observava dois pares de pardais e chapins debicando aqui e acolá à procura de qualquer coisa para o pequeno-almoço, sentiu uma pequena pontada de compaixão vibrando dentro de si. Sim, até daqueles inúteis pataratas sentia pena. Era mais forte do que ele. A neve parecia tê-los juntado a todos, e, por uma vez na vida, foi capaz de vê-los não como uns chatos de primeira, mas como seus semelhantes, membros da secreta irmandade. Enquanto observava os pássaros, lembrou-se de que Willy lhe dissera para regressar a *Dog Haven*. Era um bom conselho, e tê-lo-ia seguido se o seu corpo estivesse em condições de cumprir tal tarefa. O problema é que não estava. Sentia-se demasiado fraco para tão longa viagem; e se não podia contar com as pernas para o levarem até lá, então não teria outra hipótese senão ficar onde estava. Não tendo mais nada que fazer, resolveu comer alguma neve e recordar todos os passos do sonho.

Daí a pouco começou a ouvir os sons de carros e camiões, o ruído baço e constante do trânsito das primeiras horas da manhã. O sol estava nesse mesmo instante a assomar no céu; enquanto a neve derretia nos ramos e caía no chão à sua frente, Mr. Bones deu consigo a pensar se a autoestrada ficaria tão perto como parecia. É que os sons, por vezes, pregavam-nos partidas, e não seria a primeira vez que o ar o enganava, levando-o a pensar que uma coisa distante estava mais perto do que realmente estava. Não queria desperdiçar as suas energias em esforços vãos, mas se a estrada estava onde ele pensava que devia estar, então talvez tivesse uma hipótese. O tráfego estava a aumentar agora e os seus ouvidos detetavam toda a sorte de veículos sulcando numa pressa a autoestrada molhada, um infundável desfile de carros grandes e carros pequenos, de camiões e carrinhas, de autocarros de longa distância. Ao volante de cada um desses veículos ia uma pessoa, e se ao menos um desses condutores estivesse disposto a parar e a ajudá-lo, então... então talvez ele se salvasse. Claro que teria de subir primeiro a colina que estava diante de si e, se tinha de subir, claro que depois teria de descer; mas por muito penosa que essa caminhada pudesse ser, não tinha outra saída senão fazer aquilo que tinha de ser feito. A estrada ficava algures para aquelas bandas e ele tinha de encontrá-la. O único problema era que tinha de encontrá-la à primeira tentativa. Se metesse pelo caminho errado, não teria forças para voltar a subir a colina e começar tudo de novo.

Mas a estrada era mesmo ali e, quando finalmente a viu, após quarenta minutos de constante combate contra espinhos que lhe roçavam a pele e rochas e raízes que se atravessavam no meio do seu caminho, e depois de ter perdido o pé e de ter escorregado por uma ravina e de ter encharcado o pelo com os resíduos lamacentos da neve, o doente e febril Mr. Bones acreditou que estava a um passo da salvação. A estrada era uma coisa imensa, a estrada era uma coisa capaz de deixar estonteado qualquer um: uma super autoestrada de seis faixas, com carros e camiões passando a toda a brida em ambas as direções. Com a humidade da neve derretida formando ainda uma película sobre a superfície negra da estrada, com os separadores metálicos e os

ramos das árvores alinhados ao longo das bermas leste e oeste, e com o sol de inverno luzindo no céu e reflectindo-se naqueles milhões de gotas de água, a autoestrada surgia aos olhos de Mr. Bones como um espetáculo de pura claridade, um campo de desmedida luz. Aquilo era exatamente o que o seu coração havia pedido, e Mr. Bones sabia agora que a ideia que lhe ocorrera durante aqueles quarenta minutos de devastadora luta a subir e a descer a colina, era a única solução correta para o problema. Os camiões e os carros podiam levá-lo para longe dali, mas também podiam esmagar-lhe os ossos e fazer com que ele deixasse de respirar para todo o sempre. Ficava tudo tão claro a partir do momento em que se via as coisas bem lá do alto. Não tinha de esperar que a hora chegasse; a hora estava ali mesmo, diante dos seus olhos. Tudo o que tinha a fazer era dar um passo em frente e num instante estaria em Timbuktu. Estaria na terra das palavras e das torradeiras transparentes, no país das rodas de bicicleta e dos desertos escaldantes, onde os cães falavam como iguais com os homens. Willy reprovaria de início, mas só porque pensaria que Mr. Bones chegara a Timbuktu à boleia do suicídio. Porém, aquilo que Mr. Bones tinha em mente estava longe, muito longe, da baixeza do suicídio. Ia muito simplesmente jogar a um jogo, o tipo de jogo a que qualquer cão velho, doente e maluco, jogaria. E era isso que ele era agora, não era? Um cão velho, doente e maluco.

Chamava-se «finta o carro» e era um desporto venerável e com grandes tradições, que permitia a cada velhote que o praticava o reencontro com as glórias da juventude. Era divertido, era revigorante, era um desafio às capacidades atléticas de todo e qualquer cão. E muito simples: o cão atravessava a estrada e via se conseguia evitar levar uma trombada de um carro. Quanto mais vezes o cão chegava intacto ao outro lado, tanto mais subia no pódio dos campeões. É claro que, mais tarde ou mais cedo, o jogador acabaria fatalmente por ter todas as probabilidades contra si, e raros eram os cães praticantes do «finta o carro» que não tinham sofrido uma tremenda derrota na sua última partida. Mas era precisamente aí que estava a beleza do jogo: no momento em que se perdia, ganhava-se.

E foi assim que, naquela resplandecente manhã de inverno na Virgínia, Mr. Bones, também conhecido por Sparkatus, companheiro inseparável do malogrado poeta Willy G. Christmas, tratou de provar que era um campeão entre os cães. Um passo em frente e disse adeus às ervas, postando-se na berma leste da autoestrada. Esperou por uma pausa no trânsito e, então, desatou a correr. Embora muito fraco, tinha ainda um resto de vigor nas pernas, e a partir do instante em que apanhou o ritmo, sentiu-se tão forte e tão feliz como não se sentia há muitos meses. Correu para o ruído, para a luz, para o clarão e o fragor que se abatia sobre ele vindo de todas as direções.

Com alguma sorte, estaria com Willy antes que escurecesse.